

IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

I

DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO

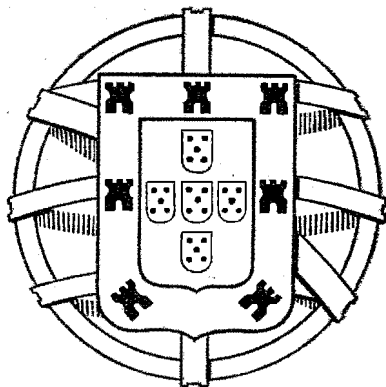
pelo

P. MANUEL DA NÓBREGA

Com Preliminares e Anotações Históricas e Críticas

de

SERAFIM LEITE S. I.



LISBOA *~* MCMLIV

02453



A PRESENTE EDIÇÃO

O «Diálogo do Padre Nóbrega sobre a Conversão do Gentio» é a primeira obra literária que, como tal, se escreveu no Brasil. Antes dela, quanto é conhecido pertence ao género epistolar, em que, nas cartas de Nóbrega, não faltam, aqui e além, certos resquícios de beleza. Mas pelo Diálogo se infere que ele só não deixou obra literária mais vasta, porque as suas obrigações de chefe e condutor de homens lhe não permitiram os ócios indispensáveis para a escrever. Escreveu esta, como diz no breve prólogo, «porque me dá o tempo lugar», num momento de transição em que a sua actividade específica de missionário se iria desdobrar noutra da máxima importância política para a unidade e formação histórica do Brasil.

No último quartel do século XIX divulgou-se e imprimiu-se o Diálogo com as deficiências de vária ordem, que adiante se apontarão ao dar notícia do texto, e que bem poucos leitores estariam habilitados a corrigir por si-mesmos; e ainda assim há muito que se esgotou o livro em que corria, editado em 1931 pela Academia Brasileira de Letras.

Como objecto de estudo, esta obra, pequena em si mesma, valioso espécime todavia da literatura brasileira (já brasileira, porque é literária, escreveu-se no Brasil, e tem por assunto os Índios), pode considerar-se sob este aspecto literário ou sob o aspecto etnológico, ou sob o aspecto religioso: o literário pelo estilo e pelo género (diálogo); o etnológico pelos Índios; e o religioso por tratar da conversão de certa categoria de homens a uma religião positiva, que é a cristã.

A ideia nuclear exprime-a o título; e portanto sobre ela — a Conver-

são do Gentio — versam de preferência os Preliminares (I); examina-se depois o Diálogo nos seus elementos constitutivos (II); dá-se o texto apógrafo, que é propriamente a edição diplomática (III); e, para estabelecer a leitura corrente, o texto actualizado (IV). Dois apêndices fecham a presente edição.



A bibliografia manuscrita consta do próprio texto do Diálogo, existente na Biblioteca e Arquivo Público de Évora, e do Apêndice B, inédito, do *Archivum Romanum Societatis Iesu*; o mais é de menor significação, apenas referência a algum documento ou do mesmo *Archivum: Lusitania* (Lus.); *Brasília* (Bras.); ou da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde se conserva o antigo códice da Casa de S. Roque (Lisboa), «*Cartas dos Padres*», que nalgum caso preferimos consultar directamente.

A bibliografia impressa é:

ALMEIDA, Fortunato de. — *História da Igreja em Portugal*. 4 vols. Coimbra, 1910-1921.

— *História de Portugal*. 6 vols. Coimbra, 1922-1929.

ALVARENGA, Oneyda. — *Música popular brasileira*. México, 1947.

ANCHIETA, José de. — Ver *Cartas Jesuíticas*.

AYROSA, Plínio. — Ver VALE, Leonardo do.

BALDUS, Herbert — VILLEMS, Emílio. — *Dicionário de Etnologia e Sociologia*. São Paulo, 1939.

BARROSO, Gustavo. — *O Brasil na lenda e na cartografia antiga*. São Paulo, 1941.

CARDIM, Fernão. — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro, 1925.

CAMÕES, Luís de. — *Lusíadas*. Lisboa, 1572. — Ver JUROMENHA; — Ver LEITE.

CAPISTRANO DE ABREU, J. — Ver PORTO SEGURO.

Cartas Jesuíticas. Publicações da Academia Brasileira de Letras, «Colecção Afrânio Peixoto»: — I. Manuel da Nóbrega, *Cartas do Brasil, 1549-1560*. Anotadas por Vale Cabral e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro, 1931. [*Cartas de Nóbrega*,...]; — II. *Cartas Avulsas, 1550-1568*. Anotadas por Afrânio Peixoto. Rio, 1931. [*Cartas Avulsas*,...]; — III. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Ser-*

- mões do Padre Joseph de Anchieta, S. J., 1554-1594. Anotadas por António de Alcântara Machado. Rio, 1933. [*Cartas de Anchieta*,...].
- CORTESÃO, Jaime. — *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro, 1943.
- CUEVAS, Mariano. — *Documentos inéditos del siglo XVI para la historia de México*. México, 1914.
- DOURADO, Mecenaz. — *A Conversão do Gentio*. Rio de Janeiro, 1950.
- GARCIA, Rodolfo. — Ver CARDIM; — Ver PORTO SEGURO.
- GARCÍA VILLADA, Zacarías. — *Historia Eclesiástica de España*. 3 Tomos. Madrid, 1929-1936.
- HANKE, Lewis. — *La Lucha por la Justicia en la Conquista de América*. Buenos Aires, 1949.
- HERNÁEZ, Francisco Javier. — *Collección de bulas, breves y otros documentos relativos a la Iglesia de América y Filipinas*. 2 vols. Bruxelas, 1879.
- HUBY, Joseph. — *Christus-Manuel d'histoire des religions*. Paris, 1927.
- JUROMENHA, Visconde de. — *Obras de Luiz de Camões*, I. Lisboa, 1860.
- LEITE, Serafim. — *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols. Lisboa — Rio de Janeiro, 1938-1950.
- *Camões Poeta da Expansão da Fé*. Rio de Janeiro, 1943.
- *Novas Cartas Jesuíticas — De Nóbrega a Vieira*. São Paulo, 1940.
- *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil 1549-1760*. Lisboa — Rio de Janeiro, 1953.
- *Nóbrega e a fundação de São Paulo*. Lisboa, 1953.
- LEVILLIER, Roberto. — *Don Francisco de Toledo, supremo organizador del Perú; su vida, su obra (1515-1582)*. 3 vols. Buenos Aires, 1935-1942.
- LÚCIO DE AZEVEDO, J. — *Historia dos Christãos Novos Portugueses*. Lisboa, 1922.
- *Cartas do Padre António Vieira*. — Ver VIEIRA.
- MESQUITA FILHO, Júlio de. — *Ensaíos Sul-Americanos*. São Paulo, 1946.
- NÓBREGA, Manuel da. — Ver *Cartas Jesuíticas*.
- OLIVEIRA, Miguel de. — *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa, 1940.
- PINTO, Estêvão. — *Os Indígenas do Nordeste*. 2 vols. São Paulo, 1935-1938.
- PORTO SEGURO, Visconde de. — *História Geral do Brasil*. Anotada por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. 5 vols. 3.^a ed. integral [1, 4.^a ed.]. São Paulo, sem data.
- RICARD, Robert. — *La «Conquête Spirituelle» du Mexique*. Paris, 1933.
- ROUËT DE JOURNAL, M. J. — *Enchiridion Patristicum*. Friburgo de Brisgóvia, 1932.
- SCHURHAMMER, Georg — WICKI, Josef. — *Epistolae S. Francisci Xaverii*. 2 vols. Roma, 1944-1945. [=MHSI, vols. 67-68].
- VALE, Leonardo do. — *Vocabulário na Língua Brasileira*. (Ed. de Plínio Ayrosa). São Paulo, 1938.

VASCONCELOS, Simão de. — *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil... em quanto alli trabalhou o Padre Manoel da Nobrega com sua vida e morte digna de memoria*. Lisboa, 1663.

VIEIRA, António. — *Sermoens*. 15 vols. Lisboa, 1679-1748.

— *Cartas* (Ed. de J. Lúcio de Azevedo). 3 vols. Coimbra, 1925-1928.

VILLEMS, Emílio. — Ver BALDUS, Herbert.

WICKI, Josef. — Ver SCHURHAMMER.

I

PRELIMINARES

A Conversão do Gentio do Brasil

Abriu-se o II tomo da «*História da Companhia de Jesus no Brasil*» (1938) com a «*Obra da Conversão*», que poderia servir de preâmbulo ao «*Diálogo da Conversão do Gentio*» do P. Manuel da Nóbrega. Mas agora trata-se de plano histórico menos geral; e pela mesma delimitação e dificuldade do assunto em vez do método de pura exposição, pareceu útil dar preponderância à parte crítica, para elucidar alguns pontos miudos mais relacionados com o Diálogo. A começar pelo título.

A *conversão*, como acto humano, é estritamente individual e significa mudança de vida. Aplica-se a situações muito variáveis; e até dentro do Cristianismo, o que é da experiência quotidiana; um cristão passa longos anos em escândalo público e um dia corta com o passado, e começa a viver bem: diz-se que se converteu. Outro abandonou por muitos anos a prática religiosa e até a vituperou, e um dia decide-se a tornar a vivê-la e o faz: converteu-se. Mas além deste acto psicológico pessoal, comum a todo o género de conversões, na do Gentio à fé *cristã*, intervém um elemento essencial, que é a *graça sobrenatural da fé*. Sobre esta conversão à fé *cristã* versa o Diálogo — e é esta a definição e intenção de Nóbrega.

Gentio é palavra que se presta a equívocos. Cândido de Figueiredo deriva-a do latim *genitivus*, de *genitus*. E o «*Dicionário de Etnologia e Sociologia*» comenta, referindo-se também a «gentilidade» e «gentilismo»: «Estes termos, muito usados principalmente na época das descobertas e conquistas, não são recomendáveis para o emprego científico, porque representam o

ponto de vista subjectivo cristão, sendo além disso demasiadamente vagos»¹. **Observação justa**, falando de Índios actuais. Tratando-se, porém, do século XVI é forçoso conhecer o termo na acepção usada pelos autores e com o significado e intenção deles; e esta compreende-se melhor pela origem da palavra, que com mais propriedade é *gens*, *gentis*.

Para o povo romano *gentes* eram as nações estrangeiras; e, para os judeus e cristãos (monoteístas), *gentes* eram os que professavam outra religião. De *gens*, *gentis* vem *gentilis*, no plural *gentiles*, com a mesma acepção de *gentes*: *gentiles* eram os estrangeiros (a que corresponde o vocábulo grego «bárbaros»); *gentiles* os que não eram judeus nem cristãos, quer dizer, os que professavam outras religiões englobadas sob a designação geral de paganismo. E, como se sabe, o genitivo de *gentiles* é *gentilium*, que na língua portuguesa deu *gentio* (com a queda do L), na língua espanhola *gentil* (conservado o L) como é próprio de cada uma. Posto isto, no Brasil, *conversão do Gentio*, é conversão ao Cristianismo de Índios não cristãos².

Que Gentio ou Índios eram estes? Também não é preliminar ocioso, porque fala-se às vezes do Índio «in abstracto» e dão-se respostas, que podem convir a uns e não a outros. Todos os Índios eram homens, mas em concreto variavam; a observação é de Roberto Levillier, referindo-se às disputas da América Espanhola. De que Índios tratavam?

«Índios eran los tekeastas y tahinos de Cuba, mansos y hospitalarios; indio, el caribe antropófago; indio el otomí primitivo, que vivía en cuevas; indio el salvaje jíbaro; indio el uro, más pez que hombre, que vivía en las aguas del Titicaca; indio, el artístico picapedrero maya, y el orfebre chibcha, y el sabio legislador incaico, y el delicado ceramista yunga, y el tejedor coya; indio el heroico azteca, y el canibalesco chiriguano, y los indómitos diagui-

1. HERBERT BALDUS e EMÍLIO WILLEMS, *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (São Paulo 1939) 110.

2. Na África seriam os Angolas e outros, e na Índia os Hindus. Camões usa o termo «gentio» aplicado a Hindus com frequência e às vezes em estrofes seguidas: «Que tanto que ao *Gentio* se apresenta» (*Lusiadas*, VII, 75); «Mas comer o *Gentio* não pretende», VII, 76; «Tudo o *Gentio* nota», VII, 77. Não o aplica aos muçulmanos, porque eram monoteístas, como os Cristãos e os Judeus.

tas y araucanos; indios, el tímido jurí, el nómada lule y el sedentario comechingón y el fiero guaraní, y variaban las inteligencias, las crueldades y mansedumbres, los tonos de la piel, las lenguas, los ritos y las teogonías, y se confundían los *veri domini* con los indios usurpadores que los sujetaron a su obediencia. Ni en su posición jurídica, ni en su aspecto físico, ni en su lengua, ni en sus gustos, ni en sus modalidades morales, ni en sus capacidades creadoras eran los mismos»³.

Transcrevendo este trecho, observa Lewis Hanke: «Nem Las Casas nem Sepúlveda deram resposta a esta pergunta, que a Levillier e a todos nós nos parece hoje tão razoável»⁴.

Na enumeração de Índios da América Espanhola, contemporâneos de Nóbrega, somente o «fero guarani» tem relação com o Sul do Brasil e é o que os Portugueses chamavam Carijó. Mas pelos escritos de Nóbrega e dos seus súbditos — e pelo próprio Diálogo — se determinam: eram os Índios da Baía, Porto Seguro, Espírito Santo e São Vicente, com quem os Padres tratavam, todos de língua tupi; há referência a Tamoios e Aimurés com quem ainda então não tratavam. Aqueles Índios aparecem, nas primeiras falas do Diálogo, como comedores de carne humana, sem deus a quem adorem, sem rei a quem obedeçam.

Na «Informação da Terra do Brasil», escrita em 1549⁵, dá Nóbrega pormenores sobre a religião tal como a viu. Refere-se expressamente aos Tupinambás e Tupinaquins:

«Esta gentildade nenhuma coisa adora, nem conhece a Deus; somente

3. ROBERTO LEVILLIER, *Don Francisco de Toledo, supremo organizador del Perú; su vida, su obra, 1515-1582*, I (Buenos Aires 1935) 178.

4. LEWIS HANKE, *La Lucha por la Justicia en la Conquista de América* (Buenos Aires 1949) 350.

5. Não se conserva o original, mas apenas cópia sem data. Pareceu-nos que seria 1550, mas há na própria «Informação» um elemento que prevalece a todos os mais e a situa em 1549: é a referência a uns índios cativos [Carijós] que Nóbrega tratava de pôr em liberdade e faria restituir a suas terras, e com eles iria um Padre. Este Padre é Leonardo Nunes, que de facto partiu da Baía para o Sul a 1 de Novembro de 1549. A carta é portanto antes desta data. Isto com certeza; e pertence, com probabilidade, ao grupo de outras, que mandou para Portugal em Agosto desse ano.

as trovões chama Tupane, que é como quem diz coisa divina. E assim nós **não temos outro vocábulo** mais conveniente para os trazer ao conhecimento **de Deus**, que chamar-lhe Pai Tupane. Sòmente entre eles se fazem umas **cerimónias da maneira seguinte**: De certos em certos anos vêm uns feiticeiros **de mui longes terras**, fingindo trazer santidade e ao tempo da sua vinda lhes mandam limpar os caminhos e vão recebê-los com danças e festas, segundo seu costume; e antes que cheguem ao lugar, andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo públicamente as faltas que fizeram a seus maridos umas às outras e pedindo perdão delas.

Em chegando o feiticeiro, com muita festa ao lugar, entra em uma casa escura e põe uma cabaça, que traz em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos, e mudando sua própria voz em a de menino junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, nem vão à roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá a casa, e que as enxadas irão a cavar e as frechas irão ao mato por caça para seu senhor, e que hão-de matar muitos dos seus contrários, e cativarão muitos para seus comeres, e promete-lhes larga vida, e que as velhas se hão-de tornar moças, e as filhas que as dêem a quem quiserem; e outras coisas semelhantes lhes diz e promete, com que os engana, de maneira que crêem haver dentro da cabaça alguma coisa santa e divina, que lhes diz aquelas coisas, as quais crêem. Acabando de falar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demoninhadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e escumando pelas bocas, e nisto lhes persuade o feiticeiro que então lhes entra a santidade; e a quem isto não faz tem-lho a mal. Depois lhe oferecem muitas coisas e em as enfermidades dos Gentios usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias»⁶.

6. MANUEL DA NÓBREGA, *Cartas do Brasil. 1549-1560* [*Cartas Jesuíticas I*], edição da Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro 1931) 99-100. Citamos: *Cartas de Nóbrega*. — Afrânio Peixoto transcreve e comenta as observações de Nóbrega: «Esta página merece a meditação de quantos se interessam pelos fenómenos da psicologia religiosa; no fim há uma cena de histeria colectiva, que vai de um lado ao profetismo das sibilas e pitonisas, do outro ao baixo espiritismo contemporâneo» (*Cartas Jesuíticas II. Cartas Avulsas* (1550-1568). Edição da

Para Nóbrega aquela «cabaça» não era ídolo, mas objecto mágico a concordar com o nome de feiticeiro (pagé). Todavia, se os Índios não possuíam o conhecimento de Deus, quer o erudito, quer mesmo o que anda nas cartilhas da doutrina cristã, nem por isso se pode dizer que professavam o ateísmo. Porque na «santidade», descrita por Nóbrega, acham-se, segundo a nomenclatura dos etnólogos, os elementos essenciais das religiões primitivas e do seu culto externo: sacerdote («feiticeiro»), cabana sagrada («casa escura»), ídolo («cabaça em figura humana»), oração (pedidos e promessas de bens materiais) ⁷.

Quantos observam os Índios por contacto directo (e nós em pessoa nos incluímos neste número com Índios do Amazonas nas cabeceiras de confluências do Rio Negro) notam as suas virtudes e os seus defeitos e às vezes o notam de tal maneira que parecem contraditórios, nem é preciso que medeie grande tempo entre uma observação e outra. Todos conhecem a Carta de Pero Vaz de Caminha e a objectividade e simpatia com que vê os Índios. Pois, falando de uns a quem Pedro Álvares Cabral tratou bem e se foram para o mato e não voltaram, escreve: «Os outros dois que o Capitão teve nas naus, a que deu o que já disse, nunca mais apareceram — do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva» ⁸. Expressões equivalentes àquela de «bestial» são frequentes nos autores, «a modo de feras», «como brutos animais», etc., comparações referidas a costumes, que lhes não tiram a qualidade de *homens* e de *gente*.

Na actualidade há quem olhe os Índios só pelo prisma da simpatia: e

Academia Brasileira de Letras, Prefácio e notas de AFRÂNIO PEIXOTO (Rio de Janeiro 1931) 394). Sobre fenómenos modernos daquele estado de «possessão» ou «transe» feminino descrito por Nóbrega, cf. ONEYDA ALVARENGA, *Música brasileira* (México 1947) 177-178.

7. A frase «não conhecem a Deus», não a usam só os Padres do Brasil. Na Índia Oriental, os Hindus tinham templos, ícones, livros «sagrados», religião organizada, e a maneira como S. Francisco Xavier fala deles é, exactamente, a mesma de Nóbrega. Xavier pede a S. Inácio que encomende a Deus os missionários da Índia, «poichè sa quanto sia grande fatigha haver da far con gente che non conosce Iddio nè obedisce alla ragione, tanto che per l'usanza del viver in peccati, il levar l'usanza di quelli gli pare cosa fuor di ragione» (GEORG SCHURHAMMER — JOSEF WICKI, *Epistolae S. Francisci Xaverii*, II (Roma 1945) 22).

8. JAIME CORTESÃO, *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (Rio de Janeiro 1943) 222.

foge quanto pode a mencionar que comiam carne humana (e no México os espantosos sacrifícios humanos); outros olham-nos pelo da antipatia; e não reparam em certas virtudes, como a que lembra Nóbrega que «entre si vivem mui amigavelmente». Esta dificuldade em ser imparcial e objectivo na apreciação dos Índios nasce quer da diversidade de sentimentos e ditames de quem escreve sobre este assunto, quer da própria fraseologia antiga que pela sua variação e falta de univocidade quase invalida hoje o seu uso científico. Está neste caso a palavra «capacidade» referida aos Índios.

Teriam eles, como Nóbrega os achou, capacidade para o *perfeito* conhecimento da religião Cristã? Posta assim a questão, a resposta parece que deve ser negativa. Mas desde a fé do carvoeiro, da gente simples, até à ciência aprofundada dos teólogos, há a imensa escala de milhões de crentes, muitos dos quais — e dos mais cultos — ver-se-iam em sério embaraço se tivessem de responder com precisão a certos pontos da religião que praticam. Há um mínimo de doutrina, que é necessário para o baptismo de adultos, — e esse basta. E por esta porta se estabelecia, e estabelece ainda hoje, a Igreja em território de Missões.

Mas para este mínimo teriam eles capacidade natural? Na América Portuguesa a questão não teve nada que se parecesse com as violentas disputas da América Espanhola, a que procurou dar remédio a Bula de Paulo III, «*Sublimis Deus*» de 2 de Junho de 1537⁹; e essas disputas são ainda de vez em quando reavivadas por escritores, que se fixam em frases soltas dos textos, sem reparar talvez que tomando-se outras frases se poderia inferir o contrário. O homem prudente lê-as, e, se se prestam a isso, toma-as como instrumento de trabalho; e espera. Porque teorias são explicações, não são certezas.

E assim, a negação da capacidade natural dos homens chamados primitivos para conhecer a Deus ou a teoria do prelogismo segundo a qual o estado mental desses homens era incapaz de raciocinar, pelo princípio da causalidade, o mesmo que a inventou, Lévy-Bruhl (1910), a retratou (1949)¹⁰;

9. Cf. infra Apêndice A.

10. Deviam visar a teoria de Lévy-Bruhl e dos seus seguidores, antes dele se retratar,

e a seguir a Lévy-Bruhl veio Griaule com os seus Dogons, aos quais atribui metafísica transcendente, uma espécie de super-homens, colocando-se assim no extremo oposto. Os missionários modernos, que tratam com povos indígenas como o P. Tempels, católico (Bantus), e Maurício Leenhardt, protestante (Nova Caledónia), o que dizem é que esses homens, pela sua educação tradicional não se adaptam imediatamente às nossas categorias mentais, sem que isso queira dizer incapacidade radical. E como os missionários não se apresentam no terreno instável das teorias, mas dos factos, as suas observações são mais conformes com a natureza das coisas, isto é, com o fundo permanente de verdade humana, tanto hoje como no tempo de Nóbrega. Enquanto, pois, se vão formulando e devorando umas às outras as teorias, o que importa aos historiadores do Brasil é averiguar o que de facto sucedeu no Brasil. Nóbrega achou o mesmo problema dos naturais da terra, e, procurando resolvê-lo dentro da sua missão específica de evangelizador, deu-lhe uma solução de preferência pedagógica; não descurou os adultos, mas fixou-se mais na educação dos filhos. Dos filhos de índios (pai e mãe), portanto de igual natureza, diz ele, no Diálogo, que educados numa estrutura social diferente, muitos faziam vantagem na compreensão da doutrina aos seus condiscípulos filhos de brancos (pai e mãe).

Na Baía, depois do Diálogo, Nóbrega reuniu os rapazes índios em Casa anexa ao Colégio, e nisto andava quando em 1559 recebeu ordem do P. Doutor Torres (ordem aliás não bem recebida pelo Padre Geral quando dela teve conhecimento) de passar o cargo ao P. Luís da Grã e de trocarem as residências, indo Grã para a Baía e ele para São Vicente. Em São Vicente achou bem diminuída a obra que ali deixara com a Casa de Piratininga, e entendeu do novo Provincial que, por interpretar as Constituições com espírito diverso de Nóbrega, iria também desfazer a Casa de Rapazes que deixara na Baía. E escreve ao P. Geral Diogo Laynes:

estas palavras escritas por Edmundo O'Gorman a Lewis Hanke: «Para estos hombres del XVI la humanidad es *ante todo* cosa de posibilidad de salvación eterna y el problema de la razón es *sólo cosa de grado*. Pero como los historiadores ya no entienden nada de la visión auténtica del mundo cristiano y están empeñados en salirse con la suya, sólo se fijan en lo que les conviene y en acumular notas y bibliografías» (LEWIS HANKE, *La Lucha*, 454).

«Este ano de 60, sendo-me mandado de Portugal que residisse neste São Vicente onde estava o P. Luís da Grã, e comunicando-lhe tudo, não lhe parece bem o que se gasta com rapazes, nem a ocupação de olhar por eles, e algumas razões, que dele pude coligir porei aqui. Ele escreverá as mais.

A primeira: estes rapazes, depois que crescem, voltam à mesma vida dos seus pais, que antes tinham, em partes, onde não têm sujeição, nem há possibilidade na terra para se lhes dar, como é esta Capitania de São Vicente; e onde têm sujeição basta ensiná-los nas suas próprias povoações, onde temos igrejas, como se faz; e assim em nenhuma parte parece serem convenientes casas de rapazes.

Item estes rapazes, sobretudo os dos Índios, não são aceitos à gente portuguesa, que muito os queriam para seus escravos, e se nós não os sustentamos, e olhamos por eles no temporal, como no espiritual, perde-se a obra; e fazermos nós isto é muita inquietação, e faz-se injúria à santa pobreza, porque se requiere buscar escravos, e ter fazenda, a qual ainda que se gaste com eles, o nome que tem é ser nossa.

Estas razões e todas as mais, não me concluem meu entendimento, porque ainda que muitos rapazes voltam atrás, para seguir os costumes de seus pais, onde não têm sujeição, ao menos isto se ganha: que não voltam a comer carne humana, antes o estranham a seus pais, e no entendimento saem capazes e alumiados para poder receber a graça, e têm contrição dos seus pecados, estando em perigo de morte, e sabem procurar melhor a sua salvação, como a experiência tem mostrado em alguns, — que é ter grande caminho andado. Porque conforme estes são brutais, se não vão doutrinados, quando pequenos, dos grandes nunca homem se satisfaz da sua fé, nem da sua contrição, para os baptizar, ainda à hora da morte, nem têm capacidade para entender o que se lhes prega, tanto que algum de nós, por sua bruteza, foi de opinião não se dever baptizar nenhum deles grandes, por não serem capazes para o baptismo, se não se doutrinam e criam de pequenos, que é outro extremo. A qual opinião ainda que eu de todo não aprovo, a refiro a V.^a paternidade para que saiba que alguma razão tem esta opinião. E todo o seu tornar atrás, é seguirem o caminho da carne, e andarem nus, e por isso com vergonha não virem à igreja. Como filhos de Adão, fogem da igreja, porque

costumavam andar vestidos quando os tínhamos, e depois não têm indústria para ter outros vestidos e os que a têm andam vestidos. E dos que se recolheram, não se perderam todos, porque alguns morreram durante a inocência, outros deram-se a ofícios, outros passaram a outras partes, onde perseveraram na fé recebida»¹¹.

Nóbrega escrevia para mostrar a necessidade de educar os filhos dos Índios e portanto a encarece sobre tudo o mais; entretanto, ao dizer que os Índios não têm capacidade para entender o que lhes pregam, não a dá como incapacidade natural, porque na mesma frase corrige ou amplia o sentido de capacidade, considerando capazes de receber o baptismo adultos que não tenham sido doutrinados e criados de pequenos pelos Padres. Mas, — insiste, são estes últimos os que sabem procurar melhor a sua salvação.

O que vem a significar ao nosso modo: Os Índios adultos pelo seu atavismo e estado cultural («cultura silvestre»), rudes e sem nenhuma espécie de letras, nem de conhecimentos além dos que lhes são necessários à vida dentro do horizonte reduzido em que esta se desenvolve, mostram pouca aptidão para captar e assimilar logo aos primeiros contactos a doutrina cristã e as suas consequências. O caminho mais rápido é educar os meninos e criar ambiente próprio que desenvolva em todos a capacidade de aprenderem a doutrina pelo menos a necessária ao baptismo *in extremis* e facilite aos «grandes», que se tenham baptizado, o pressuposto geral do afervoramento e perseverança. Este conjunto de actos é o que se convencionou chamar *catequese*.

As Casas de Rapazes índios, que estavam tanto no coração de Nóbrega, não tiveram seguimento. Não eram contra as Constituições da Companhia, porque o Padre Geral Diogo Laynes aprovou todas as propostas de Nóbrega, incluindo as Casas de Rapazes índios e de Meninas índias¹². Mas a carta do Geral, datada de Trento, 16 de Dezembro de 1562, só chegou a São Vicente em meados de 1563, quando Nóbrega andava empenhado já

11. Carta original, isto é, com a cláusula autógrafa de Nóbrega: cláusula autógrafa, não toda a carta (SERAFIM LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — De Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 106-107).

SERAFIM LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, IX (Rio, 1949) 427.

noutra maior e mais urgente batalha, que eram as pazes de Iperoig com os Tamoios, a pacificação dos Tupis e a expulsão dos Franceses da Baía de Guanabara. E, enquanto tudo isto se concluía, o que os moradores do Brasil reclamavam eram Colégios para educar os seus próprios filhos de que já participava o elemento indígena, com os mestiços. Era a evolução da terra para um padrão de vida mais elevado, ou, como hoje se fala, a civilização ocidental que se começava a impor nas cidades e vilas, implantadas na terra virgem.

A catequese propriamente dos Índios, ficou a fazer-se, segundo os princípios de Nóbrega, mas em Aldeias; e assim a prática, em toda a parte em que houve missões, foi esta com leves variantes: catequese geral, baptismo de crianças, que não era preciso converter, mas apenas *educar* na doutrina cristã (solução pedagógica), baptismo de moribundos, conversão de gentio adulto, em casos particulares quando davam garantias sérias, assegurada ao mesmo tempo a sua estabilidade em agrupamentos fixos de doutrina, que para eles continuava a fazer-se na mesma. E desta forma se solucionou o problema da cristianização dos Índios. Depois do baptismo não havia problema de conversão. O único — e sempre grave — era o da *perseverança* na prática religiosa¹³. Porque os adultos, dirá Vieira no Maranhão, com «a mesma facilidade com que aprendem, desaprendem, e com a mesma facilidade com que crêem, descreem»¹⁴, quase as próprias palavras do autor do Diálogo, na Baía um século antes, por boca de Mateus Nogueira. Mas como Nóbrega, também Vieira não parou nessa verificação pessimista e usa mais uma vez quase as mesmas palavras dele:

«Ainda que há outras nações de melhor entendimento para perceber os mistérios da fé, e passar da necessidade dos preceitos à perfeição dos conselhos da lei de Cristo, não há porém nação alguma do mundo, que ainda naturalmente, esteja mais bem disposta para a salvação, e mais livre de todos os impedimentos dela ou seja dos que traz consigo a natureza ou acrescenta a malícia»¹⁵.

13. LEITE, *História*, II, 273.

14. ANTÔNIO VIEIRA, *Sermoens*, III (Lisboa 1683) 402.

15. *Cartas do Padre António Vieira*, ed. de Lúcio de Azevedo, I (Coimbra 1925) 551.

Os impedimentos civilizados, a que alude Vieira, enumera-os ele tratando dos Índios das Aldeias, que faleciam cristãos com os sacramentos da Igreja:

«E como esta gente não tem os vícios nem os embaraços de consciência com que vivem na maior parte os homens de maior polícia — porque neles nem há ódios, nem invejas, nem vinganças, nem cobiças, nem ambições, nem restituições, nem demandas, nem heranças, nem testamentos — temos por certeza moral que todo o índio, que morre com os sacramentos, se salva, e assim o mostra a quietação e sossego, e a piedade com que os vemos morrer»¹⁶.

E quem eram? «Eram aqueles mesmos bárbaros ou brutos, que sem uso de razão nem sentido de humanidade, se fartavam de carne humana: que das caveiras faziam taças para lhe beber o sangue, e das canas dos ossos fraudas para festejar os convites. E estas são hoje as feras que em vez de nos tirar a vida nos acolhem entre si e nos veneram»¹⁷.

É possível que Vieira tivesse no seu pensamento alguns daqueles Índios, cuja morte de justo descreve no Sermão do Espírito Santo, ao esculpir no mesmo sermão a descrição do estatuário, que todo o mundo de língua portuguesa conhece; o que nem todos terão presente é que se trata da conversão do Gentio do Brasil:

«E ninguém se escuse (como escusam alguns) com a rudeza da gente, e com dizer, como acima dizíamos, que são pedras, que são troncos, que são brutos animais; porque ainda que verdadeiramente alguns o sejam ou o pareçam, a indústria e a graça tudo vence, e de brutos, e de troncos, e de pedras, os fará homens. Dizei-me: qual é mais poderosa, a graça ou a natureza? A graça ou a arte? Pois o que faz a arte e a natureza, porque havemos de

16. *Ib.*, I, 400.

17. Sermão da Epifania na Capela Real. Ano de 1662, *Sermoens*, IV (Lisboa 1685) 508. Aquelas palavras, «se fartavam de carne humana», são a contraposição literária entre Índios, que como «feras» matavam e comiam carne humana, e a vitória alcançada sobre eles. Não significam faltar-se de carne humana, como quem come carne de vaca ou porco, porque a antropofagia, como a acharam os Portugueses, não tinha significação de alimento neste sentido económico. Cf. LEITE, *História*, VI, 513 nota 2.

desconfiar que o faça a graça de Deus acompanhada da vossa indústria? Concedo-vos, que esse Índio bárbaro e rude seja uma pedra: vede o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição até à mais miuda: ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, ali arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito, e talvez um santo, que se pode pôr no altar. O mesmo será cá, se a vossa indústria não faltar à graça divina. É uma pedra, como dizeis, esse Índio rude? Pois trabalhai e continuai com ele (que nada se faz sem trabalho e perseverança), aplicai o cinzel um dia, e outro dia, dai uma martelada, e outra martelada, e vós vereis como dessa pedra tosca e informe, fazeis não só um homem, senão um cristão, e pode ser que um santo»¹⁸.

Com trabalho e perseverança faz-se dum rude pagão, não só um homem civilizado, mas um cristão pelo baptismo e talvez um justo. Que é a mesma gradação que Vieira emprega mais tarde ao falar das missões do Rio de S. Francisco e que resume a obra da conversão no Brasil: Catequese, baptismo, perseverança: «O fruto destas missões consiste em fazê-los de bárbaros homens; e de homens cristãos; e de cristãos perseverantes na fé»¹⁹.

Estas citações são já a ilustração futura do método de Nóbrega, que foi o da Companhia de Jesus durante dois séculos. Está já latente nas cartas de 1553, mas os primeiros passos ao chegar em 1549 foram de tenteio, e devia ter na mente o que relatavam as cartas da Índia. Começou por abrir uma escola; e enquanto alguns aprendiam a língua brasílica (tupi), ele e os mais pregavam por intérprete, um dos quais o famoso «Caramuru». Não tardou

18. VIEIRA, *Sermoens*, III, 419-420.

19. «Relação das Missões do Brasil para El-Rei pelo Provincial Diogo Machado, sendo Visitador o P. António Vieira», que pelo estilo deve ser o verdadeiro autor da carta, ARSI, *Brasília* 9, 375v; LEITE, *História*, V (1945) 295.

o desengano. Enquanto os missionários da Índia acharam gente que retorquia à doutrina cristã com razões das suas próprias doutrinas, o gentio do Brasil não tinha razões que opor, por não possuir nenhum corpo organizado de doutrina.

O que o gentio dos meados do século XVI tinha de mais visível e incompatível com o Cristianismo, eram a antropofagia e a poligamia, o uso excessivo e inveterado de beber os seus vinhos, e ainda um modo de vida, não oposto à doutrina, mas impeditivo de a aprenderem, que era a sua dispersão pelos matos. Havia outros costumes indiferentes que se poderiam aceitar e purificar, e Nóbrega também o tentou²⁰; mas os fundamentalmente maus, como a antropofagia, o mais prático era proibi-los. Quer dizer, para a conversão de povos naturais, como os que tinham diante de si, os Padres acharam que não seria adequado o *método da discussão*, mas o da *sujeição*. Não nos espante a palavra. Ainda hoje no Brasil para civilizar os Índios remanescentes, o método usado é o da *protecção*. A *sujeição dos Índios* nas Aldeias de outrora, para se fazerem cristãos sem ser escravizados, e a *Protecção aos Índios* nos postos modernos para se civilizarem sem ser atropelados ou dizimados, são pensamentos correlatos, a mostrar, com quatro séculos de distância, que gentio coube a Portugal evangelizar na América.

20. Cf. SERAFIM LEITE, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760* (Lisboa-Rio de Janeiro 1953) 254. Esta purificação e aceitação dos costumes indiferentes teve a sua oposição externa, mas os Jesuítas voltaram sempre ao critério de Nóbrega com espírito de adaptação e humanidade. Em *Algumas Advertências para a Província do Brasil* lê-se: «Como os Índios para morrerem basta tomarem melancolia, etc., parece que não é bem tirarem-lhes os Nossos seus costumes que se não encontram com a lei de Deus, como chorar, cantar, e beberem com moderação» (ID., *História*, II, 13).

A sujeição do Gentio

O Brasil, como tal, não existia antes dos Portugueses, porque ao criar-se o Estado do Brasil em 1549, os Índios não viviam organizados em Estado político autónomo, que os Portugueses conquistassem à ponta da espada. Se houve conquista não foi de qualquer Estado preexistente, mas aqui e além dalgum território, onde se intrometiam estrangeiros ou contra alguma tribo isolada. Por isso o Brasil, como Estado e nação futura que iria ser, não foi «conquista», mas «formação». Antes da chegada dos Portugueses, os Índios dispersavam-se em tribos, que se guerreavam, e, contra a lei natural, se comiam mutuamente a poucas léguas de distância umas das outras.

Contemporizou-se algum tempo, por serem poucos os Portugueses, mas a primeira lei que se impunha era impedir-lhes que matassem por sua conta e risco, e comessem o seu semelhante; e assim, quando o Estado se fortaleceu, a morte de homem em terreiro passou a considerar-se crime como qualquer outro, e os matadores passíveis das penas comuns dos assassinos. Lei supra-tribal, que vigorava até onde chegasse a autoridade do Estado, e a que todos os Índios se deviam submeter, a bem ou a mal, ou como amigos ou como inimigos, e tratados em consequência, segundo o espírito do tempo e do próprio sistema do gentio, nas suas guerras entre contrários. Doutrina política, formulada por Nóbrega na alternativa de ser «senhoreado ou despejado»; e que, afinal, foi a condição histórica da construção e alargamento do Brasil: estabelecer «um só senhorio», com força bastante para fechar a porta à intromissão de estrangeiros, e preparar e garantir a sua própria unidade interna.

Além da antropofagia dos Índios, que a autoridade do Estado havia de proibir, apresentava-se outro ponto importante, que era o das moradas estáveis dentro das áreas de civilização. Os Aldeamentos dos Índios convertidos ou amigos já vinha no «Regimento» de Tomé de Sousa (1548)²¹, porque não era possível formar-se ou alargar-se o Brasil, enquanto os Índios contrários se estabelecessem na fímbria dessas áreas e viessem destruir as sementeiras, matar o gado, e quiçá os homens que apanhavam ao alcance das suas frechas. Sem esta sujeição elementar não era praticável o acesso dos Índios à civilização ocidental nem à obra da conversão, fora de casos isolados. Como compaginar com o Cristianismo o costume de comer carne humana? E como cristianizar de maneira efectiva Índios dispersos nos matos sem garantia alguma de serem achados no mesmo sítio uma semana depois para continuar a doutrina? Obstáculos, que a autoridade do Estado tinha de eliminar para a obra da civilização e da conversão; e, assim se fez por toda a parte, com assentimento geral, incluindo o de Bartolomeu de Las Casas, tido pelo mais acérrimo defensor dos Índios da América Espanhola, o qual «reconoce que puede emplearse la fuerza para apartar los obstáculos que los infieles pueden poner en el camino de su conversión»²².

No Diálogo, Nóbrega fala de sujeição em termos gerais sem ainda determinar o modo dela. Nos «Apontamentos» coevos propõe seis pontos, que eram já produto da experiência, em que a política de temporização tinha dado fracos resultados civilizadores, pois ainda então os Índios se guerreavam e comiam às portas da Baía.

«A lei que lhes hão-de dar é:

1. Defender-lhes comer carne humana e guerrear, sem licença do Governador;
2. Fazer-lhes ter uma só mulher;

21. LEITE, *História*, II, 142-143; cf. «Regimento que levou Tomé de Sousa 1.º Governador Geral do Brasil» (leitura de Alberto Iria), *Anais do IV Congresso de História Nacional* (1949), II (Rio de Janeiro 1950) 57, 67-68.

22. LEWIS HANKE, *La Lucha*, 386. Sobre a política usada no Brasil, anterior ao Diálogo, cf. o § 1 do Capítulo «Força e autoridade», *História*, II, 113-114.

3. Vestirem-se, pois têm muito algodão, ao menos depois de cristãos²³;
4. Tirar-lhes os feiticeiros;
5. Mantê-los em justiça entre si e para com os cristãos;
6. Fazê-los viver quietos, sem se mudarem para outra parte se não for para entre os cristãos, tendo terras repartidas que lhes bastem e com estes Padres da Companhia para os doutrinar»²⁴.

As propostas de Nóbrega realizaram-se na medida do possível. Talvez tivesse sido exequível achar outras, de acordo com as teorias evolucionistas modernas. Mas o que seria difícil é que no século XVI despontasse a ideia de que o Brasil poderia transformar-se numa imensa «reservation» de primitivos para que «evoluíssem» por si mesmos até alcançar um grau mais alto de civilização. E que, entretanto, com as suas muitas mulheres e com os seus bebes e comerres de que se não excluía a carne humana, servissem de espectáculo ou museu vivo aos Portugueses do litoral, fundadores do Brasil. Não se vê como a construção do Brasil se pudesse operar nesse plano, nem é lícito conjecturar o que daí sairia. O que parece, pelos resultados — um país, grande, uno e cristão — é que a linha da formação do Brasil ficou bem delineada

23. Nóbrega, pouco depois de chegar à Baía (1549), mandou plantar algodoeiros (LEITE, *História*, I, 180) e que o Ir. Vicente Rodrigues aprendesse o ofício de tecelão para o ensinar aos Índios. Mas embora todos o desejassem, não era possível, nos primeiros anos, nem arranjar tanto pano, nem generalizar uma ordem destas em particular na Baía de clima quente. Depois de regressar de Piratininga, diz Nóbrega que alguns moços cristãos, que voltaram para os seus pais gentios, não vinham à Igreja com vergonha de não terem vestidos como quando estavam com os Padres. Ao elemento de civilização e decência natural acrescia o da conveniência cristã: e este é o fundamento porque neste ano de 1558 sugere que se lhes deve dar esta lei. Mas a lei não teve ainda então a devida eficácia, parte pela incúria dos Índios em buscarem o vestido por si-mesmos, parte pelos velhos hábitos que custavam a desenraizar. E assim achou o Visitador do Brasil, B. Inácio de Azevedo, que o novo costume ainda se não impusera a todos; e ao voltar a Portugal, indo a Roma alcançou do Papa Pio V duas cartas, uma para o Bispo do Brasil D. Pedro Leitão, outra para o Governador Luís Fernandes de Vasconcelos, que iria consigo para suceder a Mem de Sá. A ambos recomenda o Papa que auxiliem a obra da conversão, e empenhem os seus esforços para que os Índios não andem nus. Os dois documentos pontifícios são datados do mesmo dia, 6 de Julho de 1569, enquanto Inácio de Azevedo estava em Roma. (Um e outro em FRANCISCO JAVIER HERNÁEZ, *Colección de Bulas, Breves y otros documentos relativos a la Iglesia de América y Filipinas*, I (Bruxelas 1879) 106-107).

24. LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas* — de Nóbrega a Vieira, 79; *História*, IX, 424.

em 1500 com a Cruz de Cristo, arvorada em Porto Seguro. Há nessa cerimónia inicial um facto, em que se não repara muito, e que praticaram os Índios, sem saber o que faziam; mas fizeram-no com uma intuição que iria ser a realidade histórica da formação do Brasil. Quando os Portugueses transportavam a Cruz, os gentios chegaram-se num movimento de imitação espontânea e meteram-se também debaixo dela para a ajudar a levar, porque toda a cruz pesa. É o jugo, de que fala o evangelho, e o dizem os Padres; e por palavras expressas o diz Nóbrega do Governador Mem de Sá, que «sujeitou o gentio da Comarca da Baía e os fez meter em ordem de vida, dando-lhes com toda a moderação o jugo de Cristo»²⁵.

A sujeição do gentio nada tem que ver com a sua escravidão. Se à sombra da sujeição se cometeram abusos, Nóbrega condena-os e a sua condenação estabelece com clareza o que era a sujeição que propunha no Diálogo («sujeição da doutrina»), puramente negativa, com Índios livres, não com Índios escravos. Isto não significa que os Jesuítas condenassem a escravatura de facto e em direito. Não a condenaram nem podiam condenar, sob pena de terem que abandonar o Brasil, porque a escravatura era legal e admitida em todas as Nações. E a Africana, se nela havia o problema da legitimidade, não era a ser resolvido no ponto de chegada, senão no ponto de origem. Mas se no Brasil era forçado a reconhecer escravos índios, segundo a lei, Nóbrega fazia-o com o mesmo sentimento com que em 1548, tratando de colocar no terreno jurídico a incorporação do Mosteiro de Sanfins ao Colégio de Coimbra, escrevia ao seu Superior: «Praza a Deus que no que digo acima não acerte nada. Eu, posto que ame a Companhia depois de Deus, sobre todas as coisas, não queria por amor dela, perder a Cristo»²⁶.

É todo o carácter de Nóbrega. Quando os moradores do Brasil reclamavam escravos índios como único remédio, nos casos de justiça, que ele como Superior e canonista, tinha de examinar, o que por outras palavras dizia era exactamente o mesmo: «Praza a Deus que, por remediar os homens, não nos vamos nós com eles ao inferno»²⁷!

25. *Novas Cartas Jesuíticas*, 123.

26. SERAFIM LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo* (Lisboa 1953) 102-103.

27. ID., *História*, IX, 429.

O «Caso de Consciência», de 1567, é o seu último escrito conhecido. Nele deixa em definitivo o seu pensamento. Examina uma série de casos concretos de escravização legal, onde só um lhe parece estar dentro da lei natural como ela então se interpretava, declarando ilegítimos todos os mais; e que os confessores não podem absolver os que possuem esses escravos «se os não põem em sua liberdade perfeita e lhes pagam seu serviço, a arbítrio de bom varão».

Trata-se de responder à argumentação do P. Quirício Caxa, professor de Teologia Moral no Colégio da Baía, cujo parecer menos favorável aos índios, invocava a maldição de Noé contra o seu filho Cam, que descobriu as vergonhas do pai enquanto ele dormia, e a que se alude no Diálogo a propósito da nudez dos Índios. Responde Nóbrega:

«O 3.^o corolário, que tiro, é que me espanto de ouvir que poder o pai vender ao filho, fora de extrema necessidade, não é ir contra a lei natural, com tão pouco fundamento como é dizer que Noé fez a seu filho Cam escravo de seus irmãos; pois está visto que a causa, porque todos entendem a sobredita lei segunda sòmente falar na extrema necessidade, a principal é por não prejudicar a lei natural *et contra naturam est homines hominibus dominari*, como diz S. Gregório; e todas as mais leis, que Soto alega e podia alegar no sobredito lugar, o provam manifestamente. E não é dado à pátria potestade, por lei natural nem humana, podê-lo fazer. E o texto do *Gênesis*, assim do cap. 9 como do 27, em que Noé fez escravo a Cam, de seus irmãos, e Isac a Esaú, de seu irmão Jacob, não fala desta maneira de escravos de que tratamos, mas declara em espírito de profecia a sujeição que uma geração terá a outra por via de bênção que lança; porque grande absurdo seria dizer ser toda a geração de Cam escravos das outras gerações *iure perpetuo*, como fora se dos tais escravos falara, maiormente que em vida deles nunca de tal sujeição e servidão estiveram de posse, antes Esaú foi mais poderoso em sua vida e mais rico que Jacob e nunca o serviu, antes fugia dele Jacob, como aí aponta a glosa.

E ainda que tal falara Noé, não prova V.^a R.^a seu intento, porque todos dizem que por culpa e delito se pode perder a liberdade, como cometeu Cam contra seu pai, e que o podia castigar como pai e príncipe e rei que era

sobre toda a geração sua, que era toda a gente que naquele tempo havia no mundo»²⁸.

Nóbrega, pela maneira de falar, nega que possa haver gerações, escravas de outras gerações, *iure perpetuo*; e, pelo texto patrístico de S. Gregório, que declara a escravatura «contra a natureza», a sua argumentação revela um pensamento mais profundo; mas o espírito do tempo não permitia tirar-lhe todas as consequências jurídicas, transpondo-as para o terreno prático.

Mostra o autor do «Caso de Consciência» como era preciso defender a liberdade dos Índios contra os Brancos e contra os mesmos Índios, que se deixavam enganar e quando mal se precatavam já tinham caído na rede da escravidão legal. Entre os casos examinados por Nóbrega em 1567 há os que se referem às Igrejas ou Aldeias da doutrina constituídas por Índios livres. E, pois eram livres, não era lícita a sua escravização, porque dos motivos dados para que os Índios perdessem a liberdade, nenhum podia ser justo, diz Nóbrega:

«Não podem ser escravos os que fugiram das Igrejas, ainda depois de cristãos, por fugirem, assim por medo vendo que nem os Padres a muitos puderam valer, como por fugirem à sujeição da doutrina e quererem viver livres em seus costumes passados; nem outrossim podem ser escravos os que, por fugirem à tal sujeição da doutrina, se fazem escravos dos cristãos, por verem que os tais escravos os deixam seus senhores viver em seus costumes passados; nem outrossim os que se fazem escravos, dizendo que os escravos são temerosos e tem medo o gentio deles, por serem com seus senhores juntamente executores da tirania e sem razão, passada e presente; porque as tais razões, e todas as semelhantes, não são justas, para um perder sua liberdade; e o mesmo digo dos que se vendem movidos do vício carnal e pecados que com as escravas dos cristãos cometem, as quais servem de anzol para prender e cativar os pobres Índios»²⁹.

28. *Novas Cartas Jesuíticas*, 118-119.

29. *Ib.*, 128; cf. *História*, VII, 182-184.

As Aldeias da Doutrina

Um exemplo prático da «sujeição da doutrina» é a Aldeia do Espírito Santo nos arredores da Baía, que por ordem de Nóbrega fundaram em 1558 os Padres António Rodrigues, o mesmo que ajudara Nóbrega na fundação da Cidade de São Paulo, de que foi primeiro Mestre-Escola, e João Gonçalves, a quem o mesmo Provincial nomeou primeiro Mestre de Noviços depois de conhecidas no Brasil as Constituições da Companhia.

No ano seguinte Nóbrega passou o cargo de Provincial ao P. Luís da Grã, e pouco depois seguiu com Mem de Sá para o Sul, para não mais voltar; e convém advertir, embora de passo, que ao partirem da Baía o Governador e ele, o Rio de Janeiro estava ocupado pelos Franceses; e quando Nóbrega faleceu dez anos depois, já o facto succedeu no Colégio de Rio de Janeiro, expulsos os Franceses, fundada a Cidade, e feita a unidade primordial do Brasil.

Antes de ir para o Sul, Nóbrega deixou na Aldeia do Espírito Santo o P. João de Melo. O qual em carta de 13 de Setembro de 1560 escreve:

«Em o mês de Janeiro, embarcando-se para São Vicente com o Governador, o Padre Manuel da Nóbrega me deixou uma povoação de gentios, que está desta cidade do Salvador seis léguas polo sertão dentro, a qual dantes se chamava Rio de Joane e agora se chama Sancti Spiritus. É esta Aldeia a maior e mais principal que nestas partes do Brasil doutrinamos: no tempo que nela estava, haver[i]a perto de 300 moços de escola, os quais quase todos são cristãos. O meu exercício nesta povoação era baptizar os inocentes e enterrar os mortos, e ensinar a doutrina a este Gentio, casando os amancebados *in lege naturæ*, porque há antre estes Índios um costume que os mais

deles têm duas e três mulheres, ou para melhor dizer mancebas, porque nenhuma delas é mulher verdadeira. No tempo que aqui estive faria mais de 100 casais, afora outros que se fizeram antes de mim. Também me ocupava em visitar por as Aldeias os doentes, com os quais havia bem em que exercitar a caridade, porque assi no temporal como no espiritual eram bem necessitados: todo o tempo que aqui estive houve grande número de doentes e muitos deles morriam. Trabalhava por aparelhar os velhos e adultos pera receberem o bautismo, e os bautizados ensinava-os e doutrinava-os nas coisas da Fé, aparelhando-os uns e os outros a bem morrer.

A primeira pessoa, que nesta povoação bautizei, foi a um índio casado, estando em artigo de morte, o qual ninguém julgava a vida e logo que foi bautizado sentiu em si melhora e assi sarou de todo. Dizia ele que como o bautizara, que logo Deus lhe dera saúde: este mesmo índio daí a cinco ou seis meses adoeceu de uma enfermidade de que morreu, e em sua morte deu mostras de um bom cristão. Por outra vez fui a visitar a um índio principal, que estava *in extremis*, e por não estar já em si lhe deixamos de dar o bautismo, e indo adiante a visitar outro enfermo, ouvimos em casa do primeiro grandes gritos e choros e prantearem-no como a um morto, o que ouvido me deu não pequena pena em cuidar que dantre as mãos o Demónio me levara aquela alma. Com esta mágoa, a grande pressa, com um Irmão língua, me tornei à casa do que tínhamos por morto, e chegando ao lugar donde estavam chorando, o achamos ainda vivo e lhe demos o bautismo por responder a propósito e satisfazer as perguntas que lhe fizemos. Logo que foi bautizado se achou bem e assi dizia ele que, como o bautizaram que logo Deus lhe dera saúde. Cuidávamos todos que desta escapasse; assi, passando este dia a outro de madrugada, faleceu.

Da maneira, que Nosso Senhor se houve com estes, se há também com alguns outros, tirando por sua bondade aos Gentios por uma e outra via de dois abusos que antre eles há; um dos quais é cuidarem os doentes que com os bautizarem morrerão, e por esta razão não se ousam bautizar; o outro é, pelo contrário, como estão mal, quererem-se bautizar, não por amor de Deus e de sua glória, senão por receberem a saúde corporal. Já agora, pela misericórdia do Senhor assi polo que vêem, como polo maior lume e conhecimento

que têm das coisas de Deus, vão conhecendo os enganos do Demónio e purificando suas intenções»³⁰.

A situação, portanto, era esta: 300 meninos da escola, quase todos baptizados, aprendendo a ler e escrever e educando-se cristãmente. Os adultos, quase todos gentios, iam-se instruindo em geral. O Padre procurava que tivessem uma só mulher, na lei «da natureza», não ainda na «da graça», ou da Igreja, porque não eram cristãos. Mas estava atento a que não morressem sem baptismo.

Dois dias depois escreve Rui Pereira, sobre a mesma Aldeia do Espírito Santo:

«Haverá dois anos pouco mais ou menos que nesta povoação andam Padres na qual se ajuntaram sete Aldeias, e é a mor povoação de todas. Há nela 1.000 almas cristãs, das quais sós sete casais há aí de cristãos adultos, e daqui coligirão quão poucos dos grandes se fazem cristãos; todavia à hora da morte se fazem cristãos e se vêem neles os devidos sinais de fé e contrição. Destes haverá até agora nesta Igreja até 20, pouco mais ou menos, e alguns, que tornaram a convalescer, ficam com grande crédito do bautismo. Quererá Deus que pouco a pouco se apagará a opinião que andava por esta terra, que o bautismo mata. Inocentes morreram aqui, bautizados, até 40. E ainda que todos os que estamos no Brasil não houveramos de fazer mais em toda a nossa vida que ajudar a salvar 40 anjos destes inocentes, bem empregado fôra nosso trabalho»³¹.

Segue-se que em 1560, entre mil cristãos, havia apenas sete casais, isto é, 14 adultos (marido e mulher); e mais alguns poucos que, sendo baptizados em perigo de vida, não morreram. Todos os mais cristãos podem-se computar em três grupos de valor aproximado: os 300 moços da Escola; outras tantas moças; e as crianças inocentes.

Em 1561 Luís da Grã visitou a Aldeia, efectuou uns 60 baptismos, entre grandes e pequenos, e fez «pela Igreja» uns oito ou nove casamentos³².

30. *Cartas Avulsas*, 250-252.

31. *Ib.*, 264-265.

32. *Ib.*, 276.

Os adultos cristãos casados passaram, pois, de 14 a 30 ou 32, e com mais alguns daqueles baptizados «grandes», podem-se calcular em 50. A Aldeia tinha ao todo 4.000 almas. A percentagem dos cristãos adultos pouco passava de 1%. As crianças e moços e moças 25%. O número de 4.000 não é dado por qualquer documento coevo, mas vinte e tantos anos mais tarde pelo *Discurso das Aldeias* (p. 353), que merece menos confiança. Atendendo à soma de meninos, o número não seria exagerado, mas sabe-se que muitos meninos os davam os pais «com muito boa vontade» para a Escola do Espírito Santo, ficando eles nos seus matos, donde ajudavam a sustentar os filhos. Sobreveio, entretanto, a crise destas Aldeias da Baía, que se tinham multiplicado no sertão circundante da Cidade, e que foram dizimadas ou por epidemias de varíola, em que os Índios fugiam para os matos (e neste caso era remédio — e não contra a vontade dos missionários) ou por falta de subsistências, ou por medo de que os levasse o Governador à guerra do Rio de Janeiro, ou ainda aliciados pelos moradores para o seu próprio serviço, como se viu no «Caso de Consciência» de Nóbrega. Algumas Aldeias reconstituíram-se depois em menor número, com residência fixa dos Padres (não eram tão numerosos os Padres que se multiplicassem por tantas Aldeias) para com uma direcção mais adequada dos trabalhos agrícolas impedir a repetição de falta de subsistências; mas a do Espírito Santo, por sempre ter residência fixa, foi uma das que nunca se desfizeram de todo.

No dia 6 de Janeiro de 1584 esteve nesta Aldeia o Visitador Cristóvão de Gouveia com o seu secretário Fernão Cardim, que conta o que fizeram na sua *Narrativa Epistolar*. O Visitador baptizou «alguns 30 adultos» e casou alguns na lei da graça, e deu a sagrada eucaristia a 180 índios e índias, 24 dos quais faziam a primeira comunhão. Tudo com canto e música. A Cardim impressionou-o a devoção e religiosidade dos Índios e ele próprio, português recém-chegado ao Brasil, confessou alguns por intérprete: «vivem com menos pecados que os Portugueses». Depois da festa espiritual veio a corporal, grande jantar e músicas; e à tarde os Índios jogaram as laranjadas e fizeram simulacros de guerra à sua maneira e à portuguesa. Demora-se na descrição da guerra à moda indígena, com *urros* e *bater de pés*, fazendo tremer

a terra. «Andam tão inflamados em braveza e mostram tanta *ferocidade*, que é coisa medonha e espantosa». Enfim, por milagre tenho o domar-se gente tão *fera*, mas tudo pode um zeloso e humilde cheio de amor de Deus e das almas»³³.

Eram passados 26 anos depois da fundação da Aldeia e do Diálogo de Nóbrega em que ele preconizava a santidade de vida dos missionários para a eficácia da conversão; e é a equivalência da frase com que Fernão Cardim fecha o relato. Apesar da *ferocidade*, que mostravam nos seus exercícios guerreiros, os Índios amansados pelos Padres, criam em Deus e praticavam a sua religião; e, sob o ponto de vista estritamente humano, tinham realizado uma ruptura essencial com o passado, porque os que eram casados eram-no com uma só mulher e todos tinham já deixado de comer carne humana.

Todavia, convém observar que aqueles mil meninos e meninas de 1560, cuja idade poderia variar de um a quinze anos, teriam em 1584 de 24 a 40 anos. E embora muitos tivessem morrido ou se afastassem para a Cidade ou outras povoações, ou ido com o Governador Mem de Sá para o Sul, eles constituíam o núcleo cristão da Aldeia. Para eles não houve problema psicológico de conversão de adultos, e os filhos já nasciam em Aldeia cristã. Os 30 adultos, que se baptizaram em 1584, deveriam ser dos que desciam do mato e se sentiam já na Aldeia enquadrados num ambiente cristão onde se neutralizava ou amortecia o seu atavismo indígena. Mas a conversão de adultos é a contribuição menos numerosa, porque se em toda a parte do mundo, outrora e hoje, a conversão de adultos é difícil, no Brasil ainda mais. Confirmava-se aquilo do Diálogo: se aproveitava «pouco» aos pais, já não sucedia o mesmo com os filhos e netos. E esta — dos filhos e netos — foi a grande porta da conversão do Gentio. A povoação teria então 800 almas (era o que tinha em 1589).

Esta Aldeia do Espírito Santo realizou o que estabelecemos, na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, como tríplice característica das Aldeias brasileiras, colocadas na periferia das vilas e cidades: aprendizagem da doutrina

33. FERNÃO CARDIM, *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (Rio de Janeiro 1925) 306.

na cristã; aprendizagem do trabalho; defesa contra os inimigos do Brasil³⁴. Antes de acabar o século XVI, tentando os franceses de Pain-de-Mil desembarcar perto desta Aldeia foram aprisionados pelos Índios e remetidos ao Governador³⁵; e quando os holandeses tomaram a Cidade da Baía, em 1624, a Aldeia do Espírito Santo constituiu-se Quartel General da Resistência até que no ano seguinte veio reforço da Europa e se recuperou a Cidade.

Estava presente o P. António Vieira, então noviço, que consagra a estes acontecimentos o seu primeiro escrito conhecido. Depois de contar o valor dos nossos soldados, dedica uma página aos Índios das Aldeias, que era o «que mais horror metia ao inimigo; porque, quando estes saíam e andavam pelos caminhos mais armados e ordenados em suas companhias, estando o sol claro e o céu sereno, viam súbitamente sobre si uma nuvem chovendo frechas, que os trespassavam». E continua: «Entre estes Índios se avantajavam uns na destreza do atirar, outros no ânimo de acometer, mas em geral se experimentou em todos os desta Capitania grande ódio aos contrários e maior fidelidade aos nossos, porque, sendo assim que muitos negros de Guiné, e ainda alguns brancos, se meteram com os holandeses, nenhum Índio houve que travasse amizade com eles, o que foi muito particular e especial mercê de Deus, e indústria também dos nossos Padres, os quais sempre, e agora mais que nunca e com mais eficácia, os instruíam na fé, intimando-lhes o amor que deviam ter a Cristo, e lealdade a Sua Majestade: grande bem espiritual e não menor temporal para os moradores deste Brasil, porque sem Índios não podem viver nem conservar-se como todos confessam»³⁶.

Passado o perigo holandês, a Aldeia reconstituiu-se até que em 1758 recebeu o nome de vila de Abrantes e é hoje cidade, perto do aeroporto da Baía.

A Aldeia do Espírito Santo, de Índios livres, era já toda cristã ao deixarem-na os Padres da Companhia naquele ano de 1758. O que ilustra o con-

34. LEITE, *História*, VI, 552.

35. *Ib.*, II, 54.

36. *Cartas do Padre António Vieira*, ed. de LÚCIO DE AZEVEDO (Coimbra 1925) 40-41.

ceito de sujeição como ponto de partida, puramente negativo, mas importante, para converter e civilizar o gentio semi-nómada em vez de o exterminar. E por ela se podem aferir inúmeras Aldeias, que sem grandes diferenças existiam em toda a vastidão do Brasil, não só de Jesuítas, mas também doutros, que depois de 1581 chegaram de Portugal e colaboraram numa obra, que com ser obscura nos seus elementos, não deixa de ter a sua grandeza humana e cristã.

II

O DIÁLOGO

A sua ocasião próxima

A ocasião imediata foram as opiniões a que alude o próprio Diálogo e emitiam os Padres e Irmãos, e se reconhecem pelas cartas que deixaram. Na Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, entre as razões da mudança do Colégio de São Vicente para a Aldeia de Piratininga dá-se esta: «porque se abriu por aqui a entrada para inúmeras nações sujeitas ao *jugo da razão*»³⁷. E a seguir ao assalto dado a Piratininga pelos Índios entre os quais muitos eram já cristãos, o mesmo Anchieta escreve em carta de 23 de Abril de 1563, depois da vitória: «Parece-nos agora, que estão as portas abertas nesta Capitania para a conversão dos gentios, se Deus Nosso Senhor quiser dar maneira como sejam postos debaixo do jugo, porque para este género de gente não há melhor pregão do que espada e vara de ferro, na qual mais do que em nenhuma outra é necessário que se cumpra o *compelle eos intrare*»³⁸. Escrevia isto já depois do Diálogo; mas antes dele, em Março de 1555, na primeira perturbação de Piratininga, determinava a natureza daquele jugo³⁹.

Pouco depois, em Maio de 1555, chagava a São Vicente o P. Luís da Grã, mal impressionado com os Índios da Baía. Já pela sua carta de 27 de Dezembro de 1554 a S. Inácio se conhecia o seu pensamento sobre os Índios⁴⁰, mas outra carta inédita, do mesmo dia, ao Provincial de Portugal, resume-o assim: «Nesta terra, segundo o que tenho entendido da experiência

37. *Cartas de Anchieta*, 38.

38. *Ib.*, 186.

39. Cf. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo*, 76.

40. *Novas Cartas Jesuíticas*, 162-167.

que tenho tomado — e o mesmo dizem todos à uma — não se deve esperar fruto com os grandes [adultos], porque nenhuma capacidade têm para isso, conquanto houvesse no princípio mostras disso nalguns. E assim de quantos se baptizaram ao princípio não há nenhum, nem de quantos escravos há nesta Baía, não há um que tenha as mostras que tem um da Guiné; e o que parecia que lhes ajudaria a ser cristãos, que é não ter ídolos, isso parece que os desajuda, porque não têm sentido nenhum. Com os pequenos, esperamos. Mas são tão maus de tirar das mãos aos pais, que não se podem haver e tornam a fugir logo, que depois que aqui estou fugiram 14 ou 15 meninos» ⁴¹.

Anchieta em Dezembro de 1556 diz que os Carijós eram superiores aos Índios de Piratininga, mas aquele «jugo da razão», que estes não tinham, o explica não por falta de capacidade, mas por jugo da malícia e dos seus maus e inveterados costumes ⁴². Por sua vez Luís da Grã escreveu a 8 de Junho de 1556 outra carta ⁴³, em que já não fala com a mesma rigidez de 1555; e mais tarde ao suceder a Nóbrega no Provincialado, depois do Diálogo, promoveu os Aldeamentos da Baía. Mas, quando Nóbrega a 23 de Maio de 1556 deixou São Vicente, eram aquelas as opiniões principais, que se debatiam e convinha examinar mais a fundo.

No «Caso de Consciência», de 1567, responde ao P. Quirício Caxa, directamente, porque era assunto de carácter jurídico-moral, para direcção das consciências e norma interna aos confessores da Companhia, que não deviam absolver os que lesavam a liberdade humana. Agora para se mostrar, se fosse útil, a pessoas de fora, pareceu-lhe que devia colocar o problema no terreno impessoal, sem nomear ninguém. Mas eram os debates da Capitania de São Vicente os que tinha presentes, porque os exemplos de conversão, que aduz, por boca de Mateus Nogueira, que também lá residia, e podia conhecer pessoalmente — e talvez por isso o escolheu para interlocutor — são todos de São Vicente, e versam sobre Índios livres, que deram indícios de terem fé no coração, mostrando-a por obras.

⁴¹. Carta do P. Luís da Grã ao P. Diego Mirón, da Baía, 27 de Dezembro de 1554 (Bras. 3 (1), 145v).

⁴². Cartas de Anchieta, 94.

⁴³. Cf. Apêndice B.

O Pensamento de Nóbrega

O Diálogo começa por estabelecer os costumes sociais, políticos, religiosos, mentais e psicológicos do gentio, opostos à conversão. A antropofagia, que é a «sua bem-aventurança»; a falta de autoridade política (sem rei); a falta de religião orgânica (sem deus a quem adorem); a sua rudeza mental (com um anzol os converto, com outro os desconverto; a tudo dizem sim); e o atavismo silvestre, que influía na estabilidade dos Índios, atraindo-os para o mato (o menino que foge).

Trabalho inútil? Não, porque nenhum trabalho é inútil quando se faz por amor de Deus e do próximo. E estes Índios são próximos? Claro. E tudo o que se faz por eles tem o seu prémio diante de Deus.

Mas as opiniões estão divididas: Alguns têm pouca esperança, olhando à rudeza destes Índios e que as coisas da Fé são delicadas e requerem outros entendimentos e costumes. E no entanto trabalham com todo o fervor, por amor de Deus.

Outros dizem que é trabalho inútil até o gentio vir a ser «mui sujeito» e com medo venha a tomar a fé.

M. N. — «E isso que aproveitaria se fossem cristãos por força e gentios na vida e nos costumes»?

G. A. — «Aos pais dizem os que têm esta opinião, que pouco, mas os filhos, netos e daí por diante o poderiam vir a ser e parece que têm razão».

M. N. — «E a mim sempre me pareceu este muito bom e melhor caminho, se Deus assim quisesse, que outros».

Os interlocutores estão de acordo. Mas aquele «se Deus quisesse» exclui a injustiça, a violência e até o zelo desordenado, como se reprova nos reis D. Manuel e Sesebuto, que fizeram os judeus cristãos à força. Por isso tudo se deve fazer com bom conselho.

Estabelecido o acordo sobre a sujeição bem ordenada do gentio, condição negativa para a conversão, começa a parte positiva.

Estando o gentio sujeito, isto é, submetidos os Índios a uma lei eficaz

que lhes proíba comer carne humana e os situe em Aldeias estáveis onde possam ser instruídos, eles são susceptíveis de se converter, porque são homens. E todas as almas dos homens foram criadas à imagem e semelhança de Deus e todas capazes da glória e criadas para ela. E «tanto vale diante de Deus por natureza a alma do Papa como a alma do vosso escravo Papaná».

«Estes têm alma como nós?»

Pois claro, com memória, entendimento e vontade. Alma (espiritualidade) e corpo (bestialidade, forma de dizer animalidade).

Segue-se a exposição do Pecado Original, segundo a doutrina católica, e as suas consequências para a humanidade. Natureza decaída: e nisto todos somos iguais, Portugueses, Castelhanos, Tamoios, e Aimurés. Antes da graça de Deus, tudo ferro frio sem virtude, que por si mesmo não se volve a nada; mas metido no fogo tanto mais quente, mais dele fareis o que quiserdes.

— Bem está: Mas, se somos todos iguais, porque há homens que sabem ler, etc., e estes Índios não?

— Saber ler e outras prendas «não lhes veio de terem *naturalmente* melhor entendimento, mas de terem melhor criação».

— Mas porque a *natureza* não as deu aos Índios?

— Não são coisas que dependam da natureza. Dependem do *meio* em que se criam (cidade ou aldeia) e do *modo*, isto é, da educação e civilização («polícia»).

Explana este ponto e conclui (e este é o pensamento central de Nóbrega sobre a capacidade mental dos Índios): «Mas que estes, por não terem essa *polícia*, fiquem de *menos entendimento* para receberem a fé, que os que a têm [a «polícia»], me não provareis vós, nem todas as razões acima ditas».

Todavia — continua — nem sempre a civilização refinada é elemento útil para a conversão, antes às vezes é obstáculo com o enfatuamento das suas discussões; e do mesmo modo certos estados de alma, como o dos Judeus, que esperavam um Messias *poderoso*; e por isso era mais difícil fazer aceitar a eles o Messias *crucificado* do que aos Índios tão fáceis em crer.

Mas — objecta-se — os Judeus, caindo na conta, perseverariam melhor.

Não. A conversão cristã não é um fenómeno puramente humano: requer-se também a fé, que é uma graça de Deus (há mistérios cristãos, que

se não provam com razão demonstrativa). Os Índios, recebida de Deus essa graça («a fé no coração»), são mais fáceis de persuadir, porque têm menos pontos de resistência do que os Judeus e os Romanos instruídos, e que, no entanto, começando por matar os cristãos, algum tempo depois eram todos cristãos; e são capazes de perseverar, como de facto perseveraram, deixando muitos Índios o mais difícil, a sua prática de comer carne humana. E dá exemplos concretos.

Através do desenvolvimento literário, o fio do pensamento de Nóbrega é este: Os Índios são capazes de se converter *em direito*, porque são homens, e *de facto*, porque já muitos se converteram. Mas importa criar condições extrínsecas aos Índios, aptas a facilitar a conversão: umas da parte dos missionários, que deviam tender cada vez mais à perfeição de evangelizadores; outra da parte dos Índios, uma sujeição moderada. Com a santidade de vida os missionários atraíam de Deus a graça da conversão dos Gentios; com a sujeição facilitava-se a reeducação dos adultos (catequese) na medida do possível (sempre foi difícil em todas as partes do mundo a conversão dos adultos) e promovia-se a educação cristã dos filhos sob um regime de autoridade paterna. [Como não podia deixar de ser com povos naturais, e disso ainda é sobrevivência o actual *Protectorado dos Índios*].

3

Interlocutores

A. — *Gonçalo Álvares*. No *ms.* o sobrenome está abreviado na fórmula clássica de Álvares. Na impressão de 1880 leram Alves. Mas a grafia, que corresponde ao *ms.* e era a usada no século XVI e está na carta de António de Sá, é Álvares.

Sobre a personalidade de Gonçalo Álvares há o Diálogo, a carta de António de Sá, do Espírito Santo, 13 de Junho de 1559, e uma carta de Francisco Pires, também do Espírito Santo, de 1558, mas sem indicação par-

ticular sobre a sua actividade. Nestes documentos aparece com o seu nome expresso e como bom intérprete da língua dos Índios (tupi).

No Diálogo: «Irmão Gonçalo Álvares a quem Deus deu graça e talento pera ser trombeta de sua palavra na Capitania do Espírito Santo». Trabalhava com os «Índios do Gato», os quais se mudaram do Rio de Janeiro para a Capitania do Espírito Santo, por Março de 1555, quando aí passou o P. Luís da Grã.

Álvares era dos antigos moradores: «Muito há que estou na terra». E logo a seguir: «Tenho falado muito de Deus por mandado dos Padres». Antes de estar ao serviço dos Padres tinha procedido como todos os moradores: «Ontem (diz-lhe Nogueira) lhe pedíeis [ao gentio] o filho por escravo», aludindo ao que o mesmo Gonçalo tinha declarado antes: «Eu tive um negro [índio] que criei de pequeno, cuidei que era bom cristão e fugiu-me para os seus». As suas ocupações pessoais eram: «Ando na água aos peixes-bois e trato no mato com brasil». Brasil isto é, pau-brasil, como esclarece Nogueira: «Não é essa razão de homem que anda fazendo brasil no mato». E era ou tinha sido casado. Se ainda era casado não tinha a mulher consigo ou morava em casa anexa à dos Padres, praticamente em casa, como lhe diz Nogueira: «E vós bem o sabeis pois sois de casa». Isto o que se tira do Diálogo.

Na carta de António de Sá (1559): «Como chegamos [à Aldeia do Gato], o principal Vasco Fernandes foi logo pelas casas pregando para que se ajuntasse a gente; e juntos todos os principais e a outra mais gente, Gonçalo Álvares lhes fez uma prática a qual não conto por ser mui grande e o tempo breve»⁴⁴. Na mesma carta há ainda uma referência a Gonçalo Álvares, que foi em companhia do P. Brás Lourenço ver um índio doente⁴⁵.

Na carta de Francisco Pires: «Aos dois de Abril [de 1558] morreu Sebastião de Lemos, o filho do Gato, scilicet: à sexta-feira de Lázaro; e quinta-feira estivemos com ele, Gonçalo Álvares e o Irmão Fabiano»⁴⁶.

A Gonçalo Álvares não se lhe dá o título de Irmão e não o devia ser

44. *Cartas Avulsas*, 219.

45. *Ib.*, 220.

46. *Ib.*, 195.

no sentido canónico; mas leigo a serviço de casa, como mostram as suas ocupações. Seria uma espécie de curador dos Índios, como ao mesmo tempo — na mesma Casa do Espírito Santo — Francisco Vaz era «curador» dos Meninos da Escola⁴⁷. Praticava-se isto por falta de Irmãos para tudo. O nome de Gonçalo Álvares não consta de nenhum Catálogo da Companhia. E não se deve confundir com o Irmão Gonçalo de Oliveira (depois Padre) que entrou menino em 1552.

B. — *Mateus Nogueira*. Chama-lhe Nóbrega «ferreiro de Jesus Cristo, o qual posto que com palavra não prega fá-lo com obras e com marteladas». Soldado português, casado, e combatente das guerras de África (Marrocos). Voltando a Portugal achou que a mulher lhe fora infiel. Desquitou-se dela e voltou a ser soldado, desta vez, mais longe, no Brasil. Tomou parte nas guerras da Capitania do Espírito Santo, onde ficou a residir com o ofício de ferreiro. Ao passar por aí o P. Leonardo Nunes, em fins de 1549, quis ser da Companhia e com ele seguiu para São Vicente. O Irmão Mateus Nogueira prestou relevantes serviços, com o seu utilíssimo ofício, tanto na Vila de São Vicente, como depois no Planalto de Piratininga, para onde o levou Nóbrega quando fundou São Paulo. E aí, e na Aldeia de Gerebatiba, trabalhou com solícita dedicação. Faleceu dia de São Paulo Eremita, 15 de Janeiro de 1561. Muito amado dos Índios e de todos. «Bendita alma» — informa Nóbrega⁴⁸.

4

Data

O assinalar-se a presença de Gonçalo Álvares no Espírito Santo em 1559, onde Nóbrega o dá também, fez dizer em 1938 que esse facto datava implicitamente o Diálogo⁴⁹. Mas o exame interno do mesmo Diálogo conju-

47. *Id.*, 210.

48. LEITE, *Artes e Ofícios*, 221-223.

49. *Id.*, *História*, I, 575.

gado com outros documentos das *Novas Cartas Jesuíticas*, publicadas em 1940, permite colocar a sua redacção em 1558, e talvez, melhor, em 1557.

Nóbrega, quando voltou de São Vicente para a Baía, deve ter ouvido, no Espírito Santo, os desabafos do intérprete Gonçalo Álvares; e embora só documentos de 1558 e 1559 assinalem a estada desse intérprete naquela Capitania, o próprio Gonçalo diz que há muito já falava aos Índios por ordem dos Padres. Nenhuma dificuldade, portanto, que o Diálogo se date antes de 1559 e depois de Junho de 1556, quando Nóbrega passou pelo Espírito Santo, se houver motivos que o persuadam. E há três, que favorecem a data de 1557:

a) Nóbrega, na carta de 2 de Setembro de 1557, expõe o seu pensamento sobre a conversão do Gentio, que coincide com o do Diálogo⁵⁰.

b) O «plano colonizador de Nóbrega», de 8 de Maio de 1558⁵¹, parece ser já a transposição para o terreno prático dalguns princípios estabelecidos no Diálogo.

c) O Diálogo só refere o movimento de conversões operado em São Vicente e que mais o impressionou do que nenhum outro, até 1556, data em que Nóbrega, por ordem dos seus superiores hierárquicos, deixou essa Capitania; não se refere ainda ao que se operou na Baía, depois de Mem de Sá, que chegou por Dezembro de 1557.

5

Carácter literário

A contextura do Diálogo é correcta como o pensamento que exprime. Parte duma verificação pessimista, dá as razões dela, desenvolve o assunto com perfeito domínio do que importa, — doutrina, história e experiência sobre a natureza humana colocada no duplo ponto de vista natural e cristão. E conclui com base optimista e de simpatia para com os Índios do Brasil.

50. *Novas Cartas Jesuíticas*, 68.

51. *Ib.*, 75-87.

Nóbrega, bom canonista e teólogo, cita S. Agostinho, doutor da graça, que é a implícita no Diálogo, mas dissimula-a com arte suma dentro do gênero literário que adoptou, colocando-a ao nível dum intérprete e dum ferreiro. Usa as imagens familiares aos interlocutores, tiradas dos respectivos ofícios, o pitoresco, e até o bom humor popular da época, de que é mais alta expressão Gil Vicente, seu contemporâneo, e que ele na adolescência poderia ter conhecido. E já há reminiscências deste humorismo nas breves narrativas das suas peregrinações peninsulares utilizadas por António Franco.

Sob o ponto de vista estritamente literário, nenhuma produção do século XVI, escrita no Brasil, possui o vigor concentrado desta, de fundo sério, de ética social e religiosa, sem assomos de mau gosto ou leviandade. Tudo bem proporcionado com transições dialogais expressas com naturalidade. E sem retórica.

6

Notícia do Texto

A. BIBLIOGRAFIA: SERAFIM LEITE, *História*, IX, 11.

B. TEXTO: Único, existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, Códice CXVI/ 1-33, fs. 208r-215r. Título: «*Dialago do Padre Nobriga sobre a Conversão do Gentio. Interlocutores Goçal' Alvares e Mathheus Nuguera*». Em português. Apógrafo não muito perfeito, a começar pelo título: Diálogo (com a), Nóbrega (com i) (Nuguera (com u e sem i). O copista, para aproveitar o papel, não abre um único parágrafo desde a primeira palavra à última. Tudo seguido. A distinção dos interlocutores encaixa-a entre parênteses e abreviadamente ao passar duma fala à outra /G^o Alz/ e /Math. Nug.^a/ ou apenas /Nug.^a ou /Nog.^a e uma vez saltou a indicação deste último. Reconhece-se o salto, porque tendo aberto uma fala com Gonçalo Alvares, no fim dela abre de novo com o mesmo Gonçalo Alvares, o que está certo; mas está certo, porque se esqueceu de escrever a entrada de Nogueira no lugar que lhe competia [f. 212v] entre as duas falas de Gonçalo

Álvares. Também suprimiu alguma palavra necessária ao contexto [na mesma f. 212v] ou a transcreve de modo irreconhecível, como «pimido» [poucas linhas antes do fim, f. 215r]; ou na forma espanhola ganado (gado) [na mesma folha 215r]; «naturaleza» [fs. 211v e 212r], ainda que esta [na mesma folha 212r] também aparece escrita «natureza», português correcto. O copista dá mostras de desatenção: a alma tem três «potências» (tinha escrito três «pessoas»), grafou «soliteza» em vez de «sotileza», «filophofia» por «filosofia» e em lugar de «estultícia» escreveu «justiça». E outras imperfeições que se apontam na leitura crítica do texto.

C. IMPRESSÃO: «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro», 43, 1.^a Parte (Rio de Janeiro 1880) 133-152; *Cartas Jesuíticas* I MANOEL DA NÓBREGA, *Cartas do Brasil* (1549-1560). Na 2.^a edição, da Academia Brasileira de Letras (Rio 1931) 229-245. [Não, na 1.^a ed. (1886) de VALE CABRAL].

D. HISTÓRIA DA IMPRESSÃO: Fez-se por uma cópia manuscrita existente no Instituto Histórico [Rio de Janeiro], tirada do Códice de Évora, e cotada, no mesmo Instituto, «Biblioteca de Évora», tomo 2, fs. 44 ss. Tal como se apresenta, a impressão contém erros ou tipográficos ou de leitura, feita pelo encarregado de copiar em Évora o Diálogo para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

E. PRESENTE EDIÇÃO: Reimprime-se o texto, primeiro pelo Códice de Évora, segundo em português actualizado.

III

TEXTO APÓGRAFO

INTERLOCUTORES:
GO[N]ÇAL'ALVAREZ
E MATHEUS NUGUERA

Porque me dá o tempo lugar pera me alargar, quero falar com
5 meus Irmãos o que meu spirito sente, e tomarei por interlocutores ao
meu Irmão Gonçalo Alvarez, a quem Deus deu graça e talento pera ser
trombete de sua palavra na Capitania do Spiritu Sancto, e com meu Ir-
mão Matheus Nuguera, ferreiro de Jesu Christo, o qual, posto que com
palavra nam prega, fá-lo com obras e com marteladas.

10 Emtra logo ho Irmão Gonçalo Alvarez, tentado dos negros do Gato
e de todos os outros e, meio desesperado de sua conversão, diga:

[Gonçalo Alvarez]: — Por demais hé trabalhar com estes; são tão
bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incar-
niçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem
15 desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras.

Matheus Nugueira: — Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se
adoraram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hé crer nem
adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se fun-
da em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir; e como este
20 gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica
nada.

Gonçalo Alvarez: — O que bem dizeis, quão fora estes estão, estes
de se converterem hum dia 5 e no outro tres mil por huma soo pregação
dos Apostolos, nem de se converterem reinos, cidades, como se fazia no
25 tempo passado por ser gente de juizo.

5 tomarei ms tornarei

Matheus Nogueira: — Huma cousa tem estes pior de todas, que quando vem à minha tenda, com hum anzol que lhes dê, os converte-rei a todos, e com outros os tornarei a desconverter por serem incostan-tes, e não lhes entrar a verdadeira fee nos corações. Ouvi eu já hum
30 evangelho a meus Padres, omde Christo dizia: «Não deis o Sancto aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porquos». Se alguma geração há no mundo, por quem Christo N. S. isto diga, deve ser esta, porque vemos que são cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão porque alguns Pa-
35 dres que do Reino vierão os vejo [208v] resfriados, porque vinhão cui-dando de converter a todo brasil em huma hora, e vem-se que não po-dem converter hum em hum anno por sua rudeza e bestialidade.

Gonçalo Alvarez: — Ora isso deve sser, porque não sei a qual ouvi, que quando vinhão na nao, imaginávão-se hum São João Bautista junto
40 de hum rio Jurdaam a bautizar quantos a elles viessem.

Matheus Nogueira: — Se forão tainhas do Piraiqué podera ser...

Gonçalo Alvarez: — Não há homem em toda esta terra, que co-nheça estes, que diga outra cousa. Eu tive hum negro, que criei de pe-queno, cuidei que hera boom christão e fugiu-me pera os seus: pois
45 quando aquelle não foi boom, não sei quem o seja. Não hé este o que soo me faz descomfiar destes serem capazes do bautismo, porque não fui eu soo o que criei este corvo; nem sei se hé bem chamar-lhe corvo, pois vemos que os corvos, tomados nos ninhos, se crião e amañão e en-sinão, e estes mais esquecidos da criação que os brutos animais, e mais
50 ingratos que os filhos das biboras que comem suas mãis, nenhum res-pecto tem ao amor e criação que nelles se faz.

Nogueira: — Pois que rezõis mais vos move[m] a desconfiar de nossos Padres, que a isso forão mandados do Senhor pera lhes mostra-rem a fee, não farão fructo nestas gentes? Por de mais!

55 *Gonçalo Alvarez:* — Muito bem lhes chamais. Sabeis qual hé a mor difficuldade que lhes acho? Serem tam faciles de dizerem a tudo si

35 vejo ms riscado porque

ou *pâ*, ou como vós quizerdes; tudo aprovão logo, e com a mesma facilidade com que dizem *pâ*, dizem *aani*. E se algumas vezes chamados dizem *neim tia*, hé polos não emportunardes, e mostra-oo bem a obra, 60 que se não hé com o bordão não se ergem; pera beber nunca dormem. Esta sua facilidade de tudo lhe parecer bem, acompanhada com a experientia de nenhum fructo de tanto *pâ*, tem quebrado os corações a muitos. Dizia hum de nossos Irmãos que estes erão o filho que disse no Evangelho a seu pai, que o mandava, que hia e nunca foy.

65 *Nogueira*: — Pois que remedio, emos de cansar debalde? A minha forija de dia e de noite, e o meu trabalho não me renderá nada entre elles pera levar diante de Christo quando nos vier julgar, pera que ao menos cu [209r] rta alguma parte de meus peccados muitos...

Gonçalo Alvarez: — Disso, Irmão, estais seguro que vós não perdeis nada; se Christo promete por hum pucaro de agua fria, dado por 70 seu amor, o reino dos ceos, como hé possível que percais vós tantas marteladas, tanto suor, tanta vigilia, e a paga de tanta ferramenta como fazeis? As vossas fouces, machados, muito boons são para roçardes a mata de vossos peccados, na qual o Espiritu Sancto prantará muitas graças e dões seus, se por seu amor trabalhaes.

Nogueira: — Ay! Ai!

Gonçalo Alvarez: — Porque daes esses ays?

Nogueira: — Porque vós meteis esse pontinho: se vós por seu amor 75 trabalhais.

80 *Gonçalo Alvarez*: — Pois que cuidais? Desenganai-vos, que se assim não hé tudo perdeis quanto fazeis.

Nogueira: — Pois digo-vos, Irmão meu, que me meteis em confusão. E como saberei eu que trabalho por seu amor, se eu vejo que trabalho pera quem não no ama, nem no conhece?

85 *Gonçalo Alvarez*: — Conhece logo o Senhor, por quem vós aveis de fazer que desejais vós que o conheção, amem e sirvão todos estes e todo o mundo.

68 curta *ms* outra // 73 muito *ms* muitos // 86 amem *ms* amão

Nogueira: — Desejo serto, e sempre lhe pesso que elle seja sanctificado, de todos conhecido e amado, pois hé muita rezão que a criatura
90 conheça a seu Criador, pois todo o ser e perfeição elle lhe comunicou, e a criatura rational sobre todas o conheça e honre; pera ella forão criadas e feitas todas as cousas, e hé obrigada a ser a boca de todas pera louvar a Deus por tamanho bem, que de tudo o fez senhor.

Gonçalo Alvarez: — Pois, meu Irmão, isso me parece que basta
95 pera se Deus contentar de vosso serviço ou sacrificio; chamo-lhe assi porque esse vosso officio parece que vos faz o sacrificio que na Lei Velha se chamava holocausto, que ardia todo e nada se dava a ninguem delle.

Nogueira: — Irmão, não digais isso por amor de Deus, não hé
100 bem que hum peccador, como eu, ouça isso de tão imperfecto serviço como faz a Deus, e mais que ouvi eu já que isso era figura do amor grande com que o Filho de Deus ardeu em fogo de charidade por nós na crux.

Gonçalo Alvarez: — Assi hé, perdoai-me, Irmão, que a humildade
105 de não sofre bem louvores, e eu descuidei-me.

Nogueira: — Agora me amastes bem! Chamais humildade à viva soberba! Não sejais vós como o Padre ou Irmão que o P.^o Leonardo Nunez, que está em gloria, nos contava que por se desculpar se emmelava como mosca no mel.

Gonçalo Alvarez: — Oxalá estivesse eu tanto avante [209v] que
110 me parecesse eu com elle, que hé sancto. Mas tornemos ao proposito. Irmão Nogueira, por amor de N. Senhor que livremente e segundo o que entendeis diante de N. Senhor digais que vos parece deste gentio segundo a experientia que tendes delle os annos que há que com elles
115 conversais.

Nogueira: — Que aproveita conversar, que os não entendo? Ainda que, segundo me parece delles, pera este fim de se converterem e

serem christãos não há mister muita intelligencia, porque as obras mostram quão poucas mostras elles tem de o poder vir a ser.

120 *Gonçalo Alvarez:* — Logo, de que me aproveita a mim a minha lingoa?

Nogueira: — Ha, ha, ha... Sabeis de que me rrio? De me preguntades de que aproveita a vossa lingoa; porque vos pergunto: de que aproveita a minha forija?

125 *Gonçalo Alvarez:* — Ya vos eu respondi a essa pergunta.

Nogueira: — Tomai a mesma reposta.

Gonçalo Alvarez: — Não, que os officios são diferentes, porque o meu hé falar, o vosso fazer.

Nogueira: — Não hé logo diferente o fim, porque cada hum de
130 nós á-de fazer o seu.

Gonçalo Alvarez: — E qual hé esse fim?

Nogueira: — A charidade ou amor de Deus e do proximo.

Gonçalo Alvarez: — E vós, Irmão, sois já theologo?

Nogueira: — Alguma cousa se me á-de pegar de meus Padres,
135 pois lhe eu pego quando se chegão a mim das mascarras do carvão da forja, e queira o Senhor que com meu mao viver não lhe pegue algum escandalo, ainda que pois são espirituais, ensinados estão a sofrer os enfermos e fraquos.

Gonçalo Alvarez: — Dizei-me, Irmão Nogueira, esta gente são pro-
140 ximos?

Nogueira: — Parece-me que ssi.

Gonçalo Alvarez: — Por que rezão?

Nogueira: — Porque nunca me acho senão com elles, e com seus machados e fouces.

145 *Gonçalo Alvarez:* — E por isso lhe chamais proximos?

Nogueira: — Si, porque proximos, chegados quer dizer, e elles sempre se chegão a mim, que lhes faça o que am mister, e eu como a proximos lhos faço, cuidando que cumpro o preseito de amar ao pro-

129 porque bis // 148 cumpro ms cumpre

ximo como a mim mesmo, pois lhe faço o que eu queria que me fizes-
150 sem, se eu tivesse a semelhante necessidade.

Gonçalo Alvarez: — Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer que estes não erão proximos, e porfião-no muito, nem tem pera si que estes são homens como nós.

Nugueira: — Bem! Se elles não são homens, não serão proximos,
155 porque soos os homens, e todos, maos e boons, são proximos. Todo o homem hé huma mesma natureza, e todo pode conhecer a Deus e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer que era proximo. Prova-se no Evan-velho do Samaritano, onde diz Christo N. S. que aquelle hé proximo que usa de misericordia.

160 *Gonçalo Alvarez:* — Deveis de ter boa memoria, porque vos [210r] lembrão bem as cousas que ouvis. Ouvistes já disputer entre os Irmãos ou falar nisto, em que praticamos da conversão destes gentios?

Nugueira: — Muitas vezes, ou quasi sempre, entre meus Irmãos se fala disso, e vós bem o sabeis, pois sois de casa. Cada hum fala de
165 seu officio, e como elles não tem outro, senão andar trás esta ovelha perdida, sempre tratão dos inpedimentos que achão pera a trazer.

Gonçalo Alvarez: — E que comcruem ou em que se detreminão os mais dos que nesse officio andão, das partes que achão nestas gentes pera virem a nossa sancta fee?

170 *Nugueira:* — Todos remetem o feito a Deus, e determinão de morrer na demanda, porque a isso são obrigados, assi porque a obediencia lho manda, como porque não fique nada por fazer a esta gente. Alguns não tem quá grande esperança della, olhando a sua rudeza e as cousas da fee serem delicadas, e que requerem outros entendimentos e
175 costumes, porque dizem elles que hé mui grande dispocissão pera hum vir a ser christão, ter mui boom entendimento (que, ainda que soo este não abasta pera entender as cousas da fee, ajuda a lhe fazer entender que não há nella cousa que seja contra a rezão natural) de que es-

152 si ms sim // 166 trazer ms traher // 173 quá ms emendado de huma

tes carecem; e daqui dizem que naceo que no tempo dos Apostolos,
180 quanto os homens erão mais sabios e de boa vida, mais facilmente vi-
nhão ò conhecimento da verdade, e os martires mais lhos contrariavão
os maos costumes dos tiranos, que as rezõis que nenhum delles tivesse
contra o que lhe pregavão; e que, porque estes gentios não tem rezões
e são muito viciosos, tem a porta serrada para a fee naturalmente, se
185 Deus por sua misericordia não lha abrisse.

Gonçalo Alvarez: — Parecem boas rezõis essas, a memoria das cou-
sas de Deus. Dizei-me, Irmão, por amor de N. Senhor, não há entre
meus Irmãos e Padres quem estê da parte destes negros?

Nogueira: — Todos, porque todos os desejão converter e estão de-
190 treminados de morrer na demanda, como disse.

Gonçalo Alvarez: — Não duvido eu que todos tem esses desejos,
mas como isso hé cousa de necessidade, quizera eu que ouvera hum que
dera rezõis pera nos acender o fogo; e, pera vos falar por nossos termos,
quizeramos huns foles pera nos asoprar o fogo que se nos apaga.

195 *Nogueira:* — Não falta isso, bastão os nossos Padres pera fazer
fogo artificial que nos queime a todos os que neste negotio nos ocupa-
mos, porque como o elles devem de ter no espirito, não fazem senão
[210v] destruir rezõis e dar outras, ainda que a frios como eu, não sa-
tisfazem.

200 *Gonçalo Alvarez:* — Porque?

Nogueira: — Porque todas ellas parece que não convem mais, se-
não que, já que avemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fer-
vor, o que a todos nos convem muito, pois, segundo a charidade com
que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará quando chamar à
205 tarde os obreiros pera lhes pagar seus jornaes, os quais já ouvireis que
só derão, não conforme ao trabalho e tempo, senão ao fervor, amor e
diligentia que se puzer na obra.

Gonçalo Alvarez: — Não falemos como ferreiro.

Nogueira: — Não sei como falo, falo como me vem à boca, se for

210 mal dito perdoai, que não hé ninguém obrigado a mais que ao que tem e sabe.

Gonçalo Alvarez: — Deixemos isto! Sou tão descuidado que logo me esquece que esperais como vos louvão como o fio quente quando o batem! Eu me guardarei de vos dar mais martelada porque me não
215 queime. Por amor de Deus que me digais algumas das rezõis que os Padres dão pera estes gentios virem a ser christãos? Que alguns tem asertado que trabalhamos debalde, ao menos até que este gentio não venha a ser mui sogeito, e que com medo venha a tomar a fee.

Nogueira: — E isso que aproveitaria se fossem christãos por força,
220 e gentios na vida e nos costumes e vontade?

Gonçalo Alvarez: — Aos pais, dizem os que tem esta opinião, que pouco, mas os filhos, netos e dahi por diante o poderião vir a ser, e parece que tem rezão.

Nogueira: — E a mi sempre me pareceo este muito bom e melhor
225 caminho, se Deus assi fizesse, que outros. Não falemos em seus segredos e potentia e sabedoria que não há mister conselheiros, mas humanamente como homens assi falando, este parece o melhor e o mais certo caminho.

Gonçalo Alvarez: — Mas as rezõis dos Padres, se vos lembrão, de-
230 sejo ouvir, porque as que eu apontei no principio não sei como mas elle[s] desfarão.

Nogueira: — Olhai quá, Irmão, a charidade tudo desfaz e derrete, como o fogo ao ferro muito duro amolenta e faz em masa.

Gonçalo Alvarez: — Nisso me parece que vós não tendes rezão,
235 porque a charidade não poderá tirar a verdade, e mais que rezõis pertencem ao entendimento, e a charidade à vontade, [211r] que são cousas diferentes. Asi como o fogo não tira ao ferro senão a escoria, e não gasta o ferro limpo e puro; se as rezõis são boas a charidade não será

212 Deixemos ms Disemos // 224 bom ms boa // 227 parece ms parecer // 238 a ms riscado charidade

contra ellas, porque seria contra a verdade, e assi não fiquaria caridade
240 senão pertinatia.

Nogueira: — Parece-me que hé isso verdade, e que onde ouver
sobejo zelo, às veses averá segar-se as rezõis ou usar pouco dellas, o que
cada dia se vê nos muito afeiçoados a huma cousa.

Gonçalo Alvarez: — E isso não hé mao?

245 *Nogueira:* — Não sei eu hora quam mao será! Parece-me que ouvi
dizer que S. Paulo não aprovava tudo o que com boom zello se fazia, e
que a huns dava testemunho do zelo, ainda que era boom, a circuns-
tancia necessaria, que hé saber se hé conforme a vontade de Deus, por-
que esta hé a regra que mede todas as obras, e tanto vão direitas e boas
250 quanto com ella conformão, e tanto desvião da bondade quanto desta
se desvião.

Gonçalo Alvarez: — Parece muita rezão que seya isso muita ver-
dade. Conforme a isso não foi boom fazer El-Rei Dom Manoel os ju-
deos christãos despois da matança, ainda que os mais delles dezião que
255 si, mas tomou-os com os portais cheios de sangue que derramarão os
ministros do demonio percutiente, que por justiça de Deus os ferio,
yncitados por dous frades dominicos, que despois pollo mesmo caso mor-
rerão no Porto por mandado do dito Rei, e assi se pagou hum mal com
outro, como se custuma no mundo, permitindo e disimulando Nosso
260 Senhor até o dia em que manifestar a todos nossas obras quais forão.
E El-Rei Sesebuto, Rei d'Aragão, não se lhe condena nos sagrados ca-
nones o zelo com que contra vontade dos pais, judeus, mandou en seu
reino bautizar seus filhos, mas o fim não lho louvão. Logo nem tudo
o que parece bem se á-de fazer, senão o que realmente for boom.

265 *Nogueira:* — E como saberá homem sempre acertar, que hé ho-
mem ignorante e fraco, se reis com seus conselhos não acertão?

Gonçalo Alvarez: — Tomando conselho com Deus e com os ho-
mens desapaixonados, e que tenham boa consientia.

254 da ms de // 257 yncitados ms yncitandos // 260 manifestar ms manifestou // 261
Sesebuto ms Jesebuto

Nogueira: — E onde se acharão esses? Acerta-se muitas vezes, que
270 não se acham [211V] senão huns rejalados e frius, como eu, que por se
poupar não querem sair do ninho, não se lembrando quanto as almas
custarão a Christo, e estes tais parece que não podem aconselhar bem
em semelhantes negocios.

Gonçalo Alvarez: — À falta doutros, que tenham zelo e saber, to-
275 davia me aconselharia com esses, porque alguma ora falou já o Espiritu
Santo, e aconselhou hum profeta, ainda que não muito virtuoso, por
bem do povo que elle amava; e se elle quer fazer bem a estes, como hé
de crer que quer, porque não aborrece nada do que fez, ainda que se
o que nós fazemos, elle aconselhara por maos o que se deve fazer. Mas
280 já falaria ouvir-vos as rezõis que tendes ouvido dos Padres pera nos
animarmos a trabalhar com elles, e as que tem en contrario das que de-
mos no principio.

Nogueira: — Já que tanto apertais comigo, e me pareceis desejoso
de saber a verdade deste negocio, creio que vos tenho esgotado, dir-vos-
285 -ei o que muitas vezes martelando naquele ferro duro estou cuidando e
o que ouvi a meus Padres por muitas vezes. Parece que nos podia Chris-
to [que] nos está ouvindo, dizer: Ó estultos e tardios de coração pera
crer! Estou eu imaginando todas as almas dos homens serem humas e
todas de hum metal, feitas à imagem e semelhança de Deus, e todas ca-
290 pazes da gloria e criadas pera ella; e tanto val diante de Deus por na-
tureza a alma do Papa, como a alma do voso escravo Papaná.

Gonçalo Alvarez: — Estes tem alma como nós?

Nogueira: — Isso está claro, pois a alma tem tres potentias, en-
tendimento, memoria, vontade, que todos tem. Eu cuidei que vós ereis
295 mestre já em Israel, e vós não sabeis isso! Bem parece que as theologias
que me dizeis arriba eram postigas do P.^e Brás Lourenço, e não vossas.
Quero-vos dar hum desengano, meu Irmão Gonçalo Alvarez: que tão

278 se ms sy // 288 homens ms homens huma nos // 289 hum ms huma // 293 poten-
tias ms emendado de pessoas // 296 eram ms era e eram

ruim entendimento tendes vós pera entender ho que vos queria dizer, como este gentio pera entender as cousas de nossa fé.

300 *Gonçalo Alvarez:* — Tendes muita rezão, e não hé muito, porque eu ando n'agoa aos peixes bois e trato no mato com brasil, não hé muito ser frio; e vós andais sempre no fogo, rezão hé que vos aqueceis, mas não deixeis de proseguir adiante, pois huma das obras de misericordia hé ensinar aos ignorantes.

305 *Nogueira:* — Pois estai atento. Depois que nosso pai Adam peccou, como dis o psalmista, não conhecendo a honrra que tinha, foi tornado semelhante à besta, [212r] de maneira que todos, asi Portugeses, como Castelhanos, como Tamoios, como Aimurés, ficamos semelhantes a bestas por natureza corrupta, e nisto todos somos iguais, nem
310 dispensou ha natureza mais com huma geração que com outra, posto que em particular dá melhor entendimento a hum que a outro. Fazamos logo do ferro todo hum, frio e sem vertude, sem se poder volver a nada, porem, metido na forija, o fogo o torna que mais parece fogo que ferro; assi todas as almas sem graça e charidade de Deus sam ferro frio sem
315 proveito, mas quanto mais se aquece no fogo, tanto mais fazeis delle o que quereis. E bem se vê em hum que está en peccado mortal, fora da graça de Deus que pera nada presta das cousas que toquam a Deus, não pode rezar, não pode estar na igreja, a toda a cousa espiritual tem fastio, não tem vontade pera fazer cousa boa nenhuma; e se por medo
320 ou por obedientia ou por vergonha ha faz, hé tão tristemente e tão preguiosamente, que não val nada, porque está escripto que ao dador com alegria recebe Deus.

Gonçalo Alvares: — Isso bem entendo eu, porque ho vi em mim antes que fosse cassado, que andava en peccados e ainda agora praza a
325 Deus que não tenha muito disso.

Nogueira: — Pois que direi eu, que envelheci nelles, e como homem que foi ferido falo!

Gonçalo Alvarez: — Pois [se] assim hé, que todos temos huma al-

ma e huma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos huns, de
330 que veyo estes negros serem tão bestiais, e todas as outras gerações, como
os romanos, e os gregos, e os judeus, serem tão discretos e avissados?

Nogueira: — Esta hé boa pergunta, mas clara está a reposta. Todas as gerações tiverão tãobem suas bestialidades: adoravão pedras e paos, dos homens fazião deuses, tinham credito em feitiçarias do diabo;
335 outros adoravão os bois e vaquas, e outros adoravão por deus aos ratos e outras inmundicias; e os judeus, que erão a gente de mais rezão que no mundo avia, e que tinha conta com Deus, e tinham as Escripturas des ho começo do mundo, adorarão huma bezerra de metal, e não os podia Deus ter que não adorassem os idolos e lhes sacrificavão seus pro-
340 prios filhos, não olhando as tantas maravilhas que Deus fizera [212v] por elles, tirando-os do captiveiro de Faraoo. Não vos parece tam bestiais os mouros, a quem Mafamede despois de serem christãos converteo à sua bestial secta, como estes? Se quereis quoteijar cousa com cou-
sa, cegueira com segueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis
345 de hum jaez, que procedem de huma mesma segueira. Os mouros creem em Mafamede, muito visioso e torpe, e põe-lhes a bem-aventurança nos deleites da carne e nos vicios, e estes dam credito a hum feiticeiro que lhes põe a bem-aventurança na vingança de seus imigos e na valentia, e en terem muitas molheres. Os romanos, os gregos, e todos os outros
350 gentios, pintão e tem inda por deus a hum idolo, a huma vacua, a hum galo, estes tem que há deus e dizem que hé o trovão, porque hé cousa que elles acham mais temerosa, e nisto tem mais rezão que os que adorão as rãs ou os galos; de maneira que, se me coteijardes error com error, cegueira com cegueira, tudo achareis mintira, que procede do pai
355 da mentira, mintiroso desd'o começo do mundo.

Gonçalo Alvarez: — Bem estou com isso. Mas como são os outros todos mais polidos, sabem ler, escrever, tratão-se limpamente, souberão a filosofia, inventarão as sientias que agora há, e estes nunca souberão

332 clara ms claro // 351 ha ms hai // 358 filosofia ms filophofia

mais que andarem nus e fazerem huma frecha? Ho que está claro que
360 denota aver [desigual] entendimento em huns e outros.

Nogueira: — Não hé essa rezão de homem que anda fazendo brasil no mato, mas estai atento e entendereis. Terem os romanos e outros gentios mais policia que estes não lhes veio de terem naturalmente mi-
lhor emtendimento, mas de terem melhor criação e criarem-se mais po-
365 liticamente. E bem creio que vós o vereis claro, pois tratais com elles e vedes que nas cousas de seu mester e em que elles tratão, tem tam boas sotilezas, e tão boas invenções, e tão discretas palavras como todos, e os Padres o experimentão cada dia com seus filhos, os quais achão de tão boom entendimento que muitos fazem vantagem aos filhos dos chris-
370 tãos.

Gonçalo Alvarez: — Pois como tiverão estes pior criação que os outros e como não lhes deu a natureza a mesma policia que deu aos outros?

[*Nogueira*]:—Isso podem-vos dizer chãmente, falando a verdade,
375 que lhes veo por maldição de seus avoz, porque estes creemos serem descendentes de Chaam, filho de Noé, que descobrio as vergonhas de seu pai bebado, e em maldição, e por isso, fiquarão nus e tem outras mais miserias. Os outros gentios, por serem [213r] descendentes de Set e Japher, era rezão, pois eram filhos de benção, terem mais alguma avan-
380 tagem. E porem toda esta maneira de gente, huma e outra, naquilo em que se crião tem huma mesma alma e hum ente[n]dimento, e prova-sse polla Escriptura, porque logo os primeiros dous irmãos do mundo hum segio huns costumes e outro outros. Isac e Ismael ambos forão irmãos, mas Isac foi mais politico que ho Ismael que andou nos matos.
385 Hum homem tem dous filhos de igual entendimento, hum criado na aldea e outro na cidade; o da aldea empregou seu entendimento em fazer hum arado e outras cousas da aldea, o da cidade em ser cortezão e politico: certo está que ainda que tenham diversa criação, ambos tem hum entendimento natural exercitado segundo sua criação. E o que

367 sotilezas ms solitezas // 368 o ms os

390 dizeis das scientias que acharam os philosophos que denota aver enten-
dimento grande, isso não foi geral beneficio de todos humanos, dado
polla natureza, mas foi especial graça dada por Deus, nam a todos os
romanos nem a todos os gentios, senão a hum ou a dous, ou a poucos,
pera proveito e fermosura de todo ho universo. Mas que estes por não
395 ter essa policia fiquem de menos entendimento para receberem a fee
que os outros que a tem, me nam provareis vós nem todas as rezõis
acima ditas; antes provo quanto esta policia aproveita por huma parte,
tanto dana por outra, e quanto a simplicidade destes estorva por huma
parte, ajuda por outra. Veja Deus isso e julge-o; julgue-o tãobem quem
400 ouvir ha esperientia des que começou a Igreja, e ver que mais se per-
deo por sobejos e soberbo[s] entendimentos que não por simplicidade
e pouco saber. Mais facil hé de converter hum ignorante que hum ma-
licioso e soberbo. A principal guerra que teve a Igreja forão sobejos
entenderes: daqui vierão os hereges e os que mais duros e contumases
405 ficaraam; daqui manou a pertinacia dos judeos, que nem com serem
convencidos por suas proprias Scripturas nunqua se quizeram render à
fee; daqui veio a dizer São Paulo: Nós pregamos a Jesu Christo cruci-
ficado aos judeus escandalo e às gentes estulticia. Dizei-me, meu Irmão,
qual será mais facil de fazer? Fazer crer a hum destes, tão faciles a
410 creer, que nosso Deus morreo, ou a hum judeu que esperava ho Mesias
poderosso [213v] e senhor de todo o mundo?

Gonçalo Alvarez: — Com mais dificuldade a hum judeu, mas
des que elle caisse na conta ficaria mais constante, como ficaram muitos
que logo davão a vida por isso.

415 *Nogueira:* — O mesmo vos digo que des que estes cairem na conta
o mesmo farão. Dai-me vós que lhe entre a fee no coração, que ho mes-
mo será de hum que do outro, e o tempo e o trabalho, e a diligencia
que hé necessaria pera convencer hum judeu ou hum p[h]ilosopho, se
outro tanto gastardes con doutrinar de novo hum destes, mais facil será
420 sua conversão de coração, dando Deus igual graça a hum que a outro.

405 pertinácia ms pertinancia // 408 estulticia ms justicia



E está clara a rezão, porque como as cousas de nossa fee das mais essenciais, como são da S. Trindade e que Deus se fez homem e os misterios dos sacramentos, não se podem provar por rezão demonstrativa, antes muitas são sobre toda rezão humana, claro está que mais difficil será de
425 crer a hum philosopho, que todo se funda em subtilezas de rezão, que não a hum que outras cousas muito mais somenos cree.

Gonçalo Alvarez: — Hé verdade, porque estes se lhe deitais a morte, cuidão que os podeis matar, e morrerão da imaginação pello muito e sobejo que creem; e crem que o panicum há-d'ir à rossa, e outras
430 cousas semelhantes que seus feiticeiros lhes metem na cabeça. Mas ainda nem isso não farta, porque muito me há que estou na terra e tenho falado de Deus muito por mandado dos Padres, e nunca vi a nenhum ter tanta fee que me parecesse que morreria por ella se fosse necessario.

Nogueira: — Se me vós desses licença, eu vo-lo diria.

435 *Gonçalo Alvarez:* — Dizei, meu Irmão, que eu vos perdoo.

Nogueira: — Parece-me que por mais faciles que fossem a se converterem, não se converterião da maneira que lhes dizeis nem lho dizem os Padres, e por isso estai-me atento. Sabereis como o officio de converter almas hé o mais grande de quantos há na terra e por isso
440 requere mais alto estado de perfeição que nenhum outro.

Gonçalo Alvarez: — Que requere? Não abasta ser lingoa e saber-lho bem dizer?

Nogueira: — Muito mais á mister. Vede vós o que tinha hum dos Apostolos de Christo que converterão o mundo e por ahi vos regereis. Primeiramente tinham muito espirito, tanto que ardião de dentro do fogo do Spiritu Sancto, porque, doutra maneira, como á-de atear
445 [214r] fogo divino em ho coração de hum gentio, ho que tem o seu hum caramelo? Há-de ter muita fee, comfiando muito em Deus e desconfiando muito de ssi; há-de ter graça de falar mui bem a lingoa; há-
450 -de ter virtude pera fazer milagres quando cumprir, e outras graças muitas que tinham os que converterão gente, e sem isto não tenho ou-

vído que ninguem se convertesse. E vós quereis converter sem nada disto, e que de graça sejam logo todos sanctos? Esse seria o maior milagre do mundo; e ainda que vós sejais lingoa e lho sabeis bem dizer, não
455 me negareis que se algum vos não fala à vontade, logo perdeis a patientia e dizeis que nunca aon-de ser boons. Nem tem rezão de vos darem credito a vossas palavras, porque ontem lhe pedieis o filho por escravo, e estoutro dia os querieis enganar. E tem rezão de se temerem de os quererdes emganar, porque isto hé o que comummente tratão os
460 maos christãos com elles.

Gonçalo Alvarez: — Isso hé verdade, mas os Padres que lhes fãlão con tanto amor, porque os nam creem?

Nogueira: — Porque até agora não tem os Indios visto essa diferença antre os Padres e os outros christãos. Seja logo esta a comcrusão,
465 que quando Santiago, com correr toda Espanha e falar mui bem a lingoa, e ter grande charidade, e fazer muitos milagres, não converteo mais que nove disipulos; e vós quereis e os Padres, sem fazer milagres, sem saber sua lingoa, nem entender-se com elles, com terdes presumssão de apostolo e pouca confiança e fee em Deus, e pouca charidade, que
470 sejam logo bons christãos? Porem, por vos fazer a vontade, vos contarei que já vimos indios desta terra com mui claros sinais de terem verdadeira fee no coração e amostraram-no por obra, não somente dos meninos que criamos comnosco, mas tãoobem dos outros grandes de mui pouco tempo comversados. Quem vio na Capitania de São Vicente, que hé
475 terra onde se mais tratou com os Indios que nenhuma do Brasil, a morte gloriosa de Pero Lopes? Quem vio suas lagrimas, os abraços de amor aos Irmãos e Padres? Diga-o quem vio a virtude tam viva de sua molher, quam fora dos costumes que antes tinha, quam honesta viuva e quam christãmente vive, tanto que pareceo a todos digna de lhe darem
480 o Sanctissimo Sacramento! Pois que direi de suas filhas duas, a qual melhor christãa! Que direi da fee do grão velho Cayobi, que deixou sua aldea e suas roças e se veo morrer de fome em Piratininga por amor

477 virtude ms riscado este // 481 Cayobi ms Sayobi

de nós, cuja vida e costumes e obediencia a [214v] amostra bem ha fee
do coração! Quem vio vir Fernão Correa de tão longe com fervor de
485 fé vir a pedir o bautismo e depois de tomado levá-lo N. Senhor! E
muitos outros da Aldea, os quais ainda que alguns não deixem a vida
viciosa por exemplo de outros maos christãos que vem, todavia se cree
delles terem fee, pois o principal peccado e que lhe mais estranhão, dei-
xarão, que hé matarem em terreiro e comerem carne humana. Quem
490 não sabe que indo à guerra estes e tomando contrairos os matarão e em-
terrarão? E pera mais vos alegrar, tãobem vos direi que se vio na Man-
disoba, onde se matavão huns indios Carijós, outro indio, que com os
Padres andava, offerecer-se com grande fervor e lagrimas a morrer polla
fee, só porque aquelles morresem christãos, e outros muitos casos parti-
505 culares que acontecem cada dia, que seria largo contar. Pois antre tão
poucos colher-se logo tal fructo e com tão fraquos obreiros, como será
posivel se N. Senhor mandar boons obreiros à sua vinha com as partes
necessarias, não se colher muito fructo? Por serto tenho que se vos acha-
reis no tempo dos Martires e vireis aquellas carniçarias daquelles infieis,
500 que não abastava tantos milagres e maravilhas pera os amolentar, nen
tão boas pregações e rezõis, vós e eu diseramos: nunca estes an-de ser
boons. Resolvendo-me logo, digo: emfim rezõis! Que ho negocio de
converter hé principalmente de Deus, e ninguem trás a conhecimento
de Jesu Christo senão quem seu Pai traz, e quando elle quer faz de pe-
505 dras filhos de Isrrael, como tão pouco ninguem pode salvar-se nem ter
graça sem elle.

Gonçalo Alvarez: — Isso hé tudo da parte de Deus, mas da parte
do gentio tãobem hé necessario aparelho, porque ouvi dizer que dis S.
Agustinho que Deus que me fez sem mim não me salvará sem mim.

510 *Nogueira:* — Da parte do gentio digo que huns e outros tudo são
ferro frio, e que quando os Deus quizer meter na forja logo se conver-
terão; e sse estes na fragoa de Deus fiquarão pera sse meterem no fogo
por derradeiro, ho verdadeiro ferreiro, senhor do ferro, lá sabe ho por-

488 pois ms riscado o p // 494 só ms e // 513 lá ms ho

que, mas de aparelho de sua parte tão mau o tem estes como ho tinham
515 todas as outras gerações.

Gonçalo Alvarez: — Isso desejo saber mais claro.

Nogueira: — Quanto mais impedimentos hum tiver pera a conversão, tanto diremos que está menos disposto, e quanto menos do mal tem Deus que tirar delles, tanto mais dispostos serão.

520 *Gonçalo Alvarez:* — Ide adiante e provai isso.

Nogueira: — [215r] Contai-me o mal de hum destes e ho mal de hum philosopho romano. Hum destes, muito bestial, sua bem-aventurança hé matar e ter nomes, e esta hé sua gloria por que mais fazem. Ha lei natural nam a guardão porque se comem; sam muito luxuriosos, muito mentirosos, nenhuma cousa aborressem por má, e nenhuma
525 louva[m] por boa; tem credito em seus feiticeiros: aqui me emçarrareis tudo. Hum philosopho hé muito sabio, mas muito soberbo, sua ben-aventurança está na fama ou nos deleites, ou nas victorias de seus inimigos; muito malisioso, que a verdade que lhe Deus ensinou, escondeo,
530 como diz São Paulo; não guardão a lei natural, posto, que a entendão; muito vitiosos no vitio contra a natura; muito tiranos e amigos de senhorear; mui cobisosos e mui temerosos de perderem o que tem; adorão idolos, sacrificião-lhe sangue humano, e senhores de todo o genero de maldade: ho que não achareis nestes porque, segundo dizem os Padres
535 que confessam, em dous ou tres dos mandamentos tem que fazer com elles; antre si vivem mui amigavelmente como está claro: pois qual vos parece maior penedo pera desfazer?

Gonçalo Alvarez: — De rroim gado não hai que escolher, mas todavia queria que me respondesseis às rezões de riba mais distintamente.

540 *Nogueira:* — Pollo que está dito bem clara está a reposta.

IV

TEXTO ACTUALIZADO

INTERLOCUTORES:

GONÇALO ALVARES E MATEUS NOGUEIRA

Porque me dá o tempo lugar para me alargar, quero falar com meus Irmãos o que meu espírito sente. E tomarei por interlocutores ao meu Irmão Gonçalo Álvares, a quem Deus deu graça e talento para ser trombeta de sua palavra na Capitania do Espírito Santo, e com meu Irmão Mateus Nogueira, ferreiro de Jesus Cristo, o qual posto que com palavra não prega, fá-lo com obras e com marteladas.

Entra logo o Irmão Gonçalo Álvares, tentado dos negros¹ do Gato² e de todos os outros; e, meio desesperado de sua conversão, diga:

Gonçalo Álvares

Por demais é trabalhar com estes! São tão bestiais, que não lhes entra no coração coisa de Deus! Estão tão encarniçados em matar e comer, que

1. *Negros* por oposição a Brancos, mas trata-se de Índios. Na mesma acepção escreve Nóbrega a D. João III, de Olinda, 14 de Setembro de 1551 (carta autógrafa): «négras forras do gentio» (*Cartas do Brasil*, 124), falando de índias livres. O mesmo irá usar CAMÕES: «Concertam-se que o negro mande dar» (*Lusiadas*, VIII, 93), referindo-se a um funcionário hindu; e a hindus, que se restituem: «tornando alguns negros» (*Lus.*, IX, 12). Com a palavra *Negros*, Nóbrega emprega também a de Índios, como se lê várias vezes neste mesmo Diálogo, em particular na fala de Nogueira sobre os índios convertidos da Capitania de São Vicente (*infra*, pp. 97-99).

2. Os *Índios do Gato* vieram por Março de 1555, presente o P. Luís da Grã, que escreve do Espírito Santo, a 24 de Abril daquele ano: «Fica agora o P. Brás Lourenço com uma nova ocupação, de que temos confiança em o Senhor que se siga mais certo fruto do que sinto em nenhuma outra parte, que eu tenha visto, do Brasil, porque depois que eu tornei a arribar

nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar! Pregar a estes é pregar em deserto a pedras.

Mateus Nogueira

Se tiveram rei, puderam-se converter ou se adoraram alguma coisa. Mas como não sabem que coisa é crer nem adorar, não podem entender a pregação do Evangelho, pois ela se funda em fazer crer e adorar a um só Deus e a esse só servir; e como este gentio não adora nada, nem crê nada, tudo o que lhe dizeis se fica nada.

Gonçalo Alvares

O que bem dizeis, quão fora estes estão de se converterem um dia cinco³ mil e no outro três mil⁴ por uma só pregação dos Apóstolos, nem de se

a esta Capitania, chegou aqui um principal, que chamam *Maracajãguaçu*, que quer dizer *Gato Grande*, que é mui conhecido dos cristãos e mui temido entre os gentios e o mais aparentado entre eles. Este vivia no Rio de Janeiro e há muitos anos que tem guerra com os Tamoios, e, tendo dantes muitas vitórias deles, por derradeiro vieram-no pôr em tanto aperto, com cercas que puseram sobre a sua Aldeia e dos seus, que foi constringido a mandar um filho seu, a esta Capitania, a pedir que lhe mandassem embarcação pera se vir pelo aperto grande em que estava, porque ele e sua mulher e seus filhos e os mais dos seus se queriam fazer cristãos. Moveu isto a piedade aos moradores, por saberem quanta bondade, bom tratamento e fidelidade usara sempre com os cristãos, e que os mesmos cristãos, que então vieram dessa parte, afirmavam a extrema necessidade e lhes parecia que daí a mui poucos dias seriam comidos dos contrários, e que aquela vontade de ser cristão tinha ele dito, muito havia, a muitas pessoas, e assim o dissera a Tomé de Sousa. Mas não ousaram a fazê-lo por ser ele de Capitania alheia, que é São Vicente, a quem ele não mandou pedir esse socorro, por serem seus contrários também os Índios de São Vicente [...]. Tirou Vasco Fernandes Coutinho sobre isso testemunhas e mandou 4 navios, pera que fossem seguros dos Franceses, que sempre há naquele Rio, e que dessem todo favor, com artilharia e mantimento que levavam, mas que não os trouxessem se não estivessem em extrema necessidade. Chegando lá os navios, estando já com casas e fato queimado, dentro em dia e meio se embarcaram com tanta pressa, que havia pais que deixavam na praia seus filhos, e dois que ficavam na praia pera expirar, já de fome, baptizaram logo, e no-los deram. Estes fazem sua aldeia apegada com esta vila» (*Bras.* 3 (1), 137r-137v; *Novas Cartas Jesuíticas*, 179-181).

3. No ms 5, com um traço horizontal por cima, que é o mesmo que cinco mil. (Act. Apost. 4, 4).

4. Act. Apost. 2, 41.

converterem reinos [e] cidades, como se fazia no tempo passado por ser gente de juízo.

Mateus Nogueira

Uma coisa têm estes pior de todas, que quando vêm à minha tenda, com um anzol que lhes dê os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter, por serem inconstantes e não lhes entrar a verdadeira fé nos corações.

Ouvi eu já um evangelho a meus Padres, onde Cristo dizia: «Não deis o Santo aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos»⁵. Se alguma geração há no mundo por quem Cristo N. S. isto diga, deve ser esta, porque vemos que são cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem. E esta deve ser a razão porque alguns Padres que do reino vieram, os vejo [208v] resfriados, porque vinham cuidando de converter a todo brasil⁶ em uma hora, e vêem-se que não podem converter um, em um ano, por sua rudeza e bestialidade.

Gonçalo Alvares

Ora isso deve ser, porque não sei a qual ouvi, que quando vinham na nau imaginavam-se um S. João Baptista junto de um rio Jordão a baptizar quantos a eles viessem...

Mateus Nogueira

Se foram tainhas do Piraiqué⁷ pudera ser!...

5. Mat. 7, 6.

6. A *tudo brasil*, tomado aqui por «índio» [brasil], não por «terra» (Brasil), como é claro na linha seguinte: «um» [brasil].

7. «*Piraiqué*», na língua da terra, quer dizer entrada de peixe», explica Jácome Monteiro que descreve como se praticava no Rio Magé, Baía de Guanabara: «No mês de Junho vem desovar a este rio infinitos cardumes de tainhas e corimás. Nas águas vivas de lua nova tapam a boca deste rio com varas e esteiras; depois pisam muita quantidade de timbó, que em Portugal responde ao barbasco; na vazante da maré enchem o rio de sumo destes paus com o qual

Gonçalo Alvares

Não há homem em toda esta terra, que conheça estes, que diga outra coisa. Eu tive um negro⁸, que criei de pequeno, cuidei que era bom cristão, e fugiu-me para os seus. Pois quando aquele não foi bom, não sei quem o sejal. Não é este o que só me faz desconfiar destes serem capazes do baptismo, porque não fui eu só o que criei este corvo; nem sei se é bem chamar-lhe corvo, pois vemos que os corvos, tomados nos ninhos, se criam e amansam e ensinam; e estes, mais esquecidos da criação que os brutos animais, e mais ingratos que os filhos das víboras que comem suas mães, nenhum respeito têm ao amor e criação que neles se faz.

Mateus Nogueira *

Pois que razões mais vos movem a desconfiar de nossos Padres, que a isso foram mandados do Senhor para lhes mostrarem a fé? Não farão fruto nestas gentes? Por demais!

Gonçalo Alvares

Muito bem lhe chamais. Sabeis qual é a maior dificuldade que lhes acho? Serem tão fáceis de dizer a tudo sim ou *pâ*⁹ ou como vós quizerdes. Tudo aprovam logo, e com a mesma facilidade com que dizem *pâ* dizem *aani*¹⁰. E se algumas vezes, chamados, dizem *neim tia*¹¹ é pelos não importunardes.

se embebeda o peixe, de sorte que nenhum escapa, e toma-se tanto que com passarem as embarcações que dele se enchem, de 120, 140, ficam serras de peixe sem se aproveitar. Este *piraiqué* se chama real, porque se não pode dar sem ordem da Câmara, pera o qual se bota pregão 15, 20 dias antes. Disseram-me que se ajuntava nele perto de duas mil almas» [1610]. Cf. LEITE, *História*, VIII, 399.

8. Negro, isto é, índio.

* No ms. só Nogueira, e sempre o mesmo até ao fim; mas, por uniformidade continua-se a dar aqui o nome completo.

9. *Pâ*, «sim», como diz o texto.

10. *Aani*, «não».

11. *Neim tia*: «Bem! Já vou». Cf. LEONARDO DO VALE, *Vocabulário na Língua Brasileira*, ed. de PLÍNIO AYROSA (São Paulo 1938) 102: v. «anda».

E mostra-o bem a obra, que se não é com o bordão não se erguem. Para beber nunca dormem! Esta sua facilidade de tudo lhes parecer bem, acompanhada com a experiência de nenhum fruto de tanto *pã*, tem quebrado os corações a muitos. Dizia um de nossos Irmãos que estes eram o filho, que disse no Evangelho¹² a seu pai que o mandava, que ia e nunca foi...

Mateus Nogueira

Pois que remédio! Hemos de cansar de balde? A minha forja, de dia e de noite, e o meu trabalho não me renderá nada entre eles para levar diante de Cristo, quando nos vier julgar, para que ao menos cur[209r]ta¹³ alguma parte de meus pecados muitos?...

Gonçalo Alvares

Disso, Irmão, estai seguro que vós não perdeis nada. Se Cristo promete por um púcaro de água fria, dado por seu amor, o reino dos Céus¹⁴, como é possível que percais vós tantas marteladas, tanto suor, tanta vigília, e a paga de tanta ferramenta como fazeis? As vossas foices, machados, muito bons são para roçardes a mata de vossos pecados, na qual o Espírito Santo plantará muitas graças e dons seus, se por seu amor trabalhais.

Mateus Nogueira

Ail Ail...

Gonçalo Alvares

Porque dais esses ais?

12. Mat. 21, 28-30.

13. No *ms.* «outra», que não faz sentido e falta o verbo: «curta» podia ser a palavra do original e não destoia da imagem da forja, no sentido de padecer (padecer por conta dos meus pecados muitos). Como se vê no texto, a palavra está em duas páginas, cortada, o que explica o engano ou talvez salto do copista.

14. Mat. 10, 42; Marc. 9, 40.

Mateus Nogueira

Porque vós meteis esse pontinho ¹⁵: se vós por seu amor trabalhais...

Gonçalo Alvares

Pois que cuidais? Desenganei-vos que se assim não é, tudo perdeis quanto fazeis.

Mateus Nogueira

Pois digo-vos, Irmão meu, que me meteis em confusão. E como saberei eu que trabalho por seu amor, se eu vejo que trabalho para quem não-no ama, nem-no conhece?

Gonçalo Alvares

Conhece logo o Senhor, por quem vós haveis de fazer, que deseiais vós que o conheçam, amem e sirvam todos, estes e todo o mundo.

Mateus Nogueira

Desejo certo, e sempre lhe peço, que ele seja santificado, de todos conhecido e amado, pois é muita razão que a criatura conheça a seu Criador, pois todo o ser e perfeição ele lhe comunicou e a criatura racional sobre todas o conheça e honre. Para ela foram criadas e feitas todas as coisas e é obrigada a ser a boca de todas para louvar a Deus por tamanho bem, que de tudo o fez senhor.

Gonçalo Alvares

Pois, meu Irmão, isso me parece que basta para se Deus contentar de

15. *Pontinho*, dificuldade ou qualquer coisa que se não compagina bem com outra, como insinua Camões, falando dos diversos estados de vida: «a dos frades, inda que por baixo dos hábitos, tem uns *pontinhos*, que quem tudo deixa por Deus, nada havia de querer do mundo» (VISCONDE DE JUROMENHA, *Obras de Luiz de Camões*, I (Lisboa 1860) 17; cf. SERAFIM LEITE, *Camões Poeta da Expansão da Fé* (Rio de Janeiro 1943) 49).

vosso serviço ou sacrifício. Chamo-lhe assim, porque esse vosso ofício parece que vos faz o sacrifício, que na Lei Velha se chamava holocausto¹⁶, que ardia todo e nada se dava a ninguém dele.

Mateus Nogueira

Irmão, não digais isso, por amor de Deus! Não é bem que um pecador, como eu, ouça isso de tão imperfeito serviço como faz a Deus; e mais que ouvi eu já que isso era figura do amor grande com que o Filho de Deus ardeu em fogo de caridade por nós na cruz.

Gonçalo Alvares

Assim é! Perdoai-me, Irmão, que a humildade não sofre bem louvores e eu descuidei-me.

Mateus Nogueira

Agora me amastes bem! Chamais humildade à viva soberbal! Não sejais vós como o Padre ou Irmão, que o P. Leonardo Nunes¹⁷, que está em glória nos contava, que por se desculpar se emelava como mosca no mel.

Gonçalo Alvares

Oxalá estivesse eu tanto avante [209v] que me parecesse eu com ele, que é santo! Mas tornemos ao propósito: Irmão Nogueira, por amor de Nosso Senhor que livremente e segundo o que entendeis diante de Nosso Senhor digais: que vos parece deste gentio segundo a experiência que tendes dele os anos que há que com eles conversais?

16. Lev., cap. 1.

17. *Leonardo Nunes*, natural de São Vicente da Beira (Guarda), chegou ao Brasil com o P. Nóbrega em 1549 e no fim desse mesmo ano seguiu para São Vicente, onde fundou o Colégio desta vila. O primeiro Padre da Companhia que esteve no Planalto Piratiningano. Homem de extraordinária actividade e valor. Faleceu em naufrágio em 1554, quando ia por ordem de Nóbrega a caminho de Portugal informar dos negócios do Brasil (*História*, IX, 16). Leonardo Nunes foi quem recebeu na Companhia a Mateus Nogueira.

Mateus Nogueira

Que aproveita conversar, que os não entendo? Ainda que, segundo me parece deles, para este fim de se converterem e serem cristãos, não há mister muita inteligência, porque as obras mostram quão poucas mostras eles têm de o poder vir a ser.

Gonçalo Alvares

Logo de que me aproveita a mim a minha língua?

Mateus Nogueira

Ahl! ahl! ahl!... Sabeis de que me rio? De me perguntardes de que aproveita a vossa língua, porque vos pergunto de que aproveita a minha forja!...

Gonçalo Alvares

Já vos eu respondi a essa pergunta.

Mateus Nogueira

Tomai a mesma resposta.

Gonçalo Alvares

Não, que os ofícios são diferentes, porque o meu é falar, o vosso fazer.

Mateus Nogueira

Não é logo diferente o fim, porque cada um de nós há-de fazer o seu.

Gonçalo Alvares

E qual é esse fim?

Mateus Nogueira

A caridade ou o amor de Deus e do próximo.

Gonçalo Alvares

E vós, Irmão, sois já teólogo?

Mateus Nogueira

Alguma coisa se me há-de pegar de meus Padres, pois lhes eu pego, quando se chegam a mim, das mascarras do carvão da forja; e queira o Senhor que com meu mau viver não lhes pegue algum escândalo, ainda que pois são espirituais, ensinados estão a sofrer os enfermos e fracos.

Gonçalo Alvares

Dizei-me, Irmão Nogueira, esta gente são próximos?

Mateus Nogueira

Parece-me que sim.

Gonçalo Alvares

Porque razão?

Mateus Nogueira

Porque nunca me acho senão com eles, e com seus machados e foices.

Gonçalo Alvares

E por isso lhe chamais próximos?

Mateus Nogueira

Sim. Porque próximos, chegados quer dizer, e eles sempre se chegam a mim que lhes faça o que hão mister; e eu como a próximos lhos faço, cui-

dando que cumprio o preceito de amar ao próximo como a mim mesmo, pois lhes faço o que eu queria que me fizessem, se eu tivesse a semelhante necessidade.

Gonçalo Alvares

Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer que estes não eram próximos, e porfiam-no muito, nem têm para si que estes são homens como nós.

Mateus Nogueira

Bem! Se eles não são homens, não serão próximos, porque sós os homens, e todos, maus e bons, são próximos. Todo o homem é uma mesma natureza, e todo pode conhecer a Deus e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer que era próximo. Prova-se no Evangelho do Samaritano¹⁸, onde diz Cristo N. S. que aquele é próximo que usa de misericórdia.

Gonçalo Alvares

Deveis de ter boa memória, porque vos [210r] lembram bem as coisas que ouvistes. Ouvistes já disputar entre os Irmãos ou falar nisto, em que praticamos, da conversão destes gentios?

Mateus Nogueira

Muitas vezes ou quase sempre, entre meus Irmãos se fala disso e vós bem o sabeis, pois sois de casa. Cada um fala de seu ofício, e como eles não têm outro, senão andar trás esta ovelha perdida, sempre tratam dos impedimentos que acham para a trazer.

Gonçalo Alvares

E que concluem, ou em que se determinam, os mais dos que nesse ofício andam, das partes que acham nestas gentes para virem à nossa santa fé?

18. Luc. 10, 30-37.

Mateus Nogueira

Todos remetem o feito a Deus e determinam de morrer na demanda, porque a isso são obrigados, assim porque a obediência lho manda, como porque não fique nada por fazer a esta gente. Alguns não têm cá grande esperança dela, olhando a sua rudeza e as coisas da fé serem delicadas e que requerem outros entendimentos e costumes, porque — dizem eles — que é mui grande disposição para um vir a ser cristão, ter mui bom entendimento (que ainda que só este não basta para entender as coisas da fé, ajuda a lhe fazer entender que não há nela coisa que seja contra a razão natural) de que estes carecem. E daqui dizem que nasceu que, no tempo dos Apóstolos, quanto os homens eram mais sábios e de boa vida, mais facilmente vinham ao conhecimento da verdade; e os mártires mais lhos contrariavam os maus costumes dos tiranos, que as razões que nenhum deles tivesse contra o que lhe pregavam; e que, porque estes gentios não têm razões¹⁹ e são muito viciosos, têm a porta cerrada para a Fé naturalmente, se Deus por sua misericórdia não lha abrisse.

Gonçalo Alvares

Parecem boas razões essas, a memória das coisas de Deus. Dizei-me, Irmão, por amor de N. Senhor, não há entre meus Irmãos e Padres quem esteja da parte destes negros?

Mateus Nogueira

Todos, porque todos os desejam converter e estão determinados de morrer na demanda, como disse.

Gonçalo Alvares

Não duvido eu que todos têm esses desejos, mas como isso é coisa de

19. No ms «não tem razão». Mas é a contraposição da frase precedente relativa aos tiranos, que viviam em maus costumes [«viciosos»] e não tinham *razões* que opor aos mártires. Tratando esta fala do parecer de alguns da Companhia, embora no plano das objecções, não é crível que nenhum Jesuíta julgasse o gentio «sem razão», no sentido de irracionais, e portanto não homens como os outros.

necessidade, quisera eu que houvera um que dera razões para nos acender o fogo; e, para vos falar por nossos termos, quiséramos uns foles para nos as-soprar o fogo que se nos apaga.

Mateus Nogueira

Não falta isso. Bastam os nossos Padres para fazer fogo artificial, que nos queime a todos os que neste negócio nos ocupamos. Porque, como o eles devem de ter no espírito, não fazem senão [210v] destruir razões e dar ou-tras. Ainda que a frios, como eu, não satisfazem.

Gonçalo Alvares

Porquê?

Mateus Nogueira

Porque todas elas parece que não convêm mais senão que, já que ha-vemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fervor, o que a todos nos convém muito; pois, segundo a caridade com que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará quando chamar à tarde os obreiros para lhes pagar seus jornais, os quais já ouvíreis que só deram, não conforme ao trabalho e tem-po²⁰, senão ao fervor, amor e diligência que se puser na obra.

Gonçalo Alvares

Não falemos como ferreiro.

Mateus Nogueira

Não sei como falo, falo como me vem à boca. Se for mal dito perdoai, que não é ninguém obrigado a mais que ao que tem e sabe.

Gonçalo Alvares

Deixemos²¹, isto! Sou tão descuidado que logo me esquece que espe-

20. Mat. 20, 1-16.

21. No ms «disemos»: lemos «deixemos», de acordo com o seguimento da frase: «eu me guardarei de»...

rais, como vos louvam, como o fio quente quando o batem! Eu me guardarei de vos dar mais martelada, por que me não queime. Por amor de Deus, que me digais algumas das razões que os Padres dão para estes gentios virem a ser cristãos; que alguns têm acertado que trabalhamos debalde ao menos até que este gentio não venha a ser mui sujeito e que com medo venha a tomar a fé.

Mateus Nogueira

E isso que aproveitaria, se fossem cristãos por força e gentios na vida e nos costumes e vontade?

Gonçalo Alvares

Aos pais, dizem os que têm esta opinião, que pouco; mas os filhos, netos e daí por diante o poderiam vir a ser, e parece que têm razão.

Mateus Nogueira

E a mim sempre me pareceu este muito bom e melhor caminho, se Deus assim fizesse, que outros. Não falemos em seus segredos e potência e sabedoria, que não há mister conselheiros, mas humanamente como homens assim falando, este parece o melhor e o mais certo caminho.

Gonçalo Alvares

Mas as razões dos Padres, se vos lembram, desejo ouvir. Porque as que eu apontei no princípio, não sei como mas eles desfarão...

Mateus Nogueira

Olhai cá, Irmão, a caridade tudo desfaz e derrete, como o fogo ao ferro muito duro amolenta e faz em massa.

Gonçalo Alvares

Nisso me parece que vós não tendes razão, porque a caridade não po-

derá tirar a verdade, e mais, que razões pertencem ao entendimento e a caridade à vontade, [211r] que são coisas diferentes. Assim como o fogo não tira ao ferro senão a escória, e não gasta o ferro limpo e puro: se as razões são boas a caridade não será contra elas, porque seria contra a verdade; e assim não ficaria caridade senão pertinácia.

Mateus Nogueira

Parece-me que é isso verdade, e que onde houver sobejo zelo, às vezes haverá cegar-se as razões ou usar pouco delas, o que cada dia se vê nos muito afeiçoados a uma coisa.

Gonçalo Álvares

E isso não é mau?

Mateus Nogueira

Não sei eu ora quão mau será! Parece-me que ouvi dizer que S. Paulo não aprovava tudo o que com bom zelo se fazia;²² e que a uns dava testemunho do zelo, ainda que era bom, a circunstância necessária, que é saber se é conforme a vontade de Deus²³, porque esta é a regra que mede todas as obras, e tanto vão direitas e boas quanto com ela conformam, e tanto desviam da bondade quanto desta se desviam.

Gonçalo Álvares

Parece muita razão que seja isso muita verdade. Conforme a isso não foi bom fazer El-Rei D. Manuel os judeus, cristãos, depois da matança²⁴, ain-

22. 1 Cor. 3, 3.

23. Heb. 13, 20-21.

24. A matança dos judeus em Lisboa no tempo de El-Rei D. Manuel I, não por ordem régia, mas por motim popular, começou na Igreja de S. Domingos, no domingo de Pascoela, 19 de Abril de 1506 e durou três dias. Cf. J. LÚCIO DE AZEVEDO, *História dos Cristãos Novos Portugueses* (Lisboa 1922) 59-61; FORTUNATO DE ALMEIDA, *História de Portugal*, II (Coimbra 1923) 244-247.

da que os mais deles diziam que sim; mas tomou-os com os portais cheios de sangue, que derramaram os ministros do demónio percuciente, que por justiça de Deus os feriu; incitados por dois frades dominicos, que depois pelo mesmo caso morreram no Porto por mandado do dito Rei. E assim se pagou um mal com outro, como se costuma no mundo, permitindo e dissimulando Nosso Senhor até o dia em que manifestar a todos nossas obras quais foram. E El-Rei Sesebuto²⁵, Rei de Aragão, não se lhe condena nos sagrados cânones²⁶ o zelo com que, contra vontade dos pais judeus, mandou em seu Reino baptizar seus filhos; mas o fim não lho louvam. Logo, nem tudo o que parece bem se há-de fazer, senão o que realmente for bom.

Mateus Nogueira

E como saberá homem sempre acertar — que é homem ignorante e fraco — se reis com seus conselheiros não acertam?

Gonçalo Alvares

Tomando conselho com Deus e com os homens desapaixonados e que tenham boa consciência.

Mateus Nogueira

E onde se acharão esses? Acerta-se muitas vezes que não se acham [211V] senão uns regelados e frios, como eu, que por se poupar não querem sair do ninho, não se lembrando quanto as almas custaram a Cristo, e estes tais parece que não podem aconselhar bem em semelhantes negócios.

25. Sesebuto ou Sisebuto, Rei de Aragão ou mais propriamente dos Visigodos, faleceu no ano de 621. Nóbrega chama-lhe Rei de Aragão, porque foi nessa região que se estabeleceram os Visigodos donde irradiaram pela Península, incluindo parte da antiga Lusitânia.

26. O IV Concílio de Toledo reuniu-se em 633 (MIGUEL DE OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal* (Lisboa 1940) 41) e tratou da questão judaica então muito agitada (ZACARIAS GARCIA VILLADA, *Historia Eclesiástica de España*, II/1 (Madrid 1932) 173). O ponto a que se refere Nóbrega é o Canon 57 e transcreve-o FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, I (Coimbra 1910) 113.

Gonçalo Alvares

A falta doutros, que tenham zelo e saber, todavia me aconselharia com esses, porque alguma hora falou o Espírito Santo, e aconselhou um profeta ²⁷, ainda que não muito virtuoso, por bem do povo que ele amava; e se ele quer fazer bem a estes, como é de crer que quer, porque não aborrece nada do que fez, ainda que se o que nós fazemos ele aconselhara por maus o que se deve fazer. Mas já folgaria ouvir-vos as razões, que tendes ouvido dos Padres para nos animarmos a trabalhar com eles e as que têm em contrário das que demos no princípio.

Mateus Nogueira

Já que tanto apertais comigo, e me pareceis desejoso de saber a verdade deste negócio — creio que vos tenho esgotado — dir-vos-ei o que muitas vezes martelando naquele ferro duro estou cuidando e o que ouvi a meus Padres por muitas vezes. Parece que nos podia Cristo, [que] nos está ouvindo, dizer: Ó estultos e tardios de coração para crer ²⁸! Estou eu imaginando todas as almas dos homens ²⁹ serem umas e todas de um metal, feitas à imagem e semelhança de Deus, e todas capazes da glória e criadas para ela; e tanto vale diante de Deus por natureza a alma do Papa, como a alma do vosso escravo Papaná ³⁰.

Gonçalo Alvares

Estes têm alma como nós?

27. Profeta Balaão (Num., cap. 22-24).

28. Luc. 24, 25.

29. *Homens huma nos*, no ms. As duas últimas palavras, não unidas, parecem erro do copista. Mas poder-se-ia admitir a redundância («homens humanos») para significar homens verdadeiros, excluindo as lendas da antiguidade, de seres fabulosos em figura de homens, como os ciclopes com um só olho na testa.

30. *Papaná*. Parece que habitavam o Sul da Capitania do Espírito Santo e teriam comunicação, pelo Rio Paraíba, com o interior da Capitania de São Vicente, porque em princípios de 1555 os índios do principal de Piratininga Martin Afonso Tibiriçá cativaram um índio «papaná» que o mesmo Principal queria matar em terreiro, impedindo-lho os Jesuítas. Cf. SERAFIM LEITE, *Nóbrega e a Fundação de São Paulo* (Lisboa 1953) 75.

Mateus Nogueira

Isso está claro, pois a alma tem três potências, entendimento, memória, vontade, que todos têm. Eu cuidei que vós éreis mestre já em Israel ³¹, e vós não sabeis isso! Bem parece que as teologias, que me dizíeis arriba, eram postigas do P. Brás Lourenço ³², e não vossas. Quero-vos dar um desengano, meu Irmão Gonçalo Álvares: que tão ruim entendimento tendes vós para entender o que vos queria dizer, como este gentio para entender as coisas de nossa fé.

Gonçalo Álvares

Tendes muita razão, e não é muito, porque eu ando na água aos peixes-bois ³³ e trato no mato com brasil ³⁴. Não é muito ser frio! E vós andais sempre no fogo, razão é que vos aqueteis. Mas não deixeis de prosseguir adiante, pois uma das obras de misericórdia é ensinar aos ignorantes.

Mateus Nogueira

Pois estai atento. Depois que nosso pai Adão pecou, como diz o salmis-

31. Palavras de Jesus a Nicodemos, Joan. 3, 10.

32. Brás Lourenço nasceu em Melo por 1525, entrou na Companhia em Coimbra a 9 de Maio de 1549. Embarcou em 1553 com o P. Luís da Grã para o Brasil e durante a viagem foi confessor do Governador D. Duarte da Costa. Da Baía passou para o Espírito Santo, onde exerceu o cargo de Superior muitos anos e onde num ataque de piratas franceses empunhou a bandeira de Santiago animando a resistência até o inimigo se retirar com perdas. Superior também de Porto Seguro e Reitor do Colégio do Rio de Janeiro. Faleceu a 15 de Julho de 1605 na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo). Cf. LEITE, *História VIII (Biobibliografia I)* 323.

33. Peixe-boi: «Este peixe é nestas partes real e estimado sobre todos os demais peixes e, para se comer, sadio e de muito bom gosto, ora seja salgado ora fresco; e mais parece carne de vaca que peixe. Já houve alguns escrúpulos por se comer em dias de peixe; a carne é toda de febras como a de vaca, e assim se faz em tassalhos e chacina, e cura-se ao fumeiro como porco ou vaca; e no gosto, se se cose com couves ou outras ervas, sabe a vaca, e concertada com adubos sabe a carneiro, e assada parece, no cheiro e gosto e gordura, porco; e também tem toucinho» (FERNÃO CARDIM, *Tratados*, 79-80). É o manatim do Amazonas onde hoje principalmente vive: *Manatus inunguis*, Natterer; o que vivia no Espírito Santo, *M. australis*, Tilesius, segundo Rodolfo Garcia, nota ao lugar cit. de CARDIM, *Tratados*, 136.

34. Cf. infra, nota 44: «Não é, essa, rezão de quem anda fazendo brasil no mato». «Tratar no mato com brasil», «fazer brasil no mato», isto é, comprar, agenciar, cortar «pau brasil» (*Caesalpinia echinata* L.). Cf. GUSTAVO BARROSO, *O Brasil na lenda e na cartografia antiga* (São Paulo 1941) 83.

ta³⁵, não conhecendo a honra que tinha, foi tornado semelhante à besta, [212r] de maneira que todos, assim Portugueses, como Castelhanos, como Tamoios³⁶, como Aimurés.³⁷, ficámos semelhantes a bestas por natureza corrupta, e nisto todos somos iguais³⁸, nem dispensou a natureza mais com uma geração que com outra, posto que em particular dá melhor entendimento a um que a outro. Façamos logo do ferro todo um, frio e sem virtude, sem se poder volver a nada, porém metido na forja, o fogo o torna que mais parece fogo que ferro; assim todas as almas, sem graça e caridade de Deus, são ferro frio sem proveito, mas quanto mais se aquece no fogo, tanto mais fazeis dele o que quereis. E bem se vê em um, que está em pecado mortal, fora da graça de Deus, que para nada presta das coisas que tocam a Deus, não pode rezar,

35. «Homo cum in honore esset, non intellexit: comparatus est iumentis insipientibus, et similis factus est illis», Ps. 48, 13, 21.

36. Tamoios, Índios de língua tupi, que habitavam a região do Rio de Janeiro, ainda então não incorporados ao Estado do Brasil, por se terem metido com eles os Franceses. A supressão deste quisto, que teria impedido a unidade do Brasil, é posterior à data do Diálogo, e na supressão interveio o seu autor: «O primeiro Reitor do Colégio dos Jesuítas do Rio foi o P. Manuel da Nóbrega, que tanto concorreu para a fundação da Cidade, sem o qual Estácio de Sá não poderia ter vindo reforçado de São Vicente, de modo a arrostar Franceses e Tamoios durante quase dois anos. Esse Jesuíta benemérito não tem sido condignamente apreciado; com grande desprezo da perspectiva histórica, Simão de Vasconcelos esfumou-o na irradiação de Anchieta, seu discípulo querido; tácita ou explicitamente outros o têm imitado» (CAPISTRANO DE ABREU, notas a PORTO SEGURO, *História Geral do Brasil*, 4.^a ed. (São Paulo s. d.) 431 e 393; cf. LEITE, *História*, I, 389; para outras referências aos Tamoios, *ib.*, X, 128; *id.*, *Nóbrega e a Fundação de São Paulo*, 109).

37. Os Aimurés habitavam perto da costa, nas Capitanias de Porto Seguro, Ilhéus e Baía. De língua «travada» (não tupi) e a quem os Tupinambás chamavam «bárbaros», isto é «Tapuias». Classificam-se hoje no grupo *gê*, sob a denominação genérica de *botocudos* («ESTEVÃO PINTO, *Os Indígenas do Nordeste*, I (São Paulo 1935) 130). Parece que a primeira notícia dos Aimurés é a de Nóbrega, «Informação das Terras do Brasil» (1549) em *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro 1931) 98, publicada em «Copia de unas cartas embiadas del Brasil por el padre Nobrega... tresladadas de Portugues en Castellano. Recebidas el año de 1551», o mais antigo monumento bibliográfico dos Jesuítas de toda a América. Cf. LEITE, *História*, VIII, p. IV/V (gravura do frontispício).

38. Foi para vincar melhor esta igualdade natural dos homens, dentro da doutrina cristã do pecado original, que Nóbrega aos homens mais cultos, Portugueses e Castelhanos, uniu logo os que no Brasil se consideravam mais bárbaros, que eram os Tapuias Aimurés. Quem prescindir da doutrina de Nóbrega terá dificuldade e talvez impossibilidade de atingir o pensamento nuclear do Diálogo sobre a Conversão do Gentio, que não fala do homem em abstrato, mas no plano concreto da Religião de Cristo.

não pode estar na Igreja, a toda a coisa espiritual tem fastio, não tem vontade para fazer coisa boa nenhuma; e se por medo ou por obediência ou por vergonha a faz, é tão tristemente e tão preguiçosamente, que não vale nada, porque está escrito que ao dador com alegria recebe Deus ³⁹.

Gonçalo Alvares

Isso bem entendo eu, porque o vi em mim antes que fosse casado ⁴⁰, que andava em pecados; e ainda agora praza a Deus que não tenha muito disso.

Mateus Nogueira

Pois que direi eu que envelheci neles, e, como homem que foi ferido, falo!

Gonçalo Alvares

Pois [se] assim é, que todos temos uma alma e uma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos uns: de que veio estes negros serem tão bestiais, e todas as outras gerações, como os romanos e os gregos e os judeus, serem tão discretos e avisados?

Mateus Nogueira

Esta é boa pergunta, mas clara está a resposta. Todas as gerações tiveram também suas bestialidades. Adoravam pedras e paus, dos homens faziam deuses, tinham crédito em feitiçarias do diabo. Outros adoravam os bois e vacas, e outros adoravam por deus aos ratos e outras imundícias. E os judeus, que eram a gente de mais razão que no mundo havia e que tinha conta com Deus e tinham as Escrituras desde o começo do mundo, adoraram uma be-

39. 2 Cor. 9, 7. Toda a imagem, expressa com precisão de doutrina e de arte.

40. *Casado* (e não *caçado*), porque está de acordo com os mais dizeres do Diálogo referidos a Gonçalo Alvares, e com a grafia «cassados», conferida com o que escreve na fala seguinte do mesmo G. A. «avissados»; e confirma-se, porque, aí mesmo, graça está com ç («graça») e não com dois ss (*grassa*).

zerra de metal e não os podia Deus ter que não adorassem os ídolos e lhes sacrificavam seus próprios filhos, não olhando as tantas maravilhas que Deus fizera [212v] por eles, tirando-os do cativeiro de Faraó. Não vos parece tão bestiais os mouros a quem Mafamede, depois de serem cristãos, converteu à sua bestial seita, como estes?

Se quereis cotejar coisa com coisa, cegueira com cegueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis de um jaez, que procedem de uma mesma cegueira. Os mouros crêem em Mafamede, muito vicioso e torpe; e põe-lhes a bem-aventurança nos deleites da carne e nos vícios; e estes dão crédito a um feiticeiro, que lhes põe a bem-aventurança na vingança de seus inimigos e na valentia e em terem muitas mulheres. Os romanos, os gregos, e todos os outros gentios, pintam e têm inda por deus a um ídolo, a uma vaca, a um galo; estes têm que há deus⁴¹ e dizem que é o trovão, porque é coisa que eles acham mais temerosa, e nisto têm mais razão que os que adoram as rãs ou os galos⁴². De maneira que, se me cotejardes error com error, cegueira com cegueira, tudo achareis mentira, que procede do pai da mentira⁴³, mentiroso desde o começo do mundo.

Gonçalo Álvares

Bem estou com isso. Mas, como são os outros todos mais polidos, sabem ler, escrever, tratam-se limpamente, souberam a filosofia, inventaram as ciências, que agora há: e estes nunca souberam mais que andarem nus e fa-

41. Nas suas primeiras cartas, Nóbrega dizia: «não conhecem a Deus» com D grande (cf. supra, «Preliminares»), mas nelas já se referia ao «Pai Tupane» («Tupã»); aqui, já há uma afirmação positiva: «têm que há deus», mas ainda é deus com letra pequena, porque os Índios o identificam com o trovão.

42. Nóbrega não pretendeu fazer um estudo comparado das religiões; e é evidente o seu intuito de buscar, nas religiões não cristãs, pontos de apoio para favorecer os Índios. Observe-se que Nóbrega não considera a antropofagia dos Índios como demonstração religiosa, senão tê-la-ia incluído e também para ela teria achado comparações como, entre outros, os sacrifícios humanos nas religiões dos Celtas. Sobre essas religiões, e como, a par de ideias altas, se praticavam aberrações do género das que indica Nóbrega, pode consultar-se, entre outros, JOSEPH HUBY, *Christus — Manuel d'histoire des religions*, Paris, 1927.

43. Joan. 8, 44-45.

zerem uma frecha? O que está claro que denota haver [desigual] entendimento em uns e outros.

Mateus Nogueira

Não é essa razão de homem, que anda fazendo brasil ⁴⁴ no mato, mas estai atento e entenderéis. Terem os romanos e outros gentios mais polícia que estes não lhes veio de terem naturalmente melhor entendimento, mas de terem melhor criação e criarem-se mais politicamente. E bem creio que vós o vereis claro, pois tratais com eles e vedes que nas coisas de seu mister e em que eles tratam, tem tão boas subtilezas, e tão boas invenções, e tão discretas palavras como todos, e os Padres o experimentam cada dia com seus filhos, os quais acham de tão bom entendimento, que muitos fazem vantagem aos filhos dos cristãos.

Gonçalo Alvares

Pois como tiveram estes pior criação, que os outros, e como não lhes deu a natureza a mesma polícia que deu aos outros?

Mateus Nogueira

Isso podem-vos dizer chãmente, falando a verdade, que lhes veio por maldição de seus avós, porque estes cremos serem descendentes de Cam ⁴⁵,

44. Cf. supra, nota 34.

45. Depois de descrever o Dilúvio e a aliança de Deus com Noé, diz o Génesis 9, 18-27: «Eram pois os filhos de Noé, que saíram da arca, Sem, Cam e Jafete. Este mesmo Cam é o pai de Canaã. Estes são os três filhos de Noé: e deles se propagou todo o género humano sobre toda a terra. E Noé, que era lavrador, começou a lavrar a terra e plantou uma vinha. E bebendo do seu vinho ficou embriagado e deitou-se desnudo no meio da sua tenda. O qual tendo visto Cam, pai de Canaã, isto é, a desnudez vergonhosa do seu pai, saiu fora a contá-lo aos seus irmãos. Mas Sem e Jafete, deitando uma capa ou manta sobre os ombros e caminhando às arrecuas, cobriram a desnudez do seu pai, tendo as caras voltadas, e assim não viram as vergonhas do pai. Logo que despertou da embriaguês, sabendo o que havia feito com ele o seu filho menor, disse: Maldito seja Canaã, escravo será dos escravos dos seus irmãos. E acrescentou: Bendito seja o Senhor Deus de Sem, seja Canaã seu escravo. Dilate Deus a Jafete e habite nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo». Comentando esta maldição, Nóbrega dá como absurdo

filho de Noé, que descobriu as vergonhas de seu pai bêbado, e em maldição, e por isso, ficaram nus e têm outras mais misérias. Os outros gentios, por serem [213r] descendentes de Sem e Jafete, era razão, pois eram filhos de bênção, terem mais alguma vantagem. E porém toda esta maneira de gente, uma e outra, naquilo em que se criam tem uma mesma alma e um entendimento. E prova-se pela Escritura, porque logo os primeiros dois Irmãos do mundo ⁴⁶, um seguiu uns costumes e outro outros. Isac e Ismael ambos foram Irmãos ⁴⁷, mas Isac foi mais político que o Ismael, que andou nos matos. Um homem tem dois filhos de igual entendimento, um criado na aldeia e outro na cidade; o da aldeia empregou seu entendimento em fazer um arado e outras coisas da aldeia, o da cidade em ser cortesão e político: certo está, que ainda que tenham diversa criação, ambos têm um entendimento natural exercitado segundo sua criação. E o que dizeis das ciências, que acharam os filósofos que denota haver entendimento grande, isso não foi geral benefício de todos os humanos dado pela natureza, mas foi especial graça dada por Deus, não a todos os romanos nem a todos os gentios, senão a um ou a dois, ou a poucos, para proveito e formosura de todo o universo. Mas que estes, por não ter essa polícia, fiquem de menos entendimento para receberem a fé, que os outros que a têm, me não provareis vós nem todas as razões acima ditas; antes, provo quanto esta polícia aproveita por uma parte, tanto dana por outra, e quanto a simplicidade destes estorva por uma parte ajuda por outra. Veja Deus isso e julgue-o. Julgue-o também quem ouvir a experiência daquele que começou a Igreja, e ver que mais se perdeu por sobejos e soberbos entendimentos que não por simplicidade e pouco saber. Mais fácil é de converter um ignorante que um malicioso e soberbo. A principal guerra, que teve a Igreja, foram sobejos entenderes: daqui vieram os hereges e os que mais duros e contumazes ficaram; daqui manou a pertinácia dos judeus que, nem com serem convencidos por suas próprias Escrituras, nunca se quiseram ren-

que a escravatura nela cominada tivesse sentido de «iure perpetuo», a saber, que a geração de Cam fosse escrava das outras gerações (*Novas Cartas Jesuíticas*, 118-119). Cf. supra, «Preliminares» (§ 2, «A sujeição do Gentio»).

46. Abel e Caim, filhos de Adão e Eva; Abel pastor, Caim lavrador, Gen. 4, 2.

47. Filhos de Abraão, Gen. 16, 11; Gen. 17, 19.

der à fé; daqui veio a dizer S. Paulo: Nós pregamos a Jesus Cristo crucificado, aos judeus escândalo e às gentes estultícia ⁴⁸. Dizei-me, meu Irmão, qual será mais fácil de fazer? Fazer crer a um destes, tão fáceis a crer, que nosso Deus morreu, ou a um judeu, que esperava o Messias poderoso [213v] e Senhor de todo o mundo?

Gonçalo Alvares

Com mais dificuldade a um judeu, mas dê-sque ele caísse na conta ficaria mais constante, como ficaram muitos que logo davam a vida por isso.

Mateus Nogueira

O mesmo vos digo que dê-sque estes caírem na conta o mesmo farão. Dai-me vós que lhes entre a fé no coração, que o mesmo será de um que do outro, e o tempo e o trabalho, e a diligência, que é necessário para convencer um judeu ou um filósofo, se outro tanto gastardes com doutrinar de novo um destes, mais fácil será sua conversão de coração, dando Deus igual graça a um que a outro. E está clara a razão, porque como as coisas de nossa fé, das mais essenciais, como são da S. Trindade, e que Deus se fez homem, e os mistérios dos sacramentos, não se podem provar por razão demonstrativa, antes muitas são sobre toda razão humana, claro está que mais difícil será de crer a um filósofo, que todo se funda em subtilezas de razão, que não a um, que outras coisas muito mais somenos crê.

Gonçalo Alvares

É verdade. Porque estes se lhe deitais a morte, cuidam que os podeis matar, e morrerão da imaginação pelo muito e sobejo que crêem; e crêem que o panicum ⁴⁹ há-de ir à roça e outras coisas semelhantes, que seus feiticeiros lhes metem na cabeça. Mas ainda nem isso não farta, porque muito me há que estou na terra e tenho falado de Deus muito por mandado dos

48. 1 Cor. 1, 23,

49. Panicum, cesto.

Padres, e nunca vi a nenhum ter tanta fé que me parecesse que morreria por ela se fosse necessário ⁵⁰.

Mateus Nogueira

Se me vós désseis licença, eu vo-lo diria.

Gonçalo Alvares

Dizei, meu Irmão, que eu vos perdoo.

Mateus Nogueira

Parece-me que, por mais fáceis que fossem a se converterem, não se converteriam da maneira que lhes dizeis, nem lho dizem os Padres. E por isso estai-me atento. Sabereis como o ofício de converter almas é o mais grande de quantos há na terra e por isso requiere mais alto estado de perfeição que nenhum outro.

Gonçalo Alvares

Que requiere? Não basta ser língua e saber-lho bem dizer?

Mateus Nogueira

Muito mais há mister. Vede vós o que tinha um dos Apóstolos de Cristo, que converteram o mundo, e por aí vos regereis. Primeiramente tinham muito espírito, tanto que ardiam, de dentro, do fogo do Espírito Santo, porque doutra maneira como há-de atear [214r] fogo divino em o coração de um gentio o que tem o seu um caramelo? Há-de ter muita fé, confiando muito em Deus e desconfiando muito de si; há-de ter graça de falar mui bem a língua; há-de ter virtude para fazer milagres quando cumprir, e outras graças muitas, que tinham os que converteram gente, e sem isto não tenho ou-

50. A esta objecção responde Nóbrega adiante com o índio de Maniçoba, que se ofereceu a morrer pela fé.

vido que ninguém se convertesse. E vós quereis converter sem nada disto, e que de graça sejam logo todos santos? Esse seria o maior milagre do mundo. E ainda que vós sejais língua e lho sabeis bem dizer, não me negareis que se algum vos não fala à vontade, logo perdeis a paciência e dizeis que nunca hão-de ser bons. Nem têm razão de vos darem crédito a vossas palavras, porque ontem lhe pedíeis o filho por escravo e estoutro dia os querieis enganar. E têm razão de se temerem de os quererdes enganar, porque isto é o que comumente tratam os maus cristãos com eles.

Gonçalo Alvares

Isso é verdade. Mas os Padres, que lhes falam com tanto amor, porque os não crêem?

Mateus Nogueira

Porque até agora não têm os Índios visto essa diferença entre os Padres e os outros cristãos. Seja logo esta a conclusão, que quando S. Tiago, com correr toda Espanha e falar mui bem a língua e ter grande caridade, e fazer muitos milagres, não converteu mais que nove discípulos⁵¹; e vós quereis e os Padres, sem fazer milagres, sem saber sua língua, nem entender-se com eles, com terdes presunção de apóstolo, e pouca confiança e fé em Deus, e pouca caridade, que sejam logo bons cristãos? Porém, por vos fazer a vontade, vos contarei que já vimos Índios desta terra com mui claros sinais de terem verdadeira fé no coração; e amostraram-no por obra, não somente dos meninos que criamos connosco, mas também dos outros, grandes, de mui pouco tempo conversados.

51. Tradição recolhida na V lição do Breviário e diz que converteu «poucos»; mas a estada de Santiago em Espanha é objecto de discussão, e já no século XIII dizia a Igreja de Toledo (defendendo o seu primado) contra a de Compostela, «que lo de la predicación del Apóstol en España era un cuento de monjas y viudas piadosas». Cf. ZACARÍAS GARCÍA VILLADA, *Historia Eclesiástica de España*, I/1 (Madrid 1929) 30, que faz remontar os documentos duvidosos ao século IV e os certos ao VII, donde arranca a tradição. Questão diversa desta é a história do culto de Santiago; e sobre esta, cf. JUSTO PÉREZ DE URBEL, *Orígenes del culto de Santiago en España*, «Historia Sacra», vol. V, n.º 9 (1952) 1-31.

Quem viu na Capitania de S. Vicente ⁵², que é terra onde se mais tratou com os Índios, que nenhuma do Brasil, a morte gloriosa de Pero Lopes? ⁵³ Quem viu suas lágrimas, os abraços de amor aos Irmãos e Padres? Diga-o quem viu a virtude tão viva de sua mulher, quão fora dos costumes que antes tinha, quão honesta viúva e quão cristãmente vive, tanto que pareceu a todos digna de lhe darem o SS. Sacramento! ⁵⁴ Pois que direi de suas filhas, duas, a qual melhor cristã!

Que direi da fé do grão velho Caiubi ⁵⁵, que deixou sua aldeia e suas

52. Alude a esta Capitania, e ao maior trato com os Índios nela do que em nenhuma outra do Brasil, a carta de Nóbrega a Tomé de Sousa, da Baía, 5 de Julho de 1559. Aí, diz ele, entraram na Companhia vários Irmãos — e já achou quando aí esteve (1553-1556) — que já sabiam a língua dos Índios, e os Índios estavam menos «escandalizados» e se ensinavam os seus filhos. Por isso na Capitania de S. Vicente houve mais trato com os Índios e se acharam alguns «predestinados» (*Cartas de Nóbrega*, 195-196). A alguns destes «predestinados» se refere aqui nominalmente.

53. «A morte gloriosa de Pero Lopes». O louvor, que Nóbrega dá a este Índio e à sua família, merece estudo mais pormenorizado dos historiadores paulistas; talvez o seu nome se refira a Pero Lopes de Sousa, irmão do Donatário, como o de Tibiriçá (Martim Afonso) se refere ao do Donatário Martim Afonso de Sousa.

54. A comunhão encarística deixara de ser frequente na Europa e os laicos, até os de maior devoção, só comungavam de longe em longe. E embora se iniciasse a reacção a favor da sua frequência, S. Inácio dá como regra aos Reitores a respeito dos Irmãos Estudantes, que eram religiosos e não laicos: «Más amenudo que cada 8 días no se permita, sino por especiales causas y tuviendo más respecto a la necesidad que a la devoción» (*Constitutiones*, pars IV, cap. IV, 3 B). Nóbrega, admitindo esta Índia à comunhão, dava pois um passo avante, equiparando-a às pessoas piedosas da Europa. E quando as Aldeias, que então se organizavam, deram provas de maior estabilidade, todos os Índios, se admitiam à comunhão, supostas as condições comuns a todos os cristãos, sem distinção étnica ou de cor. Na Aldeia de Santo António, da Baía, com uma população de 800 Índios, o movimento de comunhões em 12 anos (1581-1592) foi de 16.700, o que dá a média de 1.400 por ano (LEITE, *História*, II, 34). Os Índios comungavam, quase todos, mais de uma vez por ano, não apenas pela «desobrigação», segundo a percentagem material; mas nesta, não se devem incluir os meninos e meninas antes da primeira comunhão, que naquele tempo também não era precoce, como hoje, o que avoluma a percentagem real da frequência.

55. No ms Sayobi. O copista vendo C leu com cedilha escrevendo S; mas trata-se de Caiubi; e este nome identifica o velho de mais de cem anos, cuja morte sem dizer o nome, narra Anchieta em Piratininga por meados de 1561: «sendo morador noutro lugar duas léguas de Piratininga, dizendo-lhe os Padres que viesse para Piratininga para aprender as coisas de Deus, logo deixou quanto tinha e foi o primeiro que começou a povoá-la, indo de certos em certos dias buscar de comer com a sua gente ao outro lugar que por amor de Deus tinha deixado, onde

roças e se veio morrer de fome em Piratininga por amor de nós, cuja vida e costumes e obediência a [214v] amostra bem a fé do coração!

Quem viu vir Fernão Correia ⁵⁶ de tão longe, com fervor de fé vir pedir o baptismo e depois de tomado levá-lo Nosso Senhor! E muitos outros da Aldeia, os quais ainda que alguns não deixem a vida viciosa por exemplo de outros maus cristãos que vêem, todavia se crê deles terem fé, pois o principal pecado e que lhes mais estranham, deixaram, que é matarem em terreiro e comerem carne humana. Quem não sabe que indo à guerra estes e tomando contrários os mataram e enterraram? E para mais vos alegrar, também vos direi que se viu ⁵⁷ na Maniçoba, onde se matavam uns índios Carijós, outro índio, que com os Padres andava, oferecer-se com grande fervor e lágrimas a morrer pela fé, só porque aqueles morressem cristãos. E outros muitos casos particulares que acontecem cada dia, que seria largo contar. Pois, entre tão poucos, colher-se logo tal fruto, e com tão fracos obreiros: como será possível se N. Senhor mandar bons obreiros à sua vinha, com as partes ne-

tinha as suas roças e fazenda» (Carta de Anchieta, de 12 de Junho de 1561, em espanhol, que vertemos do apógrafo, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *Cartas dos Padres* (antigo Códice de S. Roque, Lisboa), 1-5, 2, 38, f. 125v). Como em Junho de 1553 Nóbrega tratava de fundar a Aldeia de Piratininga e se procedia à reunião doutras Aldeias nesse lugar (LEITE, *História*, I, 270; Nóbrega e a Fundação de São Paulo, 46, 79, 82), a ida de Caiubi coloca-se nesse período, antes de 29 de Agosto de 1553, pois foi o primeiro, segundo o testemunho citado.

56. Este índio Fernão Correia parece, vindo «de tão longe», que seria Carijó; e, pelo sobrenome, deve relacionar-se com o Ir. Pero Correia, que tanto trabalhou com aqueles índios.

57. A narrativa impessoal diz «se viu» e Nogueira, de-facto, não estava presente, mas Nóbrega «viu» em pessoa. Depois de fundar a Aldeia de Piratininga (29 de Agosto de 1553) seguiu para Maniçoba com um Irmão «grande» (António Rodrigues) e quatro ou cinco Irmãos «pequenos» (meninos). Os Tupinaquins iam matar em terreiro e comer, «uns índios carijós». Nóbrega procurou evitar o morticínio, sem o alcançar. (Foram estas e outras verificações positivas e pessoais, que o levaram ao plano de 1558, que Mem de Sá executou). António Rodrigues e os Irmãos pequenos pregaram e «converteram» aqueles Índios que iam ser mortos; e também aqui os matadores impediram o baptismo e os vigiaram muito bem, dizendo que, se eles se baptizassem quem comesse a sua carne morreria. «Mas pouco lhes aproveitou, porque com um lenço molhado em água benta, mui secretamente foram todos baptizados, e na hora da morte mandaram os que haviam de padecer pedir ao Padre [Nóbrega] que se pusesse em parte onde o pudessem ver e os encomendasse muito a Nosso Senhor; e um Irmão naquela conjunção lhes andava pregando, assim aos cordeiros como aos carneiros. E em presença do Padre e Irmãos, que com ele estavam, os mataram. O primeiro, que começaram, pôs-se de joelhos com as mãos alevantadas, chamando pelo nome de Jesus, e deram certas pancadas com a espada na cabe-

cessárias, não se colher muito fruto? Por certo tenho que se vos acháreis no tempo dos Mártires e víreis aquelas carniçarias daqueles infiéis, que não bastavam tantos milagres e maravilhas para os amolentar nem tão boas pregações e razões, vós e eu disséramos: nunca estes hão-de ser bons!

Resolvendo-me logo digo: enfim razões! Que o negócio de converter é principalmente de Deus. E ninguém traz a conhecimento de Jesus Cristo senão quem seu Pai traz ⁵⁸; e, quando ele quer, faz de pedras filhos de Israel ⁵⁹; como tão-pouco ninguém pode salvar-se nem ter graça sem ele ⁶⁰.

Gonçalo Álvares

Isso é tudo da parte de Deus, mas da parte do gentio também é necessário aparelho, porque ouvi dizer que diz S. Agostinho: que Deus, que me fez sem mim, não me salvará sem mim ⁶¹.

Mateus Nogueira

Da parte do gentio digo que uns e outros tudo são ferro frio, e que quando os Deus quiser meter na forja logo se converterão; e se estes na frágua de Deus, ficaram para se meterem no fogo por derradeiro, o verdadeiro ferreiro, senhor do ferro, lá sabe o porquê; mas de aparelho de sua parte tão mau o têm estes como o tinham todas as outras gerações.

ça, que o derribavam no chão, mas logo se tornava a levantar e pôr de joelhos com os olhos no céu e no Padre, chamando sempre pelo nome de Jesus e com esta voz expirou; e, depois, todos os outros. Desta vez, mataram três inocentinhos, meninos pequeninos, de maneira que naquele dia foram, mártires e inocentes, à glória». O facto é contado pelo Ir. Pero Correia, que tinha ido adiante de Nóbrega, e provavelmente também assistiu à matança, em carta de 18 de Julho de 1554 (*Novas Cartas Jesuíticas*, 171-172), de que só andava publicada uma cópia resumida (*Cartas Avulsas*, 137-138).— Ao índio que se ofereceu para os baptizar secretamente («para que aqueles morressem cristãos») se refere Nóbrega.

58. Joan. 6. 44.

59. Mat. 3, 9; Luc. 3, 8.

60. Joan. 15, 5.

61. S. Agostinho: «Qui ergo fecit te sine te, non te justificat sine te. Ergo fecit nescientem, justificat volentem» (Serm. 169, 11, 13; cf. HERMANNUS LANGE, *De Gratia* (Friburgi Brisgoviae 1929) 242; M. J. ROUËT DE JOURNEL, *Enchiridion Patristicum* (Frib. Brig. 1932) n.º 1515.

Gonçalo Alvares

Isso desejo saber mais claro.

Mateus Nogueira

Quanto mais impedimentos um tiver para a conversão, tanto diremos que está menos disposto; e quanto menos do mal tem Deus que tirar deles, tanto mais dispostos serão.

Gonçalo Alvares

Ide adiante e provai isso.

Mateus Nogueira

[215r] Contai-me o mal de um destes e o mal de um filósofo romano:

Um destes muito bestial, sua bem-aventurança é matar e ter nomes, e esta é sua glória por que mais fazem. A lei natural não a guardam, porque se comem; são muito luxuriosos, muito mentirosos, nenhuma coisa aborrecem por má e nenhuma louvam por boa; têm crédito em seus feiticeiros: aqui me encerrareis tudo.

Um filósofo é muito sábio, mas muito soberbo, sua bem-aventurança está na fama ou nos deleites, ou nas vitórias de seus inimigos; muito malicioso que a verdade que lhe Deus ensinou, escondeu, como diz São Paulo ⁶²; não guardam a lei natural posto que a entendam; muito viciosos no vício contra a natura, muito tiranos e amigos de senhorear; mui cobiçosos e mui temerosos de perderem o que têm; adoram ídolos, sacrificam-lhe sangue humano, e senhores de todo o género de maldade, o que não achareis nestes; porque segundo dizem os Padres que confessam, em dois ou três dos Mandamentos têm que fazer com eles; entre si vivem mui amigavelmente, como está claro. Pois qual vos parece maior penedo ⁶³ para desfazer?

62. Cf. Rom. 1, 18-23.

63. *Penedo*. No ms. «*pimido*», termo desconhecido, erro do copista, por «*pinedo*» ao que parece. Não acertamos com outro vocábulo mais próximo, coerente com o sentido da frase — coisa confrontada, dura para desfazer: «Coisa de penedo ou dura como hum penedo», traz RAFAEL BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez* (Lisboa 1720), verb. «*Penedo*».

Gonçalo Alvares

De ruim gado não há que escolher. Mas, todavia, queria que me respondêsseis às razões de riba mais distintamente.

Mateus Nogueira

Pelo que está dito, bem clara está a resposta.

APENDICES

APÊNDICE A

*Bula de Paulo III, «Sublimis Deus», de 2 de Junho
(IV Nonas Junii) de 1537*

Paulo, bispo servo dos servos de Deus: A todos os cristãos, que as presentes letras virem, saúde e bênção apostólica.

O excelso Deus amou de tal maneira o género humano, que fez o homem de tal condição, que fosse não só participante do bem como as demais criaturas, mas também pudesse alcançar e ver face a face o Bem sumo inacessível; e como, segundo o próprio testemunho da Sagrada Escritura, o homem tenha sido criado para alcançar a vida e felicidade eternas, e esta vida e felicidade eternas nenhum a pode alcançar senão mediante a Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo: é necessário confessar que o homem é de tal condição e natureza que possa receber a Fé de Cristo, e que quem quer que tenha a natureza humana é hábil para receber a mesma fé, pois ninguém se supõe tão néscio que julgue poder alcançar o fim sem que por nenhum modo alcance o meio sumamente necessário.

A mesma Verdade, que nem pode enganar, nem ser enganada, quando mandava os Pregadores de sua Fé a exercitar este ofício, sabemos que disse: «Ide, e ensinai a todas as gentes». A todas disse, indiferentemente, porque todas são capazes de receber a doutrina da nossa Fé. Vendo isto, e invejando-o o comum inimigo da geração humana, que sempre se opõe às boas obras para que pereçam, inventou um modo, nunca dantes ouvido, para estorvar que a palavra de Deus não se pregasse às gentes, nem elas se salvassem. Para isto moveu alguns ministros seus, que desejosos de satisfazer a suas cobiças, presumem afirmar a cada passo que os Índios das partes Ocidentais e Meridionais e as mais gentes, que nestes nossos tempos têm chegado à nossa no-

tícia, hão-de ser tratados, e reduzidos a nosso serviço como animais brutos, a título de que são inábeis para a Fé Católica; e com pretexto de que são incapazes de recebê-la, os põem em dura servidão, e os afligem e oprimem tanto, que ainda a servidão em que têm suas bestas, apenas é tão grande, como aquela com que afligem a esta gente.

Nós pois, que, embora indigno, temos as vezes de Deus na terra, e procuramos com todas as forças achar suas ovelhas, que andam perdidas fora do seu rebanho, para reduzi-las a ele, pois este é o nosso ofício: conhecendo que aqueles mesmos Índios, como verdadeiros homens, não somente são capazes da Fé de Cristo, senão que acodem a ela, correndo com grandíssima prontidão, segundo nos consta; e querendo prover nestas coisas de remédio conveniente, com autoridade Apostólica, pelo teor das presentes, determinamos e declaramos que os ditos Índios e todas as mais gentes, que daqui em diante vierem à notícia dos Cristãos, ainda que estejam fora da Fé de Cristo, não estão privados, nem devem sê-lo, de sua liberdade, nem do domínio de seus bens, e que não devem ser reduzidos a servidão: declarando que os ditos Índios e as demais gentes hão-de ser atraídas e convidadas à dita Fé de Cristo, com a pregação da palavra divina, e com o exemplo de boa vida. E tudo o que em contrário desta determinação se fizer, seja em si de nenhum valor, nem firmeza; não obstante quaisquer coisas em contrário, nem as sobreditas, nem outras, em qualquer maneira. Dada em Roma, ano de 1537 aos 2 de Junho, no ano terceiro de nosso Pontificado.

[MARIANO CUEVAS, *Documentos inéditos del siglo XVI para la historia de México* (México 1914) 88/89 (fac-símile desta bula), 84-86 (tradução espanhola)].

— «A bula «*Sublimis Deus*» [«O Excelso Deus»] tem a certa altura as duas palavras «*Veritas ipsa*» [«A mesma verdade»] como se vê no texto. Por muito tempo se publicou a bula, apenas destas palavras em diante, começando elas a figurar como se fossem título de bula. Assim a publicou Simão de Vasconcelos, *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil: e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo. Tomo Primeiro da entrada da Companhia de Jesu nas partes do Brasil & dos fundamentos*

que nella lançarão, & continuarão seus Religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manoel da Nobrega, com sua vida & morte digna de memoria: e algumas noticias antecedentes curiosas necessarias das cousas daquelle Estado (Lisboa 1663), Livro II das noticias § 6 (texto latino), § 7 (tradução portuguesa). Daí a tirou Capistrano de Abreu, com o título de «Veritas ipsa», para Porto Seguro (Francisco Adolfo Varnhagen), *História Geral do Brasil* I, 4.^a ed. (São Paulo s. d.) 60.

Esta bula «Sublimis Deus», de 2 de Junho (IV Nonas Junii) de 1537, foi precedida do breve «Pastorale Officium» de 29 de Maio (que corresponde ao IV Kal. Junii) do mesmo ano de 1537. Como se referem ao mesmo assunto confundem-se com facilidade, assim como as respectivas datas. A «Sublimis Deus» expõe a doutrina, relativa aos Índios da América Espanhola; o breve «Pastorale Officium», que comina a pena de excomunhão «latæ sententiae», pode ver-se em Francisco Javier Hernáez, *Collección de bulas, breves y otros documentos relativos a la Iglesia de América y Filipinas*, I (Bruxelas 1879) 101-102. Outra bibliografia, Cf. Robert Ricard, *La «Conquête spirituelle» du Mexique* (Paris 1933) III. Convém observar que, pela leitura da «Sublimis Deus», o que é específico da América, principia realmente só nas palavras «Veritas ipsa», mas o preâmbulo é o seu fundamento doutrinal.

Embora a «Sublimis Deus» se destinasse à América Espanhola, a doutrina, que expressa, é a da Igreja. E é a de Nóbrega.

APÊNDICE B

*Carta de Luís da Grã a S. Inácio
Piratininga, 8 de Junho de 1556*

†

Jesus

A suma graça e eterno amor de Cristo Jesus seja sempre em nosso contínuo favor.

[1. Nóbrega vai para a Baía e deixa Grã em seu lugar]

Da Baía escrevi a V.^o Paternidade pelo Natal de 1554¹, prestes a partir para esta Capitania de São Vicente, onde estou ao presente e na viagem se passaram cinco meses. Achei o P. Manuel da Nóbrega de saúde com todos os Irmãos, ainda que ele muito a miúdo se sente com algumas indisposições, e assim doente partiu agora para a Baía dois ou três dias antes do Pentecos-

1. No ms. está 1555, assim como na carta da Baía, a que alude, de 27 de Dezembro de 1555. Como no fim deste ano, Grã residia em São Vicente, dissemos, ao preparar no Brasil em 1939 a edição de *Novas Cartas*, que a data de 1555 não poderia ser e que seria 1553 ou 1554 (*Novas Cartas Jesuíticas*, 160; *História*, VIII, 284). Estudando agora de propósito este ponto, com mais elementos do que então dispúnhamos, determinamos a data positiva de 1554. Luís da Grã escreveu 1555, pelo uso ainda então corrente em Portugal de iniciar o ano novo no dia de Natal (25 de Dezembro). De maneira que para ele já era Natal de 1555 o que segundo a cronologia actual — de principiar o ano no dia da Circuncisão — ainda é Natal de 1554. Mas nem todas as cartas do Brasil, escritas nesse tempo entre 25 e 31 de Dezembro, seguem o mesmo estilo. A carta de Anchieta do último de Dezembro de 1556, vê-se pela crítica interna que não é de 1555 mas realmente de 1556, em que já era Superior de São Vicente o P. Luís da Grã, depois da ida de Nóbrega para a Baía (*Cartas de Anchieta*, 95).

tes, e há bem dois anos, que esperava por embarcação, e não a pôde achar que fosse a propósito senão agora ².

[2. Casas e Irmãos da Companhia de Jesus no Brasil]

Deixou-me em seu lugar e darei brevemente relação das coisas desta Capitania, que ao presente não residem os da Companhia senão na Baía, onde estão o P. Ambrósio Pires, o P. António Pires, e os Irmãos João Gonçalves, António Blázquez, Pedro de Gois. No Espírito Santo está o P. Brás Lourenço e o Irmão António de Atouguia. Aqui nesta Capitania somos, repartidos em três Casas ³, eu e os Padres Manuel de Paiva, Vicente Rodrigues, Afonso Brás, com os Irmãos José ⁴, Gregório Serrão, Gonçalo de Oliveira, Gaspar Lourenço, Manuel de Chaves, Diogo Jácome, Mateus Nogueira, Simão Gonçalves. Levou o P. Manuel da Nóbrega consigo o P. Francisco Pires, e os Irmãos António Rodrigues, Fabiano ⁵, António Gonçalves ⁶, e Francisco de Lucena. O P. Navarro penso que estará na Baía também, porque veio duma entrada que fez ⁷. Não o vi depois que chegou.

Não há mais da Companhia nestas partes ⁸, senão um clérigo ⁹, que

2. O Pentecostes de 1556 foi a 24 de Maio e Nóbrega deixou o porto de São Vicente no dia 23, chegando à Baía a 30 de Julho (LEITE, *História*, IX, 423). Segundo a carta de Grã teria embarcado de terra para bordo um ou dois dias antes.

3. São Paulo, Gerebatiba e São Vicente.

4. José de Anchieta.

5. Fabiano de Lucena, que o P. Nóbrega deixou na Capitania do Espírito Santo (*Cartas Avulsas*, 153; *Bras.* 5 (1), Ir).

6. Cf. nota 8.

7. O P. João de Azpilcueta Navarro voltou em 1555 da entrada de Porto Seguro ao Rio de S. Francisco (LEITE, *História*, VIII, 83).

8. Estava o Ir. (depois Padre) Leonardo do Vale, recebido na Companhia em 1553. Identificamo-lo com o Ir. António do Vale (LEITE, *História*, IX, 169), que residia na Baía em 1558 (*Bras.* 5 (1), Ir). Será o mesmo a quem Luís da Grã chama aqui António Gonçalves? Alguma obscuridade há neste ponto, que convém ao menos enunciar dada a importância adquirida modernamente depois que se revelou ser o autor do primeiro «Vocabulário na Língua Brasílica». O caso apresenta-se assim: Em 1554 há na Capitania de São Vicente um Irmão que se diz só António; em 1556 (nesta carta), António Gonçalves; em 1558, António do Vale; em 1560, Leonardo do Vale. Quando se fala de António Gonçalves, omite-se António do Vale e vice-versa; e quando se fala, pela primeira vez, de Leonardo do Vale não se fala de António Gonçalves

ainda há pouco saiu da primeira provação, nem parece que em toda esta costa do Brasil poderá haver tão depressa pessoas suficientes para a Companhia, porque os mestiços, que cá se dizem mamalucos, não têm talento para ela. Fez-se a experiência nos que pareciam mais aptos e não só não corresponderam à expectativa, mas ainda foi preciso lançá-los da nossa conversação para não causarem algum descrédito nos outros. Por isso parecia ser necessário que V.^a Paternidade provesse estas partes dalguns Irmãos, porque além de ser a vinha do Senhor tão larga, que demasiado há em que estender-se, somos muito poucos para a divisão tão necessária a quem há-de tratar com gente tão espargida.

E porque o Senhor Nosso se dignou visitar-nos com as Constituições que nos V.^a Paternidade enviou por via do P. Doutor Torres, do que demos graças a Deus Nosso Senhor, a quem ainda as dou; porque havendo-me tanto tempo comunicado desejos delas e avivado o espírito com o lume que por meio delas vou adquirindo, achei a todos os Irmãos companheiros nos mesmos desejos e alegria no Senhor Nosso. Mas, por chegarem ao mesmo tempo que o P. Nóbrega partia, não tivemos espaço para tratar das coisas como parecia ser expediente, trabalharei com a graça divina de fazer que nos acomodememos quanto mais possível for, pela diversidade da terra.

nem de António do Vale. Importa saber que em 1560 chegou à Baía outro Ir. António Gonçalves, de Lisboa, entrado na Companhia em Portugal seis anos antes e que faleceu no Rio de Janeiro em 1611 (LEITE, *História*, VIII, 273). E ocorre-nos que para se distinguir não só deste, mas ainda de mais três Antónios, residentes na Baía (P. António Pires e Irmãos António Rodrigues e António Blázquez), António (Gonçalves) do Vale adoptasse o nome de Leonardo em memória do P. Leonardo Nunes que o tivesse acolhido na Casa de São Vicente. Tentativa — apenas — de solução para um facto que se apresenta positivo, a saber: que Leonardo do Vale, natural de Bragança, entrou na Companhia no Brasil em 1553, e o seu nome, que devia aparecer nas listas precedentes, surge *pela primeira vez*, na Baía, já Padre, por 1560, fazendo logo (Piratininga, 1560) os votos de Coadjutor Espiritual formado recebidos por Nóbrega (assinatura autógrafa só *Leonardo*, mas no princípio: «Ego Leonardus do Vale», *Lus. I*, f. 137r). E nem então, nem depois, se torna a falar do António Gonçalves de 1556, nem do António do Vale de 1558. Se a data dos votos de Leonardo do Vale (Piratininga, 1560) se pode compaginar ou não com a sua estada na Baía não cabe examiná-lo aqui. A ausência do seu nome na lista do P. Grã, sim, porque se apresenta como completa e nela se nomeiam Gonçalo de Oliveira e Gaspar Lourenço entrados meninos como Leonardo, o que em certo modo reforça a identificação sugerida.

9. P. Fernão Luís, que mais tarde assistiria à morte de Martim Afonso Tibiriçá (1562) e do P. Manuel da Nóbrega (1570). Cf. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo*, 78, 107.

[3. *Leonardo Nunes faz a Casa de São Vicente e Nóbrega a de Piratininga*]

O P. Nóbrega enviou a esta Capitania, logo ao princípio que veio, o P. Leonardo Nunes¹⁰, que agora temos por certo fez naufrágio¹¹, sendo mandado a V.^a Paternidade com larga informação das coisas de cá.

Deu ele princípio a uma casa em São Vicente, onde recolheu a muitos mamalucos e filhos dos Índios, dos quais havia mais de 50; ele os sustentava com demasiado trabalho da sua pessoa, que a outro que não tivesse as suas forças não seria possível; e, assim por isso como pelo modo com que adquiria o sustento para os meninos, não contentou ao P. Nóbrega quando veio a esta Capitania, e mudou os meninos para esta Casa de Piratininga, que aqui fez¹², muito boa, e no melhor lugar que se podia escolher. Estes meninos não aturaram porque os que tinham idade foram-se; outros, como a Casa está entre os seus, estão em casa dos seus pais, e daí vem que se desprendem de nós. Quando aqui cheguei ainda havia alguns, que fizeram o mesmo.

[4. *Meios de sustentação*]

Um Irmão que se dizia Pero Correia — a quem com outro Irmão que se dizia Sousa¹³, que os Índios mataram¹⁴, como V.^a Paternidade terá sabido por outras — fez doação à Congregação dos Meninos, que em São Vicente havia, dos seus bens, dos quais são umas terras onde se podem fazer mantimentos como estas do Brasil, e certas vacas, que se vão multiplicando. De maneira que agora nós estamos de posse delas e do seu leite se mantêm os Irmãos de Piratininga, e de roças, que com escravos de casa fazia um homem

10. O P. Nóbrega chegou à Baía a 29 de Março de 1549 e enviou o P. Leonardo Nunes para São Vicente sete ou oito meses depois, em Novembro: «ao princípio», maneira comum de falar de acções passadas não muito distantes entre si, mas sem envolver, como se vê, a ideia precisa de coincidência. Facto positivo este que se deve ter presente, quando se usa a mesma expressão «ao princípio», aplicada a Piratininga (LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo*, 90).

11. Leonardo Nunes naufragou e faleceu a 30 de Junho de 1554 (LEITE, *História*, IX, 16).

12. 25 de Janeiro de 1554.

13. João de Sousa.

14. Pelos fins de 1554.

casado, e com o trabalho de um Irmão ferreiro que há dias ¹⁵ se tinha recebido, e com que El-Rei dá de mantimento e vestimenta aos dez que primeiro vieram ao Brasil¹⁶, dos quais dois são mortos ¹⁷, que é um cruzado a cada um cada mês, e de vestir. Isto quanto ao temporal, no qual me pareceu consultar a V.^a Paternidade em certas dúvidas.

Primeiramente, isto que El-Rei manda dar aos Padres não parece convir, porque é como soldo, e nos livros do Almoxarife se fala por estes termos: «Fulano da Companhia tem vencido tanto do seu ordenado» ¹⁸. Parece que é estipêndio e demasiadas vezes o dizem, que Sua Alteza nos dá aquilo para que residamos em suas povoações dos Brancos, e ainda não instaram que tivéssemos cura de almas, pois El-Rei nos dava estipêndio por isso, não sendo assim, senão por pura esmola. Ocorria-nos que se devia largar aquilo, quando não se applicasse a Colégio, e não ser conveniente andarem nomeados Irmãos.

É também dúvida se o ofício que faz o Irmão Nogueira, de ferreiro, fazendo obra aos Índios em troca dos seus mantimentos, se é repugnante às Constituições, do que ainda usamos até ver a resposta. Ele já é velho e doente.

Quanto às vacas, do seu leite se mantêm os Irmãos até que venha resposta de Portugal que se fará delas, pois não há meninos em Casa, nem se podem ter em Casa pessoas de fora, nem para instruir nas coisas da fé nem em costumes, segundo se diz numa das regras do ofício do Reitor.

[5. Nóbrega quer que a Casa de Piratininga seja Colégio]

Acerca disto, o P. Nóbrega muito deseja ser esta Casa de Piratininga Colégio da Companhia, por ser aqui escala para muitas nações dos Índios. Obsta a isso não ter com que se possa manter, pois as vacas são dos meninos

15. Mateus Nogueira, o do Diálogo, foi do Espírito Santo para São Vicente com o P. Leonardo Nunes em 1549, e desde então se considerou recebido na Companhia; mas canonicamente talvez só o fosse depois da chegada de Nóbrega em 1553.

16. Seis da primeira expedição (1549) e quatro da segunda (1550) (LEITE, *História*, I, 560).

17. Salvador Rodrigues († 1553) e Leonardo Nunes († 1554).

18. Talvez com o tempo se tivesse introduzido esta fórmula, mas os primeiros mandados de pagamento diziam do seu «mantimento» (LEITE, *História*, I, 33).

da terra, entre os quais estavam os que Pero Doménico cá mandou¹⁹. Se nos fosse expediente fazer granjearia de mantimentos com escravos que se podiam haver, bem se manteriam pela bondade da terra, mas não penso pela muita distracção que nisso há. E assim o P. Nóbrega escreve ao P. Doutor Torres para que El-Rei dê certos dízimos, que ele tem de um lugar aqui vizinho, com os quais se poderá principiar um Colégio²⁰.

Os meninos somos cá de parecer não nos encarregar de os ter em casa, se não se tem modo para que algum de fora lhes procure o comer e o necessário, e a nós fique o assunto do seu ensino; e isto se poderia fazer nas povoações dos Brancos, o qual todavia nesta Capitania não pode ser pela pobreza da terra. Nas Aldeias não é necessário estando entre os seus.

Ao presente na Casa de São Vicente estão dois e até seis com trabalho, contudo podiam-se manter de esmola, como de porta em porta a pedem com umas sacolas.

Os que estão em Geraibatiba, de anzóis e facas, que faz o Irmão ferreiro, se mantêm, dando-os por seu comer.

Aqui em Piratininga, por nos acomodar às Constituições, desistimos de todo modo de granjear e damos um *certum quid* a um homem para que proveja a casa de pão, esperando que aquilo hajamos de esmola. Algum outro modo buscaremos para carne e peixe.

Entre os Índios não se pode introduzir pedir esmola, que é gente muito pobre e pouco industriosa para o ter; é necessário juntá-las entre os Brancos, e enviar-se em resgate do que se usa na terra, e os Brancos não têm que dar senão a farinha de raízes ou pão, que dela fazem, peixe e carne; dinheiros em toda esta Capitania não se usam, e em lugar deles só se usa açúcar ou ferramenta de ferro.

19. Os primeiros órfãos, enviados pelo P. Pero Doménech, fundador do Colégio dos Órfãos de Lisboa, chegaram à Baía em 1550. Eram sete. No ano seguinte mais dois. E ainda em 1555, já na administração de António Pinheiro chegaram 18 ou 20 à Baía. Cf. LEITE, *O primeiro embarque de órfãos para o Brasil*, em «Páginas», 71-80.

20. El-Rei «podia dar-nos alguns moios de arroz do dízimo e o dízimo da mandioca da vila de Santo André, que creio que tudo é menos do que nos cá dão» — escreve Nóbrega em 1556 (*Cartas de Nóbrega*, 154).

[6. Os Índios não permanecem no mesmo lugar]

Acerca dos Índios é a seguinte informação. O que maior dificuldade nos faz é a mudança contínua desta gente, que não atura num lugar senão muito pouco; porque como as casas de terra que usam, ou de palma, não duram mais que três ou quatro anos, vão fazer outras noutra lugar; e é também a causa que acabada uma novidade de mantimentos numa parte, buscam outra noutra parte, derrubando sempre para isso matos, como o fazem os Brancos; e, o que é pior, não se mudam juntos senão esparsos. Isto faz que é necessário gastar o tempo com pouca gente, e esta, quando se gastaram dois, três anos com ela, mudam-se e perde-se tudo, porque não é gente que persevere, se os deixam; e os rapazes dispersos seguem a seus pais. São também tão sem cuidado, que se vão ao mar fazer sal demoram-se logo um ano, e se vão ao campo muitos, primeiro que voltem. E muita dúvida temos se faremos cristãos a estes rapazes, porque como se mudam tanto e seguem os costumes de seus pais, ainda que não há nesta terra idolatria, senão certas santidades, que eles dizem que nem crêem nem deixam de crer, é perigo que sejam como eles.

[7. Poligamia e conceito de geração dos Índios]

Como nestes Índios a maior honra e riqueza é ter muitos filhos, assim o é ter muitas mulheres, mas na verdade nenhuma é mulher verdadeira senão concubina, porque as deixam cada vez que se lhes antolha, e porque a mais legítima mulher, entre eles, é a filha da irmã (e não assim a do irmão, que é como filha ²¹), porque têm para si que o menino não recebe carne da mãe, que é como um saco ²², senão do pai. É tanto o parentesco entre eles

21. Em carta também de 1536, anterior a esta, tratando de dispensas matrimoniais de direito positivo, diz Nóbrega que «é cá o seu verdadeiro casamento, a sobrinha, digo da parte da irmã, porque a filha do Irmão é entre eles como filha e não se casam com as tais» (*Cartas de Nóbrega*, 148).

22. Já em 1549, descrevendo Nóbrega a morte do cativo em terreiro, relata que se o cativo deixava filhos «os comiam, ainda que sejam seus sobrinhos e irmãos, declarando às vezes as próprias mães que só os pais têm parte neles» (*Cartas de Nóbrega*, 90); mas o conceito de

que um, que já seja cristão, não acha em duas ou três Aldeias vizinhas com quem possa casar; e porque o pecado da carne é tão devasso na terra, não ousamos baptizar aqueles que têm idade senão tiverem logo de casar.

E por isso bem vê V.^a Paternidade quanta necessidade há, de o Santo Padre dispensar com estes Índios em tudo o que toca ao direito positivo, tanto nos graus de consanguinidade como de afinidade, e o mesmo com os mamalucos. O da bula para estas dispensas serve mais para outras terras nas quais se usam casamentos entre os infiéis, mas os destas gerações por aqui não usam casamento como tenho dito. Um remédio usamos, com alguns que vemos hábeis para o baptismo e catequizados suficientemente, que lhes ensinamos que casem antes de ser baptizados, pela lei da natureza, para que quando os baptizarmos, achando-os já casados segundo a lei da natureza, possam perseverar no casamento, que é proibido sòmente pelo direito positivo, como concede a nossa bula e o direito canónico. Desejamos saber se havemos de baptizar aqueles que, além de serem suficientemente instruídos e não ter obstáculo de pecado nem perigo próximo dele, tem-se contudo experiência que chegando o tempo não só pecarão carnalmente, mas tomarão concubinas.

[8. *Dispersão e nudez dos Índios*]

No visitar estas Aldeias é a dificuldade que não é bem vá algum sòzinho, que são os caminhos com frequência de mulheres, por isso muito cheios de ocasiões, e é muito necessário andarmos todos num santo temor; e somos tão poucos e tão distantes as Aldeias e tão pequenas que não podemos acudir a muitas como é mister, e estar num lugar só é gastar com poucos o tempo que aliás podia servir a muitos.

O Bispo faz muito caso de que andem nus os Índios e diz pecarem nisso contra a natureza e não lhe quadra que assim se baptizem e entrem na Igreja. Nós dissimulamos, porque não têm eles de que se vestir nem cobrir, nem nós lho podemos dar, que eles de boa vontade andariam vestidos.

«mulher-saco», assim explicitamente expresso, parece que nesta carta de Luís da Grã é a primeira vez que se declara.

O que tenho por maior obstáculo, para a gente de todas estas nações, é a sua própria condição, que nenhuma coisa sentem muito, nem perda espiritual nem temporal sua, de nenhuma coisa têm sentimento muito sensível, nem que lhes dure; e assim as suas contrições, os seus desejos de serem bons, tudo é tão remisso, que não se pode homem certificar dele. As mulheres têm mais viveza nisto, e muito mais se aplicam ao bem. Os homens até 18 e 20 anos dão boa mostra, daí em diante começam a beber e fazem-se tão rudes e tão ruins, que não é de crer. Este é o pecado de que parece menos se emendarão, porque muito pouco é o tempo que não estejam bêbados; e, nestes vinhos que eles fazem de todas as coisas, se tratam todas as malícias e desonestidades: na verdade este seu vinho, assim grosso, é comer e beber, e muitas vezes não comem outra coisa.

Até agora procuramos haver rapazes para Colégios. Temos visto que lhes não podemos ordenar vida, porque para lhes fazer aprender ofícios mecânicos não há oficiais, nem esses ofícios são para poderem viver entre os seus, nem aturam neles, porque a estes não se lhes há-de bater nem até falar mais rijo, porque não se usa entre eles, que não há pai que jamais bata no filho; e falar grosso a um sentem-no mais entre eles que bater. Além disto, como nós não podemos ter congregação de mulheres, que em meninas aprendam e se tirem dos costumes das suas, se já não houver entre os Brancos mulheres velhas e honestas que as ensinassem e El-Rei provesse como se sustentem, não têm os moços, que assim recolhemos, com quem casar senão com índias. E como o sogro nesta terra tem o marido da filha sujeito e os irmãos dela ao cunhado, a todo o tempo lha tirariam. Por isso ensinar nas Aldeias é ganhar a todos.

Isto me ocorreu que consultar a V.^a Paternidade para que nos mande particular modo de proceder nestas coisas, que parecem as universais e que mais darão inteligência para as coisas de cá.

O P. Nóbrega vendo que não vinha Bispo a esta terra, por quem até agora esperamos, para fazer a nossa profissão, nem se espera virá, e nos dizem que o mandam ir para o Reino ²³, e nesta terra não haver mais nenhum prelado, nem parecer podermo-nos ver tão cedo um ao outro, se determinou que fizéssemos as nossas profissões *sub conditione* se a V.^a Paternidade aprovesse ser assim, e senão as faríamos como V.^a Paternidade ordenasse. E desta maneira, a 26 de Abril de 1556, que era terceira dominga depois da Páscoa, na nossa Igreja de São Vicente, diante dos da casa e de todo o povo, a fiz em mãos do P. Provincial Manuel da Nóbrega, como prelado que é qualquer Provincial, ainda que é dúvida por ser prelado na Companhia; e ele a fez logo nas minhas, como em mãos de professo. Se não acertámos avise-nos V.^a Paternidade.

Por agora nada mais, senão que V.^a Paternidade tenha destes seus filhos lembrança diante do Senhor como as nossas necessidades e a paternal caridade, que com todos usa, requer. E nos deite a sua bênção.

[12. Nóbrega encarregou Anchieta de escrever as cartas de edificação e de notícias]

Fiz menção sòmente destas coisas que haviam mister consultadas; e as outras, de edificação e notícias de cá, escreverá o Ir. José a quem o Provincial deu esse cargo ²⁴.

De Piratininga, desta Capitania de São Vicente, a 8 de Junho de 1556.
Inútil filho de V.^a Paternidade,

LUIS DA GRÃ

[Endereço autógrafo:] † Ao muito Reverendo em Cristo Padre, o Pa-

23. «Por este navio soubemos como El-Rei mandava ir o Bispo de cá» (*Cartas de Nóbrega*, 147). Quando esta carta de Grã se escrevia já D. Pedro Fernandes Sardinha ia a caminho ou se preparava, para a viagem em que naufragou e o mataram os índios Caetés na data, que se costuma dar, de 16 de Junho de 1556 (LEITE, *História*, II, 520).

24. Cf. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo*, 53, 68.

dre Mestre Inácio, Prepósito Geral da Companhia de Jesus. 2.^a via, Archivum Romanum S. I., *Brasília* 3 (I), ff. 146v-149v. [Carta toda autógrafa, em espanhol, que traduzimos literalmente em português]²⁵.

25. Ainda que o P. Luís da Grã não ocupa toda a carta a tratar da conversão do gentio, pareceu útil deixá-la aqui na íntegra por ser inédita e pela oportunidade de servir à história de São Paulo de Piratininga. Nóbrega refere-se aos assuntos desta carta, na sua ao P. Geral Diogo Laynez, de São Vicente, 12 de Junho de 1561 (*Novas Cartas Jesuíticas*, 102-112); e responde-lhe o mesmo Geral, de Trento, 16 de Dezembro de 1562, aprovando as suas propostas e que comunique o seu parecer ao P. Provincial Luís da Grã (MHSI, *Laines*, VI, 577-580; cf. LEITE, *História*, IX, 427).

ÍNDICES

ÍNDICE ALFABÉTICO

Abrantes: 37.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: 8, 9, 50.

África: 14, 47.

Alcântara Machado A. de: Escritor. 9.

Aldeia do Espírito Santo (Abrantes): 32-38, 45.

Aldeia do Gato: 74.

Aldeia de Gerebatiba: 47, 110, 114.

Aldeia de Maniçoba: 96, 99.

Aldeia de Piratininga: — Ver *São Paulo*.

Aldeia de Santo Antônio: 98.

ALDEIAS: 28, 114; necessidade como elemento de fixação, 27; da doutrina, 22, 32-38; tríplice característica, 36; da Baía, 42, 35-38; de São Vicente, pequenas e dispersas, 116.

Almeida, Fortunato de: Escritor. 8, 86, 87.

Alvarenga, Oneyda: 8, 17.

Alvares, Gonzalo: Intérprete. Vida, 45-47; 48, 73.

Amazonas: 17, 87.

América: 25, 107.

América Espanhola: 14, 15, 18, 27, 107.

América Portuguesa: 18.

Anchieta, José de: Encarregado por Nóbrega de escrever as cartas de edificação e de notícias, 118; 8, 41, 42, 90, 98, 99, 109, 110.

ANTROPOFAGIA: — Ver *ÍNDIOS*.

Aragão: 87.

Arariboia: — Ver *Índio*.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU: 8, 24.

Atouguia, Antônio de: 110.

Ayrosa, Plínio: Escritor. 8, 9, 76.

Azevedo, B. Inácio de: Visitador do Brasil. 28.

Azevedo, J. Lúcio de: Escritor. 9, 10, 22, 86.

Azpilcueta Navarro, João de: 110.

Baía: 15, 19, 28, 37, 42, 48, 89, 90, 98, 109, 110.

Baldus, Herbert: Escritor. 8, 14.

BAPTISMO: 32-36, 116. — Ver CONVERSÃO.

Barroso, Gustavo: Escritor. 8, 89.

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO: 8, 99.

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA: 8, 49.

Blázquez, António: 110.

Bluteau, Rafael: Escritor. 101.

Bragança: 111.

Brás, Afonso: 110.

Brasil: Não «conquista», mas «formação», 26-28; os seus moradores não podem viver, nem conservar-se sem Índios, 37; 7, 14, 19; e *passim*.

Cabral, Pedro Álvares: Descobridor do Brasil. 17.

Caiubi: — Ver Índio.

Caminha, Pero Vaz de: 17.

Camões, Luís de: Poeta. 8, 14, 73, 78.

CANTO: 35.

Capistrano de Abreu, João: Escritor. 8, 9, 90.

Caramuru, Diogo Álvares: Primeiro povoador da Baía. 24.

Cardim, Fernão: Escritor. 8, 35, 36, 38.

CASAMENTOS: Nóbrega e Grã pedem dispensa do direito positivo para Índios e Mamalucos, 115-116.

CATEQUESE: Conjunto de actos, 21-22, 45; solução pedagógica, 19, 21; prática (a Aldeia do Espírito Santo) 32-38. — Ver CONVERSÃO.

Caxa, Quirício: 30, 42.

CELTAS: 92.

Chaves, Manuel de: 110.

Coimbra: 29, 89.

COLÉGIO DA BAÍA: 30.

COLÉGIO DE COIMBRA: 29.

COLÉGIO DO RIO DE JANEIRO: 32.

COLÉGIO DE SÃO PAULO: Fundado pelo P. Manuel da Nóbrega, 112; meios de sustentação, 112-113.

COLÉGIO DE SÃO VICENTE: 41, 112.

COMPANHIA DE JESUS: 13; e *passim*.

CONCÍLIO DE TOLEDO: 87.

CONFISSÃO DE ÍNDIOS: 35, 101.

CONFRARIA DE MENINOS: 112.

CONVERSÃO: Definição, 13-16;

brega, 22, 25; os adultos, 36, 45; o problema da perseverança, 22, 24; obra também de Deus, 23-24, 100; Índios convertidos, 98-100; as suas confissões, 35, 100; admitidos à comunhão, 35, 98; o «Diálogo sobre a Conversão do Gentio», 73-102. — Ver CATEQUESE.

Correia, Pero: 90, 100; dá os seus bens aos Meninos, 112.

Cortesão, Jaime: Escritor. 9.

Costa, D. Duarte da: Governador do Brasil. 89.

Cuba: 14.

Cuevas, Mariano: Escritor. 106.

Doménech, Pero: 114.

Dourado, Mecenas: Escritor. 9.

EDUCAÇÃO: Escola de Meninos índios, 32, 34; método preferido por Nóbrega para a conversão, 19-21; 114. — Ver COLÉGIO.

ESCRAVATURA: 29-31.

Espanha: 97.

Espírito Santo (Aldeia): — Ver Aldeia.

Espírito Santo (Capitania): 15, 46, 47, 88, 89, 110.

ETNOLOGIA: Dos Tupinambás, 15-17. — Ver ÍNDIOS.

EUCARISTIA: 35, 98.

Europa: 98.

Évora: 49, 50.

Fernandes, Vasco (o «Gato»): — Ver Índio.

Fernandes Coutinho, Vasco: Donatário do Espírito Santo. 74.

Figueiredo, Cândido de: Escritor. 13.

FRANCESES: 22, 32, 74, 89, 90.

Franco, António: Escritor. 49.

Garcia, Rodolfo: Escritor. 8, 9, 89.

García Villada, Zacarías: Escritor. 9, 87, 97.

GENTIO: Definição, 13-14; 23, 90; «Diálogo sobre a Conversão do Gentio», 73-102. — Ver ÍNDIOS.

Gerebatiba: — Ver Aldeia.

Gois, Pedro de: 110.

Gonçalves, João: Primeiro Mestre de Noviços no Brasil. 32, 110.

Gonçalves, António (1): 110.

Gonçalves, António (2): 111.

Gonçalves, Simão: 110.

Gouveia, Cristóvão de: Visitador do Brasil. 35.

Grã, Luís da: 2.º Provincial do Brasil, sucessor de Nóbrega. No Espírito Santo, 46, 73; faz a profissão, 118; informação dos Índios, parentesco e conceito de geração, 115-117; sobre os meios de sustentação de Piratininga, 113-114; carta inédita, 109-119; 19, 20, 34, 41, 42, 89.

Griaule: Escritor. 19.

Guanabara: 22, 75.

Guarda: 79.

Guiné: 42.

Hanke, Lewis: Escritor. 9, 14, 15, 27.

Hernández, Francisco Javier: Escritor. 9, 28, 107.

HOLANDESES: Na Baía, 37.

Huby, Joseph: Escritor. 9, 92.

Ilhéus: 90.

Índio Caiubi: Principal de Gerebatiba. 98, 99.

— Fernão Correia: 99.

— Gato Grande: — Ver Vasco Fernandes.

— Maracajaguaçu: — Ver Vasco Fernandes.

— Pero Lopes: 98.

— Sebastião de Lemos: 46.

— Tibiriçá (Martim Afonso): Principal de Piratininga. 88, 98, 111.

— Vasco Fernandes (o «Gato Grande»): 46, 73, 74.

ÍNDIOS: Diversidade, 14-15; capacidade, 18, 20, 42; dificuldades opostas à conversão, 25; nenhuma coisa sentem muito, 117; fáceis em dizer sim e não, 22, 76, 117; não têm idolatria, 74, 115; não professam o ateísmo, 17; antropofagia, 18, 20, 23, 25-28, 45, 73, 99; vitória sobre a antropofagia, 99; os seus vinhos, 117; poligamia, 27, 32, 33, 115-116; a «mulher-saco», 115; parentescos, 115-116; casamentos, 32-34; dispensas matrimoniais de direito positivo, 115-116; o problema do vestido, 28, 116; dispersão pelos matos, 27; não constituíam Estado autónomo, 26; sujeição ao Estado do Brasil, 27; Protecção dos Índios, 25; Nóbrega defende a sua liberdade, 29-31; Casas de rapazes e meninas índias, 20-21; aprendem ofícios, 21; festas à sua maneira e à portuguesa, 35-36; serviços na defesa da Baía, 37. — Ver CONVERSÃO.

ÍNDIOS AIMURÉS: 15, 90.

— ARAUCANOS: 15.

— AZTECAS: 14.

INDIOS BRASIS: 75.

- CARIBES: 14.
- CARIJÓS: 15, 42, 99.
- CHIBCHAS: 14.
- CHIRIGUANOS: 14.
- COMECHINGÓN: 15.
- COYAS: 14.
- DIAGUITAS: 14-15.
- DO GATO: 73-74.
- GUARANIS: 15.
- INCAS: 14.
- JIBAROS: 14.
- JURIS: 15.
- LULES: 15.
- MAYAS: 14.
- OTOMIS: 14.
- PAPANÁS: 88.
- TAHINOS: 14.
- TAMOIOS: 15, 22, 74, 90.
- TEKESTAS: 14.
- TUPINAMBAS: 15.
- TUPINAQUINS: 15, 99.
- TUPIS: 22.
- YUNGAS: 14.
- UROS: 14.

INSTRUÇÃO: — Ver EDUCAÇÃO.

Iberoig: 22.

Iria, Alberto: Escritor. 27.

Jácome, Diogo: 110.

João III, D.: Rei de Portugal. O que manda dar aos Padres, 113; 73.

JUDEUS: 14, 86.

Juromenha, Visconde de: Escritor. 9, 78.

Lange, Hermann: Escritor. 100.

Las Casas, Bartolomé de: Escritor. 15, 27.

Laynes, Diogo: Geral da Companhia de Jesus. 19, 21, 119.

Leenhardt, Maurício: Escritor. 19.

Leitão, D. Pedro: Bispo do Brasil. 28.
Leite, Serafim: Escritor. 9; e *passim*.
Lemos, Sebastião de: — Ver Índio.
Levillier, Roberto: Escritor. 9, 14, 15.
Levy-Bruhl: Escritor. 18, 19.
LIBERDADE DOS ÍNDIOS: 31, 42.
LÍNGUA TUPI: 15, 24.
Lourenço, Brás: Superior do Espírito Santo. 46, 73, 89, 110.
Lourenço, Gaspar: 110, 111.
Lucena, Fabiano de: 46, 110.
Lucena, Francisco de: 110.
Luís, Fernão: 111.

Machado, Diogo: 24.
Mafamede: 92.
Maniçoba: — Ver *Aldeia*.
Manuel I, D.: Rei de Portugal. 44, 84.
Marinho, Júlio: Provincial de Portugal. 134.
Marrocos: 47.
Melo: 89.
Melo, João de: 32.
Mesquita Filho, Júlio de: Escritor. 9.
México: 18.
MISSÕES: 18, 22. — Ver ALDEIAS; ver CONVERSÃO.
Monteiro, Jácome: 75.
MUÇULMANOS: 14.
MÚSICA: 35.

Nóbrega, Manuel da: Fundador e 1.º Provincial da Companhia de Jesus no Brasil. Faz a profissão solene, 118; «Diálogo sobre a Conversão do Gentio», 73-102; a religião dos Tupinambás, 15-16; adaptação aos costumes indiferentes, 25; o seu método, 23-25; o seu pensamento sobre os Índios, 43-45; solução pedagógica, 19; doutrina da bula «Sublimis Deus», 107; promove a devoção eucarística, 98; informação do parentesco e geração dos Índios, 115; manda plantar algodoeiros, 28; funda São Paulo de Piratininga, 112; quer que seja Colégio fixo, 113; pede para isso dízimos a El-Rei, 114; o Padre Geral aprova as suas propostas, 119; rectidão de consciência, 29; o «Caso de Consciência» contra a escravização dos Índios, 30-31; a sua política na formação e unidade do Brasil, 26; fundação do Rio de Janeiro, 90; 7-9, 13, 15, 22, 107, 109, 111.

Nogueira, Mateus: Ferreiro. Vida, 47; 73, 79, 110.

Nova Caledónia: 19.

Nunes, Leonardo: Fundador do Colégio de São Vicente. 15, 47, 111, 112.

OFÍCIOS: O de tecelão, 28; mecânicos (dos Índios), 117.

O'Gorman, Edmundo: Escritor. 19.

Oliveira, Gonçalo de: 47, 110, 111.

Oliveira, Miguel de: Escritor. 9, 87.

ÓRFÃOS: De Lisboa ao Brasil, 114.

Pain-de-Mil: Corsário francês. 37.

Paiva, Manuel de: 110.

Paulo III: Papa. 18, 105.

Peixoto, Afrânio: Escritor. 8, 16, 17.

Pereira, Rui: 34.

Pérez de Urbel, Justo: Escritor. 97.

PESCARIAS: O «piraiqué», 75-76.

Pinheiro, António: Doutor. 114.

Pinto, Estêvão: Escritor. 9, 90.

Pio V: Papa. 28.

Piratininga: — Ver *São Paulo*.

Pires, Ambrósio: 110.

Pires, António: 110.

Pires, Francisco: 45, 46, 110.

Porto: 87.

Porto Seguro: 15, 29, 89, 90, 110.

Porto Seguro, Visconde de: Escritor. 9, 90, 107.

Portugal: Evangelizador, 25; e *passim*.

PRELOGISMO: 18-19.

PROTECÇÃO AOS ÍNDIOS: 25, 45.

RELIGIÃO: A «santidade» dos Índios, 15-17. — Ver ÍNDIOS.

Ricard, Robert: Escritor. 9, 107.

Rio de Janeiro: Fundação, 90; 32, 74, 89.

Rio de Joane: 32.

Rio Magé: 75.

Rio Negro: 17.

Rio Paraíba: 88.

Rio de S. Francisco: 24.

Rocha, D. Manuel dos Santos: Bispo de Priene. 134.

Rodrigues, António: Primeiro Mestre-Escola de São Paulo. Funda a Aldeia do Espírito Santo, 32; 99, 100.

Rodrigues, Vicente: Na Capitania de São Vicente, 110; 28.

Rouët de Journal, M. J.: Escritor. 9, 100.

Roma: 28.

Sá, António de: 45, 46.

Sá, Estácio de: Fundador do Rio de Janeiro. 90.

Sá, Mem de: Governador do Brasil. 28, 29, 32, 36, 48, 99.

Salvador: 32.

Sanfins: 29.

S. Agostinho: Doutor da Igreja. 49, 100.

Santo André da Borda do Campo: 114.

S. Gregório: Papa. 30-31.

S. Inácio: Fundador da Companhia de Jesus. 98, 109, 119.

S. Paulo: Apóstolo. 84, 95.

São Paulo de Piratininga: Nóbrega funda a Aldeia de Piratininga, 99; funda o Colégio de São Paulo, 112; 19, 28, 41, 42, 47, 79, 98, 99, 101, 110, 111.

S. Tiago: Apóstolo. 97.

São Vicente: Colégio fundado pelo P. Leonardo Nunes, 112; 15, 19, 20, 32, 42, 47, 48, 73, 74, 98, 109, 110, 111, 114.

S. Vicente da Beira: 79.

Sardinha, D. Pedro Fernandes: Bispo do Brasil. 118.

Schurhammer, Georg: Escritor. 9, 17.

Sepúlveda, João G. de: Escritor. 15.

Serrão, Gregório: 110.

Sesebuto: Rei dos Visigodos. 44, 87.

Soto, Domingos: Escritor. 30.

Sousa, João de: 112.

Sousa, Martim Afonso de: Donatário de São Vicente. 98.

Sousa, Pero Lopes de: 98.

Sousa, Tomé de: Governador do Brasil. 27, 28; no Rio de Janeiro, 74.

Tempels (Padre): 19.

Tibiricá: — Ver Índio.

Titicaca: 14.

Torres, Miguel de: Provincial de Portugal. 19, 114.

Trento: 21.

TUPI: — Ver ÍNDIOS; ver LÍNGUA.

Vale, António do: 110, 111.
Vale, Leonardo do: Escritor. 8, 9, 76, 110.
Vale Cabral, Alfredo do: Escritor. 8, 50.
Varnhagen, Francisco Adolfo: Escritor. — Ver Porto Seguro, Visconde de.
Vasconcelos, Simão de: Escritor. 10, 28, 90, 106.
Vaz, Francisco: Curador dos Meninos índios, 47.
Vicente, Gil: Poeta. 49.
Vieira, António: Escritor. 10, 22-24, 37.

Wicki, Josef: Escritor. 9, 10, 17.
Willems, Emílio: Escritor. 8, 14.



ÍNDICE GERAL

A PRESENTE EDIÇÃO	7
I. PRELIMINARES	11
1. A Conversão do Gentio do Brasil	13
2. A Sujeição do Gentio	26
3. As Aldeias da Doutrina	32
II. O DIALOGO	39
1. A sua ocasião próxima	41
2. O pensamento de Nóbrega	43
3. Interlocutores	45
4. Data	47
5. Carácter literário	48
6. Notícia do Texto	49
III. TEXTO APÓGRAFO (com notas críticas)	51
IV. TEXTO ACTUALIZADO (com comentário histórico)	71
APÊNDICES	103
A. Bula de Paulo III, « <i>Sublimis Deus</i> », de 2 de Junho de 1537	105
B. Carta inédita de Luís da Grã a S. Inácio, de Piratininga, 8 de Junho de 1556	109
ÍNDICE ALFABÉTICO	123
ÍNDICE GERAL	133